

(IN) -VER- SOS

entre músicas, corpos e periferias

Suzany Mariha Ferreira Feitoza

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
MESTRADO EM DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO

(IN)VERSOS

entre músicas, corpos e periferias

Suzany Marihá Ferreira Feitoza

Maceió . Alagoas
2022

Suzany Marihá Ferreira Feitoza

(IN)VERSOS

entre músicas, corpos e periferias

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Linha de pesquisa: Percepção, Conceituação e Representação do Espaço Habitado.

Orientadora: Maria Angélica da Silva

Maceió . Alagoas
2022

Catalogação na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

F311i Feitoza, Suzany Marihá Ferreira.
(In)versos : entre músicas, corpos e periferias / Suzany Marihá Ferreira Feitoza. – 2022.
269 f. : il. color.

Orientadora: Maria Angélica da Silva.
Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Maceió, 2022.

Bibliografia: f. 242-246.
Anexos: f. 250-269.

1. Experiências urbanas - Maceió (AL). 2. Corpo. 3. Música. 4. Rap (Música). I. Título.

CDU: 72:78(813.5)

SUZANY MARIHA FERREIRA FEITOZA

(IN)VERSOS: ENTRE MÚSICAS, CORPOS E PERIFERIAS

Dissertação apresentada à banca de Defesa do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, área de concentração em Dinâmicas do Espaço Habitado, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Aprovada em: 11/11/2022.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Maria Angélica da Silva – PPGAU/UFAL
Orientador

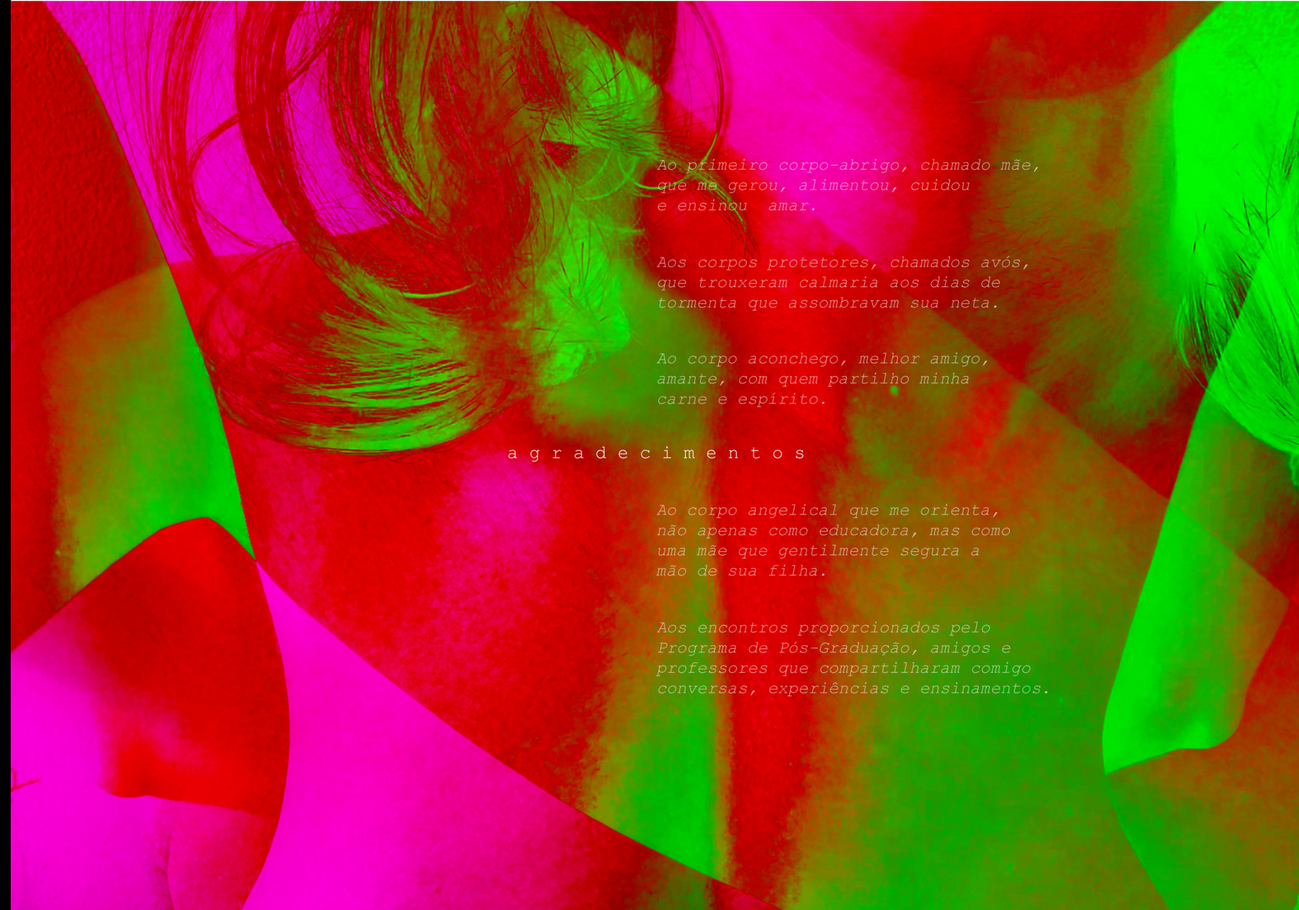
Prof.ª Dr.ª Louise Maria Martins Cerqueira – IFRO
Examinadora externa

Prof.ª Dr.ª Walter Matias Lima – PPGAU/UFAL
Examinador interno

Prof. Dr. Lindemberg Medeiros de Araújo – PPGAU/UFAL
Examinador interno

QR CODE 1

Para Jonathan Santos, Gutemberg dos Santos e todos os outros maloqueiros que já não estão aqui.



a g r a d e c i m e n t o s

Ao primeiro corpo-abrigo, chamado mãe, que me gerou, alimentou, cuidou e ensinou amar.

Aos corpos protetores, chamados avós, que trouxeram calmaria aos dias de tormenta que assombravam sua neta.

Ao corpo aconchego, melhor amigo, amante, com quem partilho minha carne e espírito.

Ao corpo angelical que me orienta, não apenas como educadora, mas como uma mãe que gentilmente segura a mão de sua filha.

Aos encontros proporcionados pelo Programa de Pós-Graduação, amigos e professores que compartilharam comigo conversas, experiências e ensinamentos.

RESUMO

Seria possível uma “amadora” que desconhece os estudos formais que envolvem teoria e prática da música, torná-la objeto e método de pesquisa? Seria ainda possível observar cidades através da música? Se sim, como fazer isso? Na busca por respostas para tais questionamentos imergiu-se no universo do rap maceioense, no sentido de refletir sobre as periferias de Maceió. Para isso, adotou-se percursos experimentais e errantes que, através da exploração do caminhar, da escuta, das memórias e das mídias digitais, se desdobraram em pequenas cartografias. A partir desses procedimentos, a dissertação apresenta-se em duas partes que buscaram refletir e contar histórias sobre as periferias, mas não apenas sobre elas, visto que margem e centro não se desconectam. A primeira parte aborda a cidade através das espacializações e do universo das sonoridades; a segunda, cola no corpo que canta, compõe, faz repente, habita e sobrevive, apresentando-se e produzindo, em gestos e vestes, a própria cidade.

Palavras-chave: Experiência urbana; Corpo; Música; Rap; Maceió.

ABSTRACT

Would be possible for an “amateur” who doesn’t know the formal studies involving music theory and practice to make it an object and method of research? Even more, would be possible to observe cities through music? If the answer is yes, how to do this? Looking for the answers to such questions, I dove into the universe of local rap, in order to reflect about another Maceió. For that, I chose an experimental method that, through the exploration of walking, listening, memories and digital media, unfolded in small cartographies. From these processes, the research is presented in two parts that tried to reflect and tell stories about the peripheries, but not only about them, as the margin and the center of any city are not disconnected. The first part approaches the city through spaces and the universe of sounds; the second paste to the body that sings, composes, makes rhymes, inhabits the city and survives. Through this, presents itself producing, in gestures and clothes, the city itself.

Keywords: Urban experience; Body; Music; Rap; Maceió.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Oficina Descasular, 2021. **30**
Figura 2: Fotomontagens desenvolvidas como parte da identidade visual do
I Nós – Congresso Internacional Estudos da Paisagem, 2021. **32**
Figura 03: Estrutura da dissertação. **34**
Figura 04: "Paraíso das águas passadas" – fotomontagem desenvolvida pela autora, 2022. **40**
Figura 05: Planície Litorânea - Prado, Trapiche e Vergel. **45**
Figura 06: Grotas - Jacintinho, Feitosa e Chã da Jaqueira. **49**
Figura 07: Tabuleiros - Benedito Bentes, Clima Bom e Tabuleiro dos Martins. **50**
Figura 08: "Na toca do coelho" - Fotomontagem produzida pela autora, 2020. **56**
Figura 09: Vergel do Lago – produzido pela autora, 2020. **62**
Figura 10: Trapiche da Barra – produzido pela autora, 2020. **64**
Figura 11: Prado – produzido pela autora, 2020. **67**
Figura 12: Feitosa – produzido pela autora, 2020. **69**
Figura 13: Jacintinho – produzido pela autora, 2020. **72**
Figura 14: Chã da Jaqueira – produzido pela autora, 2020. **75**
Figura 15: Tabuleiro dos Martins – produzido pela autora, 2020. **77**
Figura 16: Clima Bom – produzido pela autora, 2020. **79**
Figura 17: Benedito Bentes – produzido pela autora, 2020. **81**
Figura 18: Diagrama sonoro 1 – produzido pela autora, 2020. **82**
Figura 19: Diagrama sonoro 2 – produzido pela autora, 2020. **83**
Figura 20: Diagrama sonoro 3 – produzido pela autora, 2020. **83**
Figura 21: Diagrama sonoro 4 – produzido pela autora, 2020. **84**
Figura 22: Diagrama sonoro 5 – produzido pela autora, 2020. **84**
Figura 23: Diagrama sonoro 6 – produzido pela autora, 2020. **85**
Figura 24: Diagrama sonoro 7 – produzido pela autora, 2020. **85**
Figura 25: Diagrama sonoro 8 – produzido pela autora, 2020. **86**
Figura 26: Diagrama sonoro 9 – produzido pela autora, 2020. **86**
Figura 27: Brainstorming – produzido pela autora, 2020. **89**
Figura 28: Exercício realizado para a disciplina Atelier Cidades – produzido pela autora, 2021. **133**
Figura 29: "Emaranhar-se" - Fotomontagem produzida pela autora, 2022. **138**

Figura 30: Moradores de rua na Travessa Penedo, Feitosa. **141**
Figura 31: Parque itinerante na Via Principal Dois, Chã da Jaqueira. **142**
Figura 32: Favela Sururu de Capote, Vergel do Lago. **143**
Figura 33: Conjunto Graciliano Ramos, antigo Tabuleiro dos Martins. **145**
Figura 34: Conjunto Graciliano Ramos, atual Cidade Universitária. **146**
Figura 35: Becos e passagens. **148**
Figura 36: Batalhas e apresentações de rap em Maceió. **150**
Figura 37: "O primeiro som" - Fotomontagem produzida pela autora, 2021. **157**
Figura 38: Acervo fotográfico "de família". **161**
Figura 39: "Como você é" – colagem produzida pela autora, 2020. **166**
Figura 40: "Da matéria-prima: a lama" - Fotomontagem produzida pela autora, 2021. **174**
Figura 41: Diário de Pernambuco, 1935. **177**
Figura 42: "O primeiro som" - Fotomontagem produzida pela autora, 2021. **186**
Figura 43: Acervo imagético utilizado para a imersão. **191**
Figura 44: Diário de maloqueiro - produzido pela autora, 2021. **193**
Figura 45: Diário de maloqueiro (caderno aberto, parte superior) - produzido pela autora, 2021. **194**
Figura 46: Diário de maloqueiro (caderno aberto, parte inferior) - produzido pela autora, 2021. **195**
Figura 47: Fotomontagem produzida pela autora, 2021. **198**
Figura 48: Fotomontagem produzida pela autora, 2021. **200**
Figura 49: Fotomontagem produzida pela autora, 2021. **203**
Figura 50: Fotomontagem produzida pela autora, 2021. **206**
Figura 51: Fotomontagem produzida pela autora, 2021. **208**
Figura 52: Fotomontagem produzida pela autora, 2021. **212**
Figura 53: Fotomontagem produzida pela autora, 2021. **214**
Figura 54: Fotomontagem produzida pela autora, 2021. **215**
Figura 55: Fotomontagem produzida pela autora, 2021. **216**
Figura 56: Fotomontagem produzida pela autora, 2021. **219**
Figura 57: Fotomontagem produzida pela autora, 2021. **221**
Figura 58: Fotomontagem produzida pela autora, 2021. **223**
Figura 59: Fotomontagem produzida pela autora, 2021. **224**
Figura 60: Fotomontagem produzida pela autora, 2021. **226**
Figura 61: (IN)Versos da Carne, 2021. **237**

LISTA DE MAPAS

Mapa 01: Mapa político administrativo de Maceió. **43**
Mapa 02: Maceió (IN)Versa. **55**
Mapa 03: Estudo iconográfico do bairro Vergel do Lago - produzido pela autora, 2020. **90**
Mapa 04: Estudo iconográfico do bairro Trapiche da Barra - produzido pela autora, 2020. **91**
Mapa 05: Estudo iconográfico do bairro Prado - produzido pela autora, 2020. **92**
Mapa 06: Estudo iconográfico do bairro Feitosa - produzido pela autora, 2020. **93**
Mapa 07: Estudo iconográfico do bairro Jacintinho - produzido pela autora, 2020. **94**
Mapa 08: Estudo iconográfico do bairro Chã da Jaqueira - produzido pela autora, 2020. **95**
Mapa 09: Estudo iconográfico do bairro Tabuleiro dos Martins - produzido pela autora, 2020. **96**
Mapa 10: Estudo iconográfico do bairro Clima Bom - produzido pela autora, 2020. **97**
Mapa 11: Estudo iconográfico do bairro Benedito Bentes - produzido pela autora, 2020. **98**
Mapa 12: Mapa sonoro - produzido pela autora, 2021. **125**

LISTA DE QR CODES

QR CODE 1: https://www.youtube.com/watch?v=4R2uGSSxvhg **6**
QR CODE 2: https://www.youtube.com/watch?v=Qd-fD2jezBU **40**
QR CODE 3: https://drive.google.com/file/d/1ggvH_qcfbyFxGU8Eyi2qJ9jG3_PoL4rw/view?usp=sharing **61**
QR CODE 4: https://drive.google.com/file/d/1_3-1vdzfhpeMnns6Ua-eMLo796dR_zqC/view?usp=sharing **63**
QR CODE 5: https://drive.google.com/file/d/1hMdixyfti0Pc07uEvFYtcY3KeOrM8g5j/view?usp=sharing **65**
QR CODE 6: https://drive.google.com/file/d/1kef-mCpe0aGl11toOW5eER2PdRgRiiLu/view?usp=sharing **68**
QR CODE 7: https://drive.google.com/file/d/17uu-yYFIqvo5645eK72rvy9FFRoyq29g/view?usp=sharing **70**
QR CODE 8: https://drive.google.com/file/d/11_lPt4-0hYkliZWFkTv2kkRUMo24SmnD/view?usp=sharing **73**
QR CODE 9: https://drive.google.com/file/d/1zrTbK8sTK3m1zgq4UCBGp9LD_qRwdRto/view?usp=sharing **76**
QR CODE 10: https://drive.google.com/file/d/1G-xd9oibWTDn3FjEx3p8F8u8Ok9oKO91/view?usp=sharing **78**
QR CODE 11: https://www.youtube.com/watch?v=AQ4TW5Z8eu0 **78**
QR CODE 12: https://drive.google.com/file/d/1TttHapsW_hqrASzFi5bHw8fxXh0ny37r/view?usp=sharing **80**
QR CODE 13: https://www.youtube.com/watch?v=6SWIwW9mg8s **80**
QR CODE 14: https://drive.google.com/file/d/1qF5EjF9E-Z0-kcU-WjZIdCnxrI7-GOOC/view?usp=sharing **102**
QR CODE 15: https://drive.google.com/file/d/15cpAtsOXDG2r4Ic2PcGQXSkzYP96m_id/view?usp=sharing **105**
QR CODE 16: https://drive.google.com/file/d/1lzMMZDcHvpgGYOizoAmxESw6qHS27uZv/view?usp=sharing **107**
QR CODE 17: https://drive.google.com/file/d/1C1jTd9VqgmZmLCgGhib5c5x9Pb6y0YK9/view?usp=sharing **109**
QR CODE 18: https://drive.google.com/file/d/1IxxQ_9_0R-1afLitTQZ48x_i7q2Uh_Yu/view?usp=sharing **111**
QR CODE 19: https://drive.google.com/file/d/1TNnfjdX0ojCVTLHeekminhx2nZsi6GoT/view?usp=sharing **113**
QR CODE 20: https://drive.google.com/file/d/1B4x2-lkRjq9as5MvT6FKOjJaKze_ixUj/view?usp=sharing **116**
QR CODE 21: https://drive.google.com/file/d/1IIcTmPLczFKBR-pTdneQBxI2NeEAXxne/view?usp=sharing **118**
QR CODE 22: https://drive.google.com/file/d/16V_FNnnlOrdXE_Qbk3fAVhrNBgArCkKA/view?usp=sharing **121**
QR CODE 23: https://www.youtube.com/watch?v=vabnZ9-ex7o **162**
QR CODE 24: https://www.youtube.com/playlist?list=PLUjZc6RjahVB822r64F6spOTXf9cE4QnF **190**

SUMÁRIO

20 ABREM-SE CAMINHOS



PARTE I

39 PERIFERIAS

I.I Situar..... 40
I.II Ouvir..... 56
I.III Gambiarras..... 138

155 CORPOS

II.I Gostar..... 156
II.II Corporificar..... 174
II.III Maloqueiros..... 186

PARTE II



228 (IN)VERSOS FINAIS

Um Corpo (GAM)Bio-Lógico..... 230
Cidades do meu corpo..... 235



ABREM-SE CAMINHOS

Deixei o trabalho.
Coloquei o fone.
Caminhei. Subi no
ônibus. Lotado. Me
encaixei na escada. Uma
hora e meia assistindo
o mesmo percurso. A
paisagem enquadrada
pela janela do ônibus
era o filme de todos os
dias.

Mas o filme não era o
mesmo. O trajeto era
igual. A paisagem,
não. O corpo, não. A
música, não. Ah! A
música... Que poder
fascinante ela tem.
Mesmo estressada,
cansada, faminta, presa
no congestionamento
da Av. Fernandes
Lima, a música
transformava meu corpo
num casulo repleto de
experiências.

É bem verdade que a
escuta é uma prática
constante em minha
vida desde a infância.
Assim como o hábito
de acompanhar a
música através da
letra, construindo
diálogos e cenários.
Mas as sensações,
agora, eram outras. A
cidade me atravessava
paralelamente – talvez,
tangencialmente – à
voz cantada no meu
fone. Aquela voz me
fez enxergar as mais
diversas possibilidades
de cidades. Como se a
escuta materializasse a
paisagem – despercebida
até então.

Cheguei em casa. Tomei
um banho. Comi. A
reflexão parecia não
sair de mim. Meu corpo,
agora, era música. Mas
também, era cidade.
Contudo, quais seriam
as vozes dessa cidade?[1]

[1] Diário produzido pela autora para a disciplina **Cidades e suas representações**, 2020.

#

Escutar música. Um hábito cotidiano. E quando não executado, adoece o corpo. Um caso pessoal de dependência, no qual a música é combustível essencial para mover o corpo que habito – assim como o ar que respiro. Seria possível um hábito desvelar formas de habitar?

Foi contemplando paisagens emolduradas pela janela do ônibus, ouvindo um grupo local de rap, que surgiu a motivação para a realização desta pesquisa. Momento no qual, através de um êxtase, paisagem observada e paisagem musical se entrelaçaram por meio de fabulações, memórias e afetos.

Motivada por essa experiência, decidi ir mais a fundo. Primeiro, através da escuta: fiz um breve levantamento dos álbuns e singles de artistas locais de rap; ouvi cuidadosamente as composições, buscando vestígios de cidades por entre os ritmos e poesias. Num segundo momento me aprofundei nas produções audiovisuais desses artistas: pesquisei videoclipes na plataforma do YouTube atentando para o cenário, figurino e performance.

O assunto me envolvia cada vez mais, até que os primeiros temores me assombraram: como perceber as cidades dessas vozes para além do que é dito nos versos dessas poesias? Eu – que nada sei sobre ritmo, melodia, harmonia etc. – poderia ter a música como um objeto de estudo? Quais seriam as contribuições advindas de uma amadora?

Curiosa a figura do amador. Segundo o dicionário, pode significar: 1) aquele que ama, amante; 2) aquele que gosta muito de alguma coisa, amante, apreciador; 3) aquele que se dedica a algo não por profissão, mas por diletantismo, diletante; 4) aquele que entende superficialmente de alguma área de conhecimento ou de alguma atividade (MICHAELIS, 2021).

É como um corpo que nada entende sobre os estudos teóricos e técnicos da música, mas que ama a ponto de romper os limites que separam carne e objeto amado, que essa pesquisa viu abrir caminhos para sua concretização. Um corpo amador que se mescla em meio a um corpo designer, e pesquisador, e (GAM)Bio-Lógico. Um corpo que age, que engaja, que transforma, que faz sentir. E nesse fazer sentir, revela fragmentos de cidades. Pois, é no corpo que "se encontram as marcas dos acontecimentos passados do mesmo modo que dele nascem os desejos, os desfalecimentos e os erros. E nele se atam e de repente se exprimem, mas nele também se desatam, entram em luta e continuam seu insuperável conflito" (FOUCAULT, 2004, p. 15).

Uma outra forma de explorar a música enquanto objeto de estudo é entendendo que, ao escutá-la, esse encontro entre corpo e produto sonoro produz vínculos afetivos que carregam sentimentos e emoções que se relacionam com experiências vivenciadas. Por outro lado, sua observação enquanto gênero, além de classificar traços comuns, também fornece informações sobre eventos ao longo do tempo e do espaço em que se posicionam as experiências da escuta (JUÁREZ-SEDANO, 2022).

Me interessou, portanto, investigar as relações entre corpo e música no sentido de refletir

sobre novas formas de experienciar, perceber e historiografar as periferias. Tomando a música como parte do processo, busquei explorar percursos não-lineares, errantes e que tateiam o desconhecido, incorporando outras formas de pensar ao saber urbano. Pretendeu-se, ainda, cartografar uma Maceió inversa aos moldes nos quais geralmente é apresentada, uma cidade que se constrói a partir do encontro do "eu" com outras experiências, outros corpos, outros territórios.

A escolha do gênero musical se deu, em primeiro lugar, pela experiência que motivou a presente pesquisa. Em segundo, pela minha relação de fã de artistas locais. Mas principalmente, por seus atravessamentos ao contexto urbano: é como música periférica urbana que surge o rap. Como denúncia social, em protesto aos inúmeros problemas que assolavam as camadas mais pobres. Como linguagem artística, capaz de escapar da subjetividade padrão e fazer da periferia o lugar de criação de novas subjetividades (SILVA, 2016). Nesse sentido, compreendendo

[2] Durante a graduação de Design na faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas (FAU-UFAL), a pesquisa de campo foi um dos principais procedimentos adotados para o desenvolvimento das pesquisas realizadas como bolsista do Grupo Estudos da Paisagem (site: *https://fau.ufal.br/grupopesquisa/estudosdapaisagem/*) e para a efetivação do próprio Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulado "Artesanato indígena Xucuru-Kariri: avaliação da atividade artesanal dos índios Xucuru-Kariri como contribuição ao design para valorização local".

o rap como um mecanismo de resistência das periferias capaz de agenciar corpos, sons e espacialidades, partiu-se do pressuposto que sua escolha enquanto gênero musical poderia ajudar a perceber configurações inversas, criativas, transgressoras e – por vezes – silenciadas de uma outra e mesma cidade: a compreendida a partir das suas áreas ditas à margem.

No que toca o processo, ao longo da graduação, o estudo em campo foi um dos principais procedimentos com o qual me identifiquei para a realização de pesquisas[2]. O campo surgiu como possibilidade de observar, coletar, analisar e interpretar fenômenos por meio do sensível – deixando-se afetar pelos espaços e pelas pessoas. Assim, para a construção do projeto de pesquisa desta dissertação, que se desdobrou na presente escrita, o campo enquanto parte do processo tinha como objetivo me desprender dos conceitos e das ideias já formuladas sobre a cidade, e se voltar para colher o que as visitas aos lugares pudessem trazer em termos de novas percepções.

No entanto, faz-se importante destacar que 2020 – quando se iniciou o curso de mestrado – foi um ano atípico em nossas vidas, e consequentemente no desenvolvimento da pesquisa científica. Em decorrência da pandemia do novo agente viral Sars-CoV-2, do seu alto poder de contaminação e da ausência de tratamento adequado, o isolamento social demonstrou-se a mais eficaz das medidas para contenção do vírus. Logo, todo processo que prezasse pelo encontro com outros corpos e experiências em meio a cidade encontrava-se comprometido.

É na busca por desvios, linhas de fuga, que encontro em meu corpo formas de ressignificar o campo:

"Eu confronto a cidade com meu corpo; minhas pernas medem o comprimento da arcada e a largura da praça; meus olhos fixos inconscientemente projetam meu corpo na fachada da catedral, onde ele perambula sobre molduras e curvas, sentindo o tamanho dos recuos e projeções; meu peso encontra a massa da porta da catedral e minha mão agarra a maçaneta enquanto eu mergulho na escuridão do interior. Eu me experimento na cidade; a cidade existe por meio de minha experiência corporal. A cidade e meu corpo se completam e se definem. Eu moro na cidade, e a cidade mora em mim."

(PALLASMAA, 2011, p. 37-38)

Portanto, o campo nesta pesquisa não se construiu apenas das visitas aos lugares, mas também da exploração das memórias e histórias da cidade inscritas na carne. Utilizo ainda recursos midiáticos, como as músicas e os videoclipes, e tecnológicos, como o Google Maps e Earth, com objetivo de acessar outros tipos de memórias e histórias. Através do cruzar, recortar, mover, sobrepor, esses fragmentos de campo foram rearranjados a partir de pequenos experimentos.

Chamo de experimentos, processos que incitaram reflexões em torno da pesquisa e permitiram registrar camadas de histórias de formas não convencionais. Resultado dos anos da graduação em Design e como discente do Programa de Pós-Graduação da FAU-UFAL – onde experimentei diferentes abordagens do conhecimento científico – destaco três trajetos que foram essenciais para a concretização destes procedimentos metodológicos.

O primeiro deles corresponde às disciplinas cursadas ao longo do mestrado, que foram importantes não só para o amadurecimento da

[3] A disciplina *espaço habitado* e a contemporaneidade buscou explorar o referencial teórico a partir do estudo de bibliografias e produções cinematográficas, discutindo o contemporâneo e construindo diálogos com áreas nas quais se concentram as linhas de pesquisa do Programa: dinâmicas, paisagem, cidade, território, lugar, corpo, entre outras. Em *cidades e suas representações* foram discutidos os conceitos de representação no mundo, a questão da sua percepção e de suas relações com processos de expressão, e os vários modos de discursos: gestos, imagens, escrita, sons, entre outros. A disciplina propôs ainda a execução de exercícios empíricos que tiveram como objetivo complementar as discussões. *Atelier cidades* buscou aproximar as duas linhas de pesquisa do Programa a partir da experiência coletiva de pensar o conceito de cidade através da perspectiva do atelier, tendo como objetivo a realização de diferentes produtos experimentais que envolveram os conceitos discutidos na disciplina e as propostas de teses e dissertações (instagram: *https://www.instagram.com/ppgauufal/* site: *https://fau.ufal.br/pos-graduacao/mestrado-em-dinamicas-do-espaco-habitado/disciplinas*).

temática, mas também para o meu amadurecimento enquanto pesquisadora. Entre elas, ressalto três que foram fundamentais para compreender a importância da experimentação a partir do corpo: O espaço habitado e a contemporaneidade; Cidades e suas representações; e Atelier cidades[3]. Como resultado dessas disciplinas, foram confeccionados diferentes produtos – diários, imagens, sons, vídeos, artefatos, oficinas – que foram incorporados como parte do processo reflexivo e ajudaram na concretização dos experimentos desta pesquisa.

Em segundo – resultado da última referida – a Oficina Descasular buscou socializar os conhecimentos para além dos "muros" da universidade, se valendo das possibilidades do *home office*. A proposta da oficina consistiu na realização de diferentes atividades que tiveram como objetivo envolver os participantes em uma discussão sensível sobre o corpo como forma de experienciar as cidades, e contou com a participação não só de discentes da FAU-UFAL, mas também de professores, pessoas externas à Ufal e de diferentes áreas do conhecimento.



Figura 1: Oficina Descasular, 2021.

[4] O congresso – idealizado em 2020 e efetivado em junho de 2021 – teve como temática da sua primeira edição "Patrimônios em Silêncio". Deu início a um convite interdisciplinar, construído a partir de temas que permitiram várias aproximações relacionadas a manifestações e práticas culturais, como a Antropologia, Arquitetura e Urbanismo, Geografia, Turismo, Filosofia, Psicologia, Artes, afeito à amplitude das trocas possíveis quando a rede de nós se forma através de outros canais – a literatura, o cinema, a música, o teatro e as mídias digitais – e questionando-se sobre os novos paradigmas que afloram quando o mundo se conecta sem o deslocamento físico (Instagram: *https://www.instagram.com/nos.ciep/ Site: https://www.ciep2021.com.br/*)

Por fim, para além das disciplinas, cabe destacar minha atuação na produção do evento Nós – Congresso Internacional Estudos da Paisagem[4]. Essa experiência envolveu discussões sobre a produção de um evento multidisciplinar que estimulasse trocas para além das usuais que ocorrem no ambiente acadêmico convencional, e foi importante para a reestruturação dos procedimentos que haviam sido traçados para a dissertação. Ao mesmo tempo em que permitiu explorar outras técnicas do design gráfico para a produção de imagens enquanto narrativas poéticas que desvelam histórias e formas de habitar.

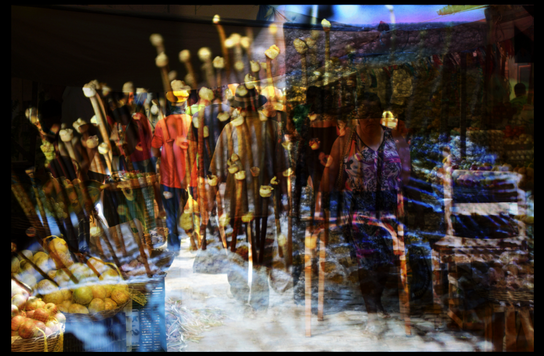
Sendo assim, o caráter experimental dos procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa é fruto de percursos e encontros dentro de um Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, mas que transborda em direção a "outros". Outros campos disciplinares. Outros corpos. Outras formas de pensar e fazer cidades. E outras práticas de pesquisa.





Figura 2: Fotomontagens desenvolvidas pela autora como parte da identidade visual do I Nós - Congresso Internacional Estudos da Paisagem, 2021.





Quanto a estrutura desta dissertação, faz-se importante entendê-la como um "ser autômato" no qual sua configuração se deu a partir dos experimentos e seus processos, formando pontos de articulações que são responsáveis por agenciar discussões em torno do corpo, da música e da cidade. Esses pontos não devem ser compreendidos de maneira isolada, mas como faces que se movem não só em torno desse ser, mas também por dentro dele, engrenagens que se conectam, se complementam, se desconectam. Portanto, a estrutura que será aqui apresentada corresponde ao "desenho" que esse autômato tomou a partir desses pontos de articulação.

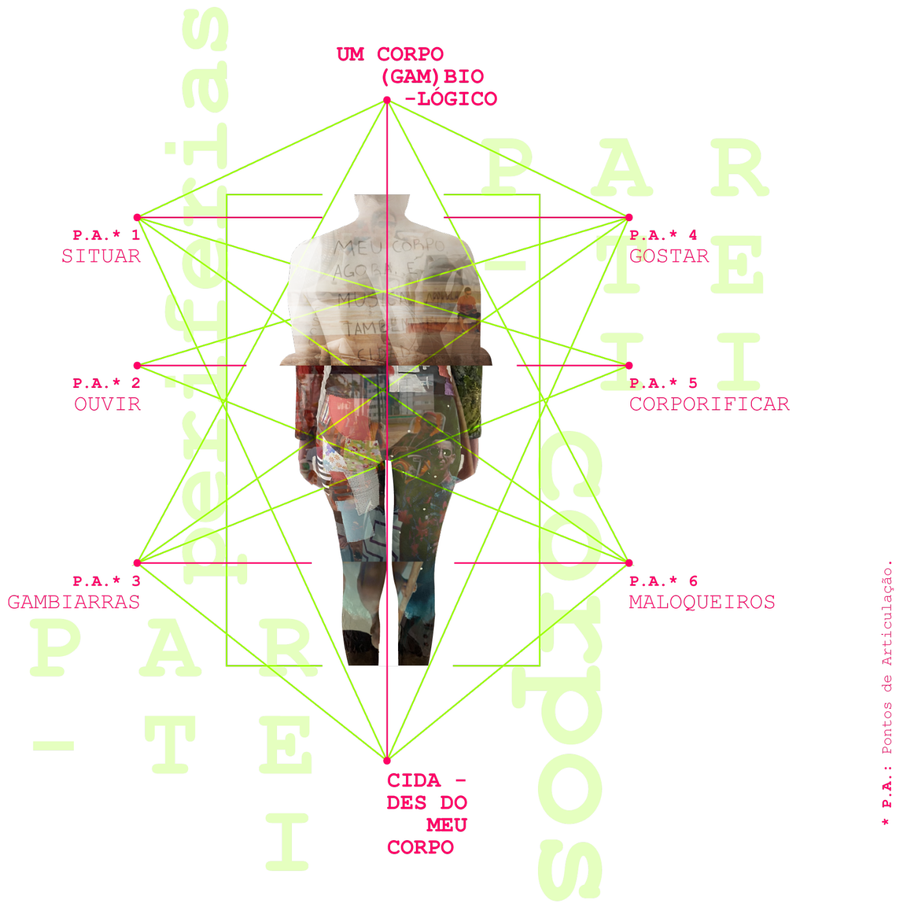


Figura 3: Estrutura da dissertação.

*** P.A.:** Pontos de Articulação.

Essa estrutura se divide em duas grandes partes que buscam refletir sobre formas de habitar as periferias de Maceió a partir das histórias da cidade inscritas no corpo. A primeira, **Periferias**, aborda a cidade através das espacialidades ditas às margens, explorando corpo, campo, sons e músicas. Composta por três pontos de articulação, o primeiro, *"Situar"*, apresenta o recorte espacial da pesquisa, localizando geograficamente nove bairros de Maceió. Nele, encontra-se ainda um mapa produzido com auxílio da ferramenta Google Earth, com marcações de lugares que irão se desvelar ao longo da escrita.

O segundo, *"Ouvir"*, apresenta os processos experimentais utilizados durante a imersão no universo das sonoridades e na construção do campo. No experimento I foram produzidas nove composições gestadas a partir das sensações, dos sentimentos e das memórias que despertavam em meu corpo através da escuta. Em paralelo, registrei palavras que remetessem ao que eu recordava dos lugares vinculados àquelas sonoridades. De forma complementar, realizei alguns exercícios iconográficos, com sobreposições de mapas da cidade de Maceió, onde foi possível identificar

delimitações geográficas e situar no espaço os elementos paisagísticos resgatados através da escuta e da memória. O experimento II – num momento de desaceleração dos casos registrados de COVID-19 em Alagoas – consistiu em visitas a campo com objetivo de capturar "paisagens sonoras"[5] das espacialidades exploradas no experimento anterior. Para tal, utilizei apenas meu corpo e um gravador sonoro, e as impressões foram registradas em forma de diários. Num segundo movimento, realizei outro exercício iconográfico a partir dos áudios gravados em campo no intuito de registrar marcas sonoras das paisagens.

Através desses procedimentos se desenvolveu a discussão sobre a escuta como forma de experienciar o espaço habitado através do sensível, compreendendo o corpo, a música e os sons como forma de conhecimento e acesso à cidade. Foi através desses procedimentos que comecei a perceber as periferias e o rap enquanto *"Gambiarras"*. Esse terceiro ponto reflete sobre os múltiplos processos por meio dos quais periferia e rap articulam espaços, corpos e formas de habitar, seguindo a ordem do improviso, da adaptação, da invenção.

[5] Aqui, o termo "paisagem sonora" é compreendido como o mapeamento produzido pelo corpo a partir da sua interação com o mundo através de processos de reabertura dos ouvidos de forma sensível. Para essa compreensão, foram essenciais a imersão nos estudos realizados por Frith (1998), Obici (2008 e 2014), Proto (2020) e Stolf (2011), sobre o universo das sonoridades.

[6] Meu primeiro contato com o autor se deu através da participação no minicurso "Música, Cibercultura e Estética da Comunicação", realizado pelo Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes da Ufal e ministrado pelos professores Victor Pires e Ronaldo Bispo. Tomando a música como centro das suas reflexões, Hennion (2011) toma o gosto, o prazer, como resultado reflexivo de uma prática corporal, coletiva. Uma forma de ligação com o mundo.

A segunda parte, **Corpos**, aborda uma outra perspectiva das histórias da cidade a partir do encontro com outros corpos, buscando refletir sobre as periferias através de um outro viés: a de seus habitantes ditos "marginais". Aqui, a música é observada para além do sonoro. Para isso, articulo um diálogo com os estudos de Antoine Hennion sobre a música enquanto pragmática do gosto[5].

Também composta por três pontos de articulação, o primeiro, *"Gostar"*, apresenta o experimento III, que consistiu num outro exercício de imersão nas memórias – mas desta vez a partir da observação de fotografias. As impressões foram registradas em um diário e em uma imagem produzida por meio da técnica de colagem digital, através dos quais refletiu-se sobre o corpo que se revela a partir da sua relação com a música e a experiência do gosto, numa performance capaz de acionar cenários, comportamentos e hábitos.

Em *"Corporificar"*, segundo ponto, apresento vestígios coletados através das vivências, da exploração do campo e da observação do rap, fragmentos de corpos que se encontram às margens da cidade. É na tentativa de corporificar uma carne marginal, que encontro no maloqueiro a potência para pensar uma outra Maceió. Sabe-se que esta denominação "maloqueiro" não é utilizada em todo o país e assim será melhor explicitada no decorrer da escrita.

Na busca por perceber como essa carne se corporifica através de uma performance do gosto – e que através dela também se desvelam formas de habitar – realizei o experimento IV. Esse exercício consistiu na observação das imagens de dez videoclipes de cantores e grupos de rap locais, bem como na análise das letras impressas das composições. Como resultado, foi produzido um caderno que se desdobra numa composição imagética/textual. Através desses procedimentos se desenvolve a discussão do terceiro ponto, *"Maloqueiros"*, refletindo sobre o mesmo enquanto um corpo resistência, que se apropria da cidade de formas subversivas, inversas e potentes.

Portanto, ambas, parte I e parte II, contam histórias de periferias. Refletem sobre elas. A primeira, com o foco nos sons e nas espacialidades. A segunda, cola no corpo que canta, faz repente, gesticula, sobrevive e se produz em gestos e vestes. Como resultado da articulação entre essas duas partes – entendendo que ambas são faces de um mesmo recorte do real – encerro a escrita em **(IN)Versos** – composto por mais dois pontos, *Um Corpo (GAM)Bio-Lógico* e *Cidades do meu Corpo* – a fim de tecer alguns entrelaces que conectaram as engrenagens da dissertação.

Além de uma escrita textual, narrativas sonoras e imagéticas foram acionadas como formas de se expressar, sentir, pensar e se mover rumo ao registro da história da cidade, em diálogo com as dinâmicas do espaço habitado – inspiração maior do programa de pós graduação em que esta dissertação se insere.





Figura 4: "Paraíso das águas passadas" - Fotomontagem produzida pela autora, 2022.

I.I sit -uar

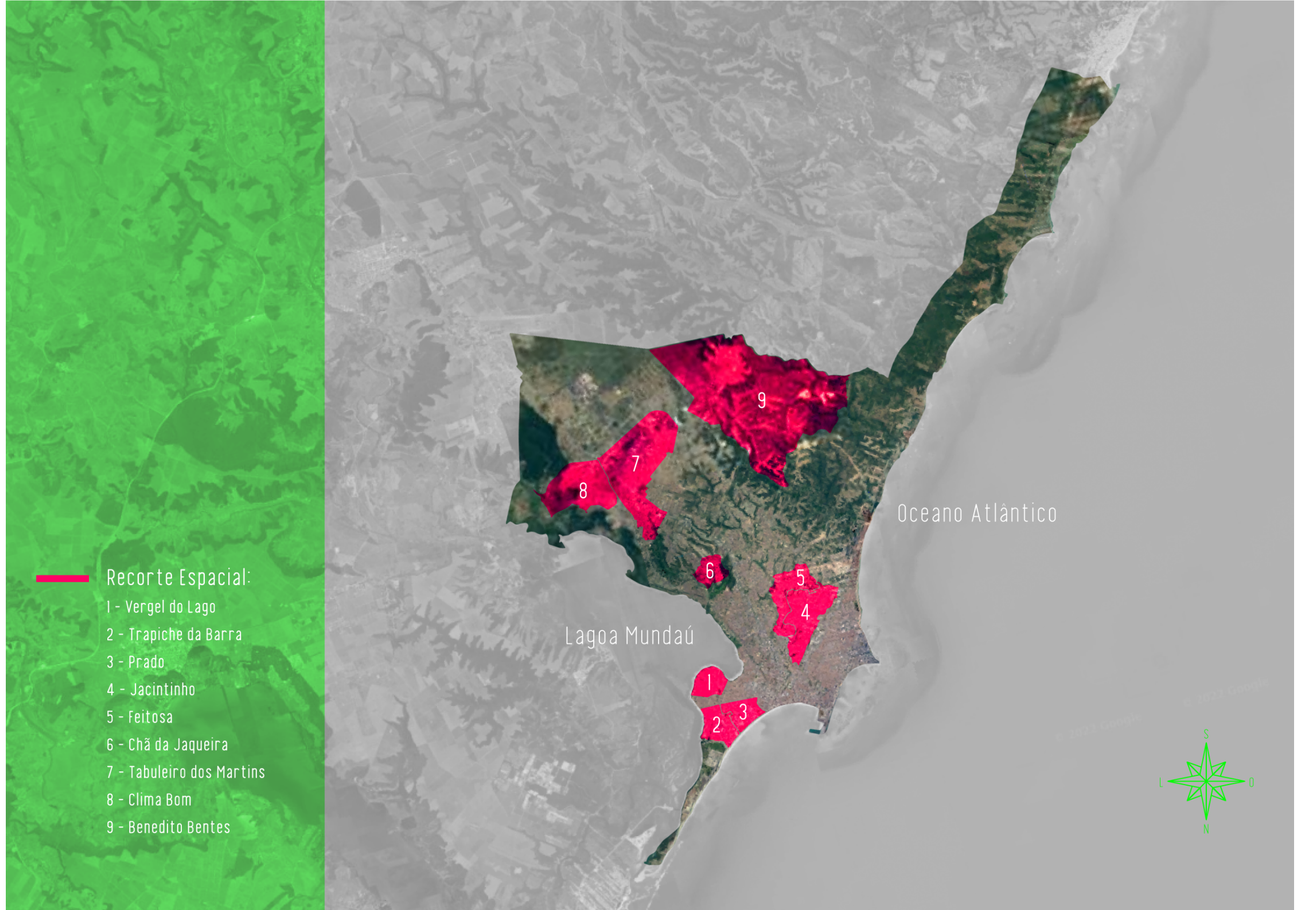
QR CODE 2

Como apresentar uma Maceió inversa ao imaginário da cidade paraíso das águas, como amplamente é divulgada? É bem verdade que a capital alagoana possui profundos imbricamentos com as águas, mas aqui ela se desvelou através de outros tons que não o azul turquesa de suas praias e se estendeu até as regiões mais altas e periféricas da cidade.

Esta Maceió é composta por fragmentos. Pequenos pedaços capturados que foram se rearranjando, misturando, metamorfoseando sobre a superfície de um mapa amorfo que escapou do seu molde político-administrativo, que borrou os limites autoritários que separam seus bairros e afastam centro e periferia, mas que também se viu surgir a partir deles.

Foi através de um mapeamento – ainda que rígido – realizado na construção do projeto de pesquisa que se deu a primeira imersão no universo dos mapas. Esse movimento inicial teve como objetivo identificar bairros nos quais se inseriam cantores e grupos de rap, e a partir dele foram apontados nove bairros: Vergel do Lago, Trapiche da Barra, Prado, Jacintinho, Feitosa, Chã da Jaqueira, Tabuleiro dos Martins, Clima Bom e Benedito Bentes.

Portanto, para os procedimentos metodológicos o campo seria traçado a partir da exploração inicial desse recorte. Mas se, por um lado, a pandemia dificultou a sua realização, por outro a reestruturação dos métodos permitiu repensar o lócus a partir de outras perspectivas do espaço e do tempo. E nesse sentido, a ausência do "corpo presente" foi essencial para a definição de um recorte amplo, com bairros distribuídos em diferentes áreas da cidade – por vezes distantes uma das outras (Mapa 01).



Mapa 01: Mapa político administrativo de Maceió. Em destaque, bairros identificados a partir do levantamento dos cantores e grupos de rap.

Adaptado de Google Earth, 2022.

Prado, Trapiche e Vergel estão localizados na região de planícies, ao sudoeste, entre a Lagoa Mundaú e o Oceano Atlântico. Encontram-se próximos ao centro, embora enquanto os dois primeiros são considerados bairros tradicionais e históricos, o terceiro é esquecido em meio ao lixo, à pobreza e à violência. É nas margens da lagoa, em oposição às margens do mar, que se erguem as favelas do Vergel, local onde se manifesta a tradicional pesca de sururu.

Mas a periferia em Maceió é movediça – talvez seja uma das características de uma cidade mangue, alagada. E não é apartada do que é considerado "centro", pois até nas sombras das grandes edificações tradicionais e históricas é possível observar formas de habitar semelhantes à favela. Não a favela fixa e amontoada, como a do Vergel. Mas uma que se move pela cidade através dos corpos que têm as ruas como "casa".



Figura 5:
Planície Litorânea - Prado, Trapiche e Vergel.

Adaptado de Tequilla Bomb, 2018; Google Earth, 2020.

Me apropriando dos conceitos de Deleuze e Guattari sobre os espaços lisos e estriados encontro vestígios que podem nos ajudar a pensar a favela a partir de outras perspectivas. Os autores tecem distinções entre esses dois espaços a partir de diferentes modelos, entre eles, o tecnológico:

“Um tecido apresenta em princípio um certo número de características que permitem defini-lo como espaço estriado. Em primeiro lugar, ele é constituído por dois tipos de elementos paralelos: no caso mais simples, uns são verticais, os outros horizontais, e ambos se entrecruzam perpendicularmente. Em segundo lugar, os dois tipos de elementos não têm a mesma função; uns são fixos, os outros móveis, passando sob e sobre os fixos. [...] Em terceiro lugar, um tal espaço estriado está necessariamente delimitado, fechado ao menos de um lado: o tecido pode ser infinito em comprimento, mas não na sua largura, definida pelo quadro da urdidura; a necessidade de um vai-e-vem implica um espaço fechado [...] Enfim, um tal espaço parece apresentar necessariamente um avesso e um direito; mesmo quando os fios da urdidura e os da trama têm exatamente a mesma natureza, o mesmo número e a mesma densidade [...]

Porém, entre os produtos sólidos flexíveis está o feltro, que procede de maneira inteiramente diferente, como um anti-tecido. O feltro não implica distinção alguma entre os fios, nenhum entrecruzamento, mas apenas um emaranhado das fibras, obtido por prensagem [...] São os microfilamentos das fibras que se emaranham. Um tal conjunto de enredamento não é de modo algum homogêneo: contudo, ele é liso, e se opõe ponto por ponto ao espaço do tecido (é infinito de direito, aberto ou ilimitado em todas as direções; não tem direito nem avesso, nem centro; não estabelece fixos e móveis, mas antes distribui uma variação contínua).”

(DELEUZE E GUATTARI, 1997, p. 158-159)

Foi observando objetos que denunciavam a presença de um habitar, os moradores de rua, os maloqueiros, que a favela se apresentou inversa às suas concepções formais, extrapolando espaços circunscritos nas áreas ditas periféricas. E ao aproximá-la desse produto sólido flexível, o feltro, o que essa Maceió revelou foi que esses aglomerados fixos que se encontram às margens, na verdade, se entrelaçam ao restante da cidade, pois não há distinção entre seus fios, mas apenas um emaranhado heterogêneo, aberto, ilimitado, infinito em todas as direções.

Portanto, não se trata de perceber uma favela, móvel e lisa, em oposição a outro tipo, fixa e amontoada. Ou em oposição ao centro. Pois, como os próprios autores explicam, apesar de não serem da mesma natureza, não é tão simples marcar uma distinção entre essas espacialidades porque elas só existem de fato a partir da mistura entre si: “o espaço liso não para de ser traduzido, transvertido num espaço estriado; o espaço estriado é constantemente revertido, devolvido a um espaço liso” (DELEUZE E GUATTARI, 1997, p. 157-158). Logo, uma está tão fora, quanto dentro da outra. Ao mesmo tempo em que está tão à margem, quanto no centro da cidade.

Mais ao sul, na região dos tabuleiros costeiros, se encontram mais três bairros: Jacintinho, Feitosa e Chã da Jaqueira. Os dois primeiros estão mais próximos ao centro e apresentam dinâmicas “caóticas” com seus comércios, feiras, a rodoviária, motéis, pousadas e corpos em constante movimento. Mas quando adentramos suas entranhas é possível se deparar com praças calmas, ruas silenciosas, vazios. Por outro lado, a Chã da Jaqueira, mais afastada, próxima à margem da lagoa, envolta por pedaços de Mata Atlântica, apresenta dinâmicas não tão caótica, mas também longe de serem “ordenadas”.

Mas antes das suas particularidades, uma das características que me pareceu aproximar esses bairros – além do fato de estarem às margens da cidade paraíso – foi a grota. É graças às formações de tabuleiros que encontramos uma outra tipologia de favela, cravejada nas fissuras da terra. Geograficamente, entende-se como grota os vales estreitos que se formam

nos tabuleiros. Esses vales se espalham pela superfície de Maceió e adquirem novos sentidos – para além do geográfico. É nas encostas dessa formação rochosa que a grota surge enquanto habitar.

Apesar de pouco exploradas durante a imersão no campo – visto que não se tratou do foco da presente pesquisa[7] – nas errâncias essas formações geológicas revelaram pulsar potentes dinâmicas socioespaciais que me ajudaram a refletir sobre uma Maceió na qual corpos são submersos, escondidos, malocados dentro da terra.

[7] Faz-se importante mencionar a dissertação de mestrado "As cidades ocultas dentro de si: ecos do Vale do Reginaldo, Maceió, Alagoas" defendida por Ana Karolina Carneiro neste mesmo Programa de Pós-Gradução e, também, integrante do grupo de pesquisa Estudos da Paisagem. O trabalho investiga as grotas enquanto formas de apropriação urbana, na qual se formam favelas, a partir de comunidades inseridas no Vale do Reginaldo, buscando compreender sobre estes modos de vida que se encontram abafados de diversas formas dentro da cidade de Maceió.

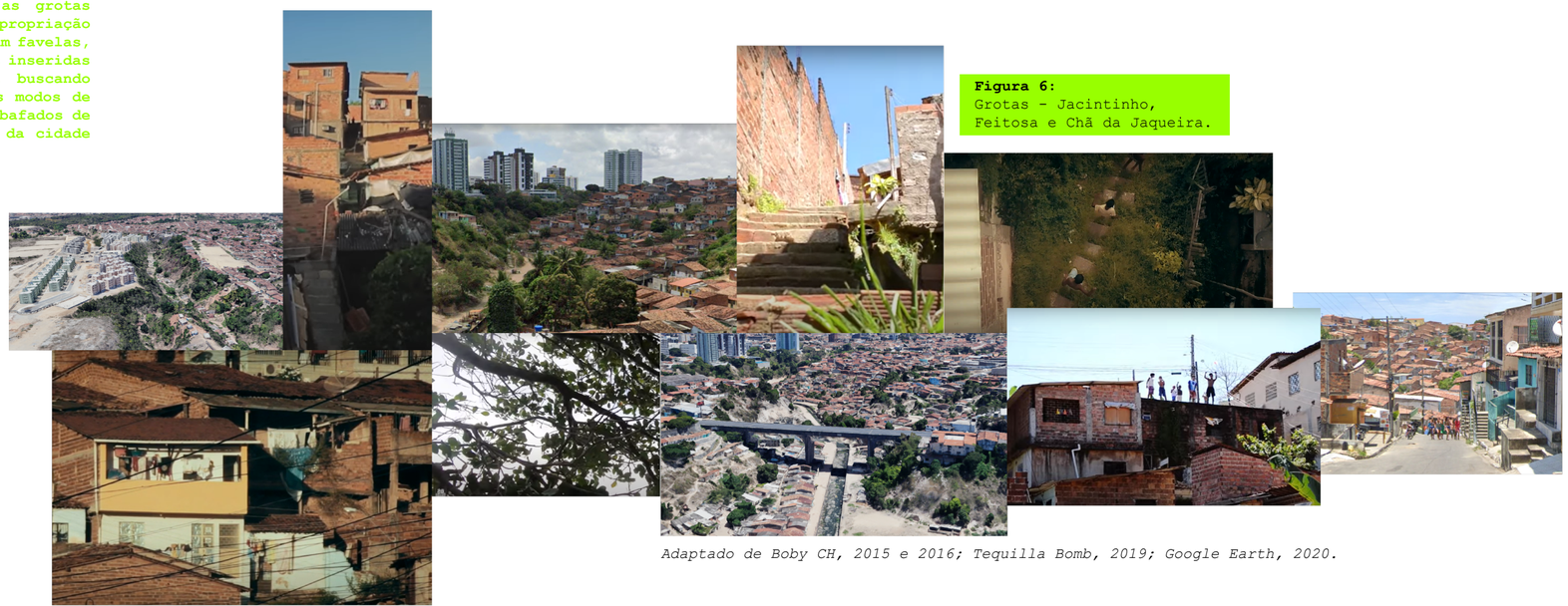


Figura 6:
Grotas - Jacintinho, Feitosa e Chã da Jaqueira.

Adaptado de Boby CH, 2015 e 2016; Tequilla Bomb, 2019; Google Earth, 2020.

Na região mais alta dos tabuleiros se encontram os bairros Tabuleiro dos Martins, Clima Bom e Benedito Bentes. Esses – que chamarei neste trabalho de Antigo Tabuleiro – se encontram em áreas mais afastadas do centro, onde vem sendo construídos inúmeros conjuntos habitacionais de interesse social nas últimas décadas. E em razão desse afastamento, esses conjuntos foram tomando vida própria, se expandindo, metamorfoseando, tornando-se bairros – quiçá, tomando feição de uma outra cidade.

Apesar dos estudos realizados nos últimos anos – inclusive por grupos de pesquisa da FAU-UFAL – ainda se tem poucos registros sobre as memórias desses bairros quando comparados à outras áreas da cidade. É nesse Antigo Tabuleiro que habito há tantos anos. Que sua história se desvela a partir das minhas experiências, vivências e lembranças. Deixando de ser periferia e se tornando centro da Maceió inscrita na minha carne.



Figura 7: Tabuleiros - Benedito Bentes, Clima Bom e Tabuleiro dos Martins.

Adaptado de Google Earth, 2020.

A partir da exploração desses bairros o lócus da pesquisa extrapolou em outras direções, outros territórios, outros limites, outras configurações - justamente por entender a cidade enquanto espaço complexo, emaranhado, rizomático. Um lócus que se liga a tantos outros e opera por meio de múltiplas conexões entre norte, sul, leste, oeste, versos e inversos. Que se afunda em meio a água e lama enquanto, por outro lado, escorre pelas fissuras da terra, mas que em um movimento oposto destila formas de habitar afetivas, criativas e recreativas. Desatando amarras na intenção de laçar outros nós.

Retomando o modelo tecnológico proposto por Deleuze e Guattari (1997, p. 159), os autores citam ainda a colcha de retalhos, ou patchwork, enquanto um espaço liso: "com seu pedaço por pedaço, seus acréscimos de tecido sucessivos e infinitos". Foi no sentido de tecer uma colcha para si, sem a necessidade de determinar um modelo definitivo para a escolha dos materiais têxteis e suas disposições, que essa Maceió foi se construindo através de mapas com intuito de capturar os fragmentos de espacialidades experienciadas.

Destaco, ainda, o 5° e 6° princípio do rizoma - cartografia e decalcomania - propostos pelos mesmos autores, em que explicam a diferença entre fazer mapa e decalque. Para Deleuze e Guattari um rizoma não pode ser justificado por nenhum modelo estruturado:

“Se o mapa se opõe ao decalque é por estar inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real. O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói. Ele contribui para a conexão dos campos, para o desbloqueio dos corpos sem órgãos, para sua abertura máxima sobre um plano de consistência. Ele faz parte do rizoma. O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação.”

(DELEUZE E GUATTARI, 1995, p. 21)

Para os autores, um modelo estruturado corresponde ao princípio do decalque, que consiste em reproduzir algo que já está feito, codificado, cristalizado. Mas a distinção entre cartografar e decalcar não deve ser tomada de forma superficial, assim como espaço liso e o estriado só existem por meio da mistura entre si, esses dois princípios não são simples opostos:

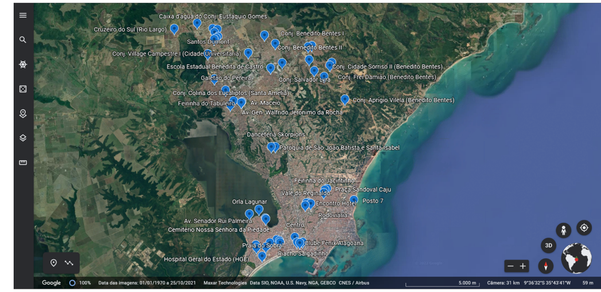
“Será que nós não restauramos um simples dualismo opondo os mapas aos decalques, como um bom e um mau lado? Não é próprio do mapa poder ser decalcado? Não é próprio de um rizoma cruzar as raízes, confundir-se às vezes com elas? Um mapa não comporta fenômenos de redundância que já são como que seus próprios decalques? Uma multiplicidade não tem seus estratos onde se enraízam unificações e totalizações, massificações, mecanismos miméticos, tomadas de poder significantes, atribuições subjetivas? [...] é preciso sempre projetar o decalque sobre o mapa. [...] o que o decalque reproduz do mapa ou do rizoma são somente os impasses, os bloqueios, os germes de pivô ou os pontos de estruturação. [...] Por isto é tão importante tentar a outra operação, inversa, mas não simétrica. Religar os decalques ao mapa, relacionar as raízes ou as árvores a um rizoma.”

(DELEUZE E GUATTARI, 1995, p. 21-22)

Foi nesse sentido de tecer uma colcha de retalhos, construir um conjunto de mapas, que essa Maceió foi se desdobrando para mim. Fragmentos de cidades que se interligaram por meio do corpo da dissertação, à medida que fabricaram outras geografias. Pequenos pedaços capturados que foram se rearranjando sobre superfícies que escaparam de modelos estruturados, mas que ao mesmo tempo conversaram com eles, os decalcaram.

E nessa profusão, perder-se é inevitável. Compreendendo que a apreensão dessas cartografias por pessoas que tenham pouca, ou nenhuma, familiaridade com os lugares e as paisagens que irão se apresentar, deixo aqui um decalque dos mapas da dissertação (Mapa 2) no intento de proporcionar uma experiência na qual o leitor possa explorá-los por meio do digital.

Produzido com auxílio do Google Earth, este é composto por rastros que ao longo do texto virão destacados na cor rosa e que à primeira vista não parecem ter ligações: como a Skorpions se conecta ao Clube Fênix Alagoana? A Praça da Faculdade ao parque no Benedito Bentes? A Jaqueira à matinha do Santos Dumont? A ortogonalidade do Village Campestre às tortuosas vielas do Vergel? O Galetão do Pereira ao rasta da Chã? Mas que, com o avançar da leitura, pretende-se demonstrar os possíveis agenciamentos entre estes espaços que a princípio seriam considerados díspares na cidade.



Mapa 02: Maceió (IN)Versa.
Disponível em: <https://earth.google.com/web/data=MicKJQojCiExQ240MjBRd01JUU5fVWVHeVNUY29vVEEwdjFJZTlZMy06AwoBMA?authuser=0



Figura 8: "Na toca do coelho" - Fotomontagem produzida pela autora, 2020.

I.II
ou
-vir

Ouvir. Verbo transitivo direto que só se faz completo quando arrematado. Mas não poderia ser diferente. Ouvir exige atravessamentos: o som só se faz som – ou seja, só se completa – quando atravessa o espaço, o tempo, o corpo. Mas não basta ser atravessado por ele. É preciso criar ranhuras na pele, para que ouvir seja mais que uma ação. O som precisa penetrar a carne, para então ser incorporado. E deste modo, posicionar-se enquanto agente transformador.

Foi observando a paisagem apresentada na janela do ônibus, enquanto canções tomavam meu corpo, que surgiu a motivação para a realização desta pesquisa. Por outro lado, a própria essência do rap – *rhythm and poetry* – remete ao exercício da escuta. Enquanto gênero musical, antes das músicas adotarem um caráter de letra impressa, a voz do corpo seguia a composição sonora. Não bastava a improvisação de um discurso, a fala precisava se entrelaçar à atmosfera musical[8]. Para além do neologismo, a palavra rap é utilizada no inglês britânico desde o século XVI como sinônimo para "se expressar oralmente"[9]. Mas a fala também é som, e para decodificá-la também é preciso ouvir.

Parecia-me inevitável que ouvir fizesse parte do processo metodológico neste trabalho. No entanto, foi em decorrência do distanciamento social ocasionado pela pandemia que a audição surgiu enquanto alternativa ao confinamento e como forma de conhecimento da cidade. Foi através de dois experimentos que tiveram como objetivo exercitar a escuta, que realizei a imersão no campo.

[8] Com a introdução das técnicas dos sound system de Kingston nas *block parties* do bairro do Bronx, Nova York, o DJ jamaicano Kool-Herc começou a entregar um microfone para que os dançarinos improvisassem discursos acompanhando o ritmo da música, o que ficou conhecido como rap (BISSOLI, 2011).

[9] *As a verb, rap has long meant "to express orally". The poet Sir Thomas Wyatt wrote in 1541, "I am wont sometime to rap out on oath in an earnest talk". British prison slang used rap for "to say" as early as 1879 (SAFIRE, 1992, s/p).*

Como verbo, há muito tempo rap significa "expressar oralmente". O poeta Sir Thomas Wyatt escreveu em 1541, "Não costumo me expressar oralmente através de juramentos em conversas sérias". Nas gírias das prisões britânicas, rap é utilizado como sinônimo para "falar" desde 1879 (SAFIRE, 1992, s/p, tradução nossa).

# #
ex
-peri-
mento I

O primeiro experimento surgiu a partir do desejo de ouvir o rap em busca de elementos sonoros que me permitissem construir paisagens de Maceió. Para isso, selecionei nove composições, uma para cada bairro definido no recorte espacial: Vergel do Lago, Trapiche da Barra, Prado, Chã da Jaqueira, Feitosa, Jacintinho, Tabuleiro dos Martins, Clima Bom e Benedito Bentes. A seleção se deu a partir do levantamento de artistas realizado ainda na construção do projeto de pesquisa e considerou aspectos sonoros como ritmo, batida e a utilização de samples[10].

Entendendo a força que a poesia exerce sobre a forma como experienciamos as músicas de rap, escolhi me desprender da letra impressa nesse primeiro momento[11]. Esse movimento teve como finalidade exercitar a escuta desvencilhando-me das formas habituais com as quais o ouvido estava acostumado e transformando as músicas em sons mais "estrangeiros". Como forma de tentar capturar ao menos parte da experiência, optei por produzir uma identificação imagética do que apreendi a partir de ferramentas que permitissem um registro visual: papel, pincel, tintas, lápis, gizes.

[10] Fragmentos de sons que se incorporam à composição sonora (sons urbanos, de natureza, falas de telejornais, trechos de outras músicas, etc.).

[11] Esse processo foi realizado com auxílio do Vocalremover, uma ferramenta online que utiliza algoritmos de inteligência artificial para separar a voz dos instrumentos. A ferramenta divide a música em duas faixas: de fundo (instrumental), que foram as utilizadas, e vocais limpos (voz isolada). Faz-se importante salientar que os arquivos gerados não apresentaram uma cisão fidedigna, sendo possível observar pequenos ruídos de uma faixa na outra.

Mús 1
-ica

Inicio a escuta. Um sample reproduz sons de cantos de pássaros, do mover da vegetação e do correr de águas calmas, despertando sensações que corporificam paisagens de mangue. Preparo a tinta marrom. Passados alguns segundos, ruídos semelhantes ao manuseio de algum aparelho eletroacústico parecem atacar a atmosfera sonora, precedendo o início da batida. Esses ruídos sobrepõem novas espacialidades, que se tramam às paisagens já corporificadas.

Segue-se uma sequência rítmica na qual a batida e guitarra intercalam modulações de destaque, percorrendo todo o trajeto da música. Escuto influências de ritmos jamaicanos na composição – a forma como a sequência rítmica se estrutura parece acentuar o tempo fraco, uma das principais características do reggae. Com o marrom da lama, a música se desenha sobre o papel através do entrelaçar dos dedos, que se movem a partir de movimentos lentos e, algumas vezes, repetitivos.

QR CODE 3

Lembro da jangada do meu tio, na qual passávamos noites pescando por entre as veias do manguezal, logo ela parece se materializar na superfície – recordo então dos pescadores. Navego sob águas escuras, que me remetem à Lagoa Mundaú. Uma brisa suave toca a pele enquanto meus pés afundam no lamaçal – penso nas marisqueiras no Vergel. Ao final, batida e guitarra dão maior evidência ao baixo, antecedendo um sample de percussão que encerra a composição e toma meu corpo, disparando respingos de tintas no papel.

A "paisagem construída" transborda as margens da superfície e esbarra no Vergel do Lago – bairro que surgiu às margens da Lagoa Mundaú, ao mesmo tempo em que se encontra às margens da cidade. Penso sobre essas margens, seus significados e silenciamento.



Figura 9: Vergel do Lago - produzido pela autora, 2020.

Mús 2
-ica

Ouço a música. Um sample reproduz uma voz abafada no alto-falante. Escuto essa sonoridade – que muito se assemelha a um carro de som. O alto-falante me aborda, atravessando as paredes que separam meu corpo da paisagem externa à minha casa. Recordo do carrinho de algodão doce, da voz mecanizada preenchendo o espaço com sua presença, do meu corpo se debruçando sobre a janela para gritar "eu quero!". Devaneio sobre a potência do som como meio de comunicação entre a cidade e a casa. Escolho a tinta amarela.

Logo um outro sample se inicia, desta vez a musicalidade do boi – que se estende até o final do percurso musical. A marcação forte do Tarol segue uma sequência rítmica que se entrelaça à batida. Camadas sonoras sintetizadas se somam à composição, intercalando modulações de destaque durante seu trajeto na música. Faço movimentos rápidos com a mão, respingos de tintas caem sobre do papel. Riscos com o pastel transformam-se em figuras geométricas – penso no desenho de cidade planejada, ortogonal, repetitiva.

A sonoridade ativa lembranças de festas populares e tradicionalismo histórico – avisto corpos em movimentos acompanhando o cortejo do boi. A paisagem que esta memória evoca me remete ao bairro Trapiche da Barra – talvez por produzir associações que se relacionam com um local antigo da cidade.

Lembro das vivências narradas por minha mãe, quando moradora do bairro. A música então penetra a carne. Sinto o calor do sol em minha pele, me materializo na Praia do Sobral, que se localiza nas proximidades do Trapiche – sinto meus pés no mar, que logo correm de volta para a extensão de terra.

QR CODE 4



Figura 10: Trapiche da Barra - produzido pela autora, 2020.

Mús 3
-ica

QR CODE 5

A música se inicia com um sample estilizado de bateria, que é sucedido pelo som do piano e do violino, criando expectativas - por vezes - angustiantes no corpo ouvinte. Paisagens começam a se edificar em meu interior. Paisagens noturnas, esvaziadas, tomadas pelo medo - penso em como essa melodia se encaixaria perfeitamente na plasticidade de um filme do gênero suspense. Com a tinta preta diluída em água, preencho a superfície do papel.

Após alguns segundo novas camadas somam-se à composição: primeiro o baixo, depois a batida. A sequência rítmica que se segue é marcada por uma sonoridade repetitiva e maçante, que é interrompida em três pontos específicos do trajeto musical pelo sample estilizado de bateria. Essas interrupções se sobressaem inesperadamente ao que está sendo ouvido, funcionando como "ataques" dentro da atmosfera sonora que vem sendo construída e provocando certa inquietação no corpo ouvinte. A tinta diluída já não é mais suficiente, uso o preto intenso.

Aos poucos, essas paisagens soturnas despertam memórias de vivências ligadas a um único bairro: o ***Prado****. Interessante pensar que dentre tantos outros com elevados índices de violência, o Prado seja o único que me surgiu imediatamente à memória, despertando tal sensação de medo, angústia, escuridão. Refletindo um pouco mais sobre os motivos, percebo que os sentimentos possam prover das experiências, ainda quando criança, vivenciadas nesse bairro: dois velórios nos cemitérios situados neste local… E da lenda da Mulher da Capa Preta*[12] *- que parece assombrar a superfície do papel.*

Me imagino percorrendo uma cidade cemitério como a cidade de Eusápia[13]*. Penso nos túmulos como casas, caminhos como ruas, brechas como passagens secretas. Reflito sobre essa relação entre o traçado da cidade e a configuração do habitar dos mortos. Metrópole x Necrópole. Aos poucos linhas e rabiscos surgem no papel.*

[12] Conta a lenda que "no início do século XX um homem conheceu em um baile uma bela moça, por quem se interessou. Os dois passaram toda a festa juntos. À meia-noite, a donzela quis ir embora. Como estava chovendo, o rapaz decidiu acompanhá-la até sua casa e para protegê-la da chuva, a cobriu com sua capa. Durante o percurso, ela pediu que ele parasse na porta do cemitério, onde ela ficou. Mas antes, disse seu endereço. No outro dia, o homem foi até a casa da moça. Lá, a família informou que não existia ninguém com o nome informado morando no local, mas que era como se chamava a filha que já havia morrido. Ele se recusou a acreditar no que ouviu e começou a achar que estava sendo vítima de uma peça. Depois de muita conversa, eles foram ao cemitério para que a família mostrasse o túmulo da jovem. Ao chegar no local, ele viu o túmulo e a capa que lhe pertencia em cima da cruz" (SANCHES, 2013).

[13] Em "Cidades Invisíveis", obra de Italo Calvino (1990), Eusápia - da série "A cidade e os mortos" - é uma das que serão descritas pelo mercador veneziano Marco Polo ao imperador Kublai Khan.



Figura 11: Prado - produzido pela autora, 2020.

Mús 4
-ica

Sons sintetizados de violino e piano se iniciam, formando uma sequência rítmica na qual os instrumentos intercalam modulações de destaque. Em instantes me sinto tomada por uma nostalgia - percebo como a ausência da voz transforma a experiência da escuta - em especial no rap. Retraída, preparo a tinta azul e lanço um risco sobre o papel.

Essa sonoridade se estende por aproximadamente trinta segundos, despertando memórias saudosas e, por vezes, tristes. Sem demora, penso no bairro ***Feitosa*** *e em especial na edificação da* ***Rodoviária*** *- um dos marcos geoespaciais mais marcantes quando recordo esse bairro. O café com misto quente ainda nos primeiros raios da manhã. As muitas chegadas e partidas. A espera da pessoa querida - penso no meu pai e toda a turbulência da nossa relação. A saudade do outro lado da rodoviária - lembro da chegada em Recife.*

Enquanto me enlaço nesse emaranhado de lembranças e sentimentos, desenho traços tortos e sinuosos ao lado do risco que corta a superfície do papel.

QR CODE 6

Em seguida, batida e violão somam-se à atmosfera sonora que vem sendo construída, enquanto o piano parece ganhar maior destaque ao decorrer do percurso - achei curiosa essa sobreposição do instrumento erudito, mesmo que sintetizado, à batida, principal elemento sonoro do rap.

A sequência que se segue é de certa forma cíclica, e acaba por se repetir até pouco tempo antes do fim da música. Essa repetição acabou por se replicar nos pensamentos e nas memórias que surgiam na mente, criando um carrossel de experiências que se repetiam acompanhando o percurso musical. Percebo que do lado oposto aos traços tortos e sinuosos, formas semelhantes parecem se repetir e se agruparem em espaços específicos do papel.

Por fim, batida e violino somem e dão destaque ao piano, que se estende até os poucos segundos finais, dando destaque ao violão. Causando a sensação de calmaria e dando fim ao carrossel de memórias.



Figura 12: Feitosa - produzido pela autora, 2020.

Mús 5
-ica



QR CODE 7

Um sample de dois segundos introduz sons de uma ambiência calma, com cantos de passarinhos ao fundo. Logo em seguida, ela é interrompida por uma batida frenética e sintetizadores – que intercala modulações de destaque durante todo o percurso musical.

A composição sonora que se segue parece evocar zonas de intensidades da malha urbana. Meu corpo se materializa na cidade, em meio a uma multidão de outros corpos – quase asfixiante. Enquanto isso, a orquestra de sons de um trânsito caótico parece desnortear o corpo-ouvido. Escolho a cor mais vibrante da minha paleta, o laranja. Procuro uma forma de trazer as múltiplas camadas sonoras que me abordam. Penso nessas camadas. Escolho uma cebola, mergulho o vegetal na tinta e em seguida carimbo o papel.

O aroma expelido pela cebola corporifica paisagens de uma feira livre. Imediatamente penso no bairro ***Jacintinho****. Suas ruas apertadas. As calçadas com expositores de lojas, bancas de frutas e verduras, carrinhos de muambas, pessoas transitando. A estreita faixa de asfalto – destinada aos mais diversos tipos de veículos – congestionada. Desenho formas.*

A sequência rítmica que se segue é confusa, difícil de perceber. Os sons sintetizados são compostos por múltiplas camadas, que – entrelaçados à batida – conferem um tempo acelerado à composição. Traço linhas e riscos no papel, tentando preencher os espaços em branco. Há, ainda, momentos de ataques na atmosfera que vem sendo construída através de samples que reproduzem sons de sirene e buzina.

Percebo como essa inquietação provocada pela escuta, me remete às experiências vivenciadas no bairro – quase todas vinculadas ao comércio local. Recordo de uma fala da minha mãe: o Jacintinho é o segundo centro de Maceió. Penso sobre essa frase.

Como esse bairro se aproxima do centro? Como se distancia? Um centro, também, poderia ser margem? Por fim, respingo tinta em parte da superfície.



Figura 13: Jacintinho - produzido pela autora, 2020.

Mús 6
-ica

QR CODE 8

A composição se inicia com um sample que me lembra sons de vento e águas calmas, despertando sensações que me remetem a uma paisagem "natural". Preparo a tinta verde. Após alguns segundos, um ruído semelhante ao barulho de um toc-toc na porta invade a atmosfera – como se a música pedisse permissão para adentrar o corpo.

Inicia-se, então, uma sequência na qual batida e sintetizadores intercalam modulações de destaque, enquanto guitarra e baixo compõem uma base que se estende até o final do percurso musical – percebo, novamente, influência de ritmos jamaicanos. Deslizo o pincel sobre a superfície do papel em movimentos de vai e vem, formandos listras de diferentes opacidades e espessuras.

As matizes de verde, que se apresentam no papel, reforçam a construção de paisagens naturais em meu corpo. Recordo das minhas aventuras em pequenos trechos de matas na cidade – em especial a do Santos Dumont/Forene. Sinto

meus pés descalços caminhando em direção às águas das nascentes. A água cristalina e gelada que toca a pele. A brisa envolvente. Um oásis secreto no meio do concreto. Noto o desenhar de formas que me lembram contornos de folhas.

A sequência rítmica que se segue é interrompida em quatro pontos específicos do trajeto musical por um sample de buzina. Essas interrupções se sobressaem inesperadamente ao que está sendo ouvido, funcionando como "ataques" dentro da atmosfera sonora que vem sendo construída – me fazendo refletir sobre a sobreposição das paisagens sonoras urbanas às paisagens sonoras "naturais".

Penso na Chã da Jaqueira. Bairro com nome de árvore, próximo à lagoa e a uma pequena reserva de Mata Atlântica. Recordo de ruas de barro, casas pequenas, crianças brincando na rua, cotidianos. Mas também de paisagens noturnas. Penso na Skorpions, danceteria de reggae, e nas histórias contadas pelo meu primo – frequentador assíduo de outros tempos.

Próximo ao final, um sample percussivo soma-se à composição sonora, enquanto guitarra e batida passam a evidenciar baixo e sintetizadores. Que se encerram, dando lugar a um novo sample ambiente – que se estende por alguns segundo antes do término da música. Finalizo a paisagem chuviscando a superfície do papel com tinta.



Figura 14: Chã da Jaqueira - produzido pela autora, 2020.

Mús 7
-ica

Um sample – que, por algum motivo, me lembra o som do pica-pau (pássaro e desenho) – introduz a composição e se encerra alguns segundo após o início do piano sintetizado. Guitarra, baixo e batida se entrelaçam à música, na qual os dois primeiros instrumentos intercalam modulações de destaque com o piano.

Talvez pela associação feita em relação ao sample inicial, percebo que a canção me remete à uma trilha sonora de desenho animado. Penso na minha infância. Escolho o rosa – minha cor preferida. Dissolvo a tinta em água e com auxílio do pincel desenho manchas sobre o papel.

A sequência rítmica que se segue é agitada e faz o corpo querer se movimentar. Mas não são movimentos dançantes. São eufóricos. Sinto vontade de pular e correr. Escalar árvores e paredes de terrenos vazios. Atravessar estreitas pontes de tábuas pulando com um pé só. As paisagens que se constroem em meu corpo são ao do antigo bairro do Tabuleiro e seus conjuntos habitacionais no "meio do nada". Com o giz, risco em meio às outras formas.

QR CODE 9

Novamente penso na minha infância. Nas minhas primeiras explorações da cidade – que se restringiam à vizinhança. A música parece a trilha sonora perfeita para acompanhar as peripécias de uma criança descobrindo o espaço ao seu redor. Recordo das excursões com minha bicicleta ao fim da tarde e dos lugares mágicos: a casa da bruxa velha; o buraco da nêga; a parede de cristal rosa; o açude do jacaré e a rua das chácaras. Pinto esses espaços no papel.

Próximo ao fim do percurso musical, um sample de percussão soma-se ao trajeto, enquanto batida e piano dão maior destaque à guitarra e ao baixo. O trecho parece atingir o ápice da composição e da experiência do corpo, pronunciando o fim da música – assim como o pôr do sol anunciava o fim das aventuras.



Figura 15: Tabuleiro dos Martins - produzido pela autora, 2020.

Mús 8
-ica

A música se inicia com sons de trompete e piano sintetizados, que se estendem por alguns poucos segundos e se encerram. Passado um tempo, ouve-se apenas o silêncio – que na canção original corresponde a uma fala. Preparo a tinta na cor cinza.

Os sons, interrompidos pelo silêncio, retornam. Batida e baixo se misturam à composição – ocupando modulações de destaque durante todo o percurso musical. Tento representar essas camadas através de linhas. Depois, com pinceladas repetitivas.

Percebo que a sonoridade se assemelha ao refrão da música I'm Still In Love With You, mas em forma de melô. Penso nesse subgênero do reggae e sua recorrência em Maceió, com maior destaque nas periferias – como sugere o título da canção. Corporifico imagens de paredes cobertas com cartazes de festas, onde esse tipo de música é a atração principal. Uma, em especial, se destaca: a de uma escola estadual no Clima Bom.

Recordo das paisagens desse bairro – observadas pela janela do ônibus. Durante todo o percurso, era possível encontrar pequenas lojas de roupas que me rementem aos corpos que dançam nessas festas de melô.

As camadas sonoras se repetem de forma cíclica e parecem seguir um fluxo contínuo – com exceção do trompete que alterna momentos de silêncio. Observo a paisagem que se constrói na superfície do papel. Esses pequenos quadrados tortos que se agrupam nos espaços entre as linhas. Percebo um mapa que se assemelha ao bairro em meu corpo: apertado, torto, confuso.

Mas, confuso não se refere exclusivamente a aspectos geoespaciais. Refere-se, também, à minha própria percepção do bairro. Um perceber distanciado. Embaçado pelo vidro do ônibus. Um ouvir curioso, que disfarçadamente absorve as conversas no dia a dia do transporte. Que por vez, ou outra, escuta melô na caixinha de som do maloqueiro do ônibus.

QR CODE 10

QR CODE 11



Figura 16: Clima Bom - produzido pela autora, 2020.

Mús 9
-ica

A canção se inicia com um sample da música A mulher do fim do mundo, que se estende até metade do percurso musical. Percebo uma alteração na velocidade das batidas por minuto (BPM) no trecho sampleado, que parece um pouco mais acelerada que a produção original – talvez para se sobrepor à batida de forma síncrona, que entra logo em seguida.

Esse conjunto de sons despertou uma certa inquietação, incômoda, difícil de explicar. Imagino cenas borradas de uma perseguição – uma trilha sonora perfeita. Mergulho o pincel na tinta vermelha. Começo pintando de forma lenta. Em seguida, veloz, brusca, impaciente.

Lembro do meu primo, morto em um acidente de trânsito no Benedito Bentes. Há quem diga que ele estava fugindo. Que ele cometia assaltos. Que estava envolvido com o Comando Vermelho. Sinto um nó na garganta. Dissolvo a tinta em água e, com auxílio do pincel, derramo pingos sobre a superfície do papel.

QR CODE 12

QR CODE 13

O sample se encerra após metade do percurso musical, estende-se apenas a batida por alguns segundos – como se fizesse um minuto de silêncio. Percebo que toda inquietação e incômodo vai se dissolvendo. O ritmo da batida do coração parece desacelerar, assim como as BPM da canção parecem seguir um fluxo menos frenético.

Após alguns segundos, camadas sonoras de piano e sintetizador se entrelaçam à composição. Reflito sobre esse bairro, o Biu. Quando penso no meu corpo, percebo que não vivenciei nenhuma experiência nesse lugar ligada à violência. Por outro lado, memórias associadas a outros corpos me revelam outras paisagens. As paisagens da violência. As paisagens da morte. Penso nessa outra face da cidade. Observo pequenos traços no papel. Depois, pequenos círculos de tinta. Feitos, quase, de forma despercebida.

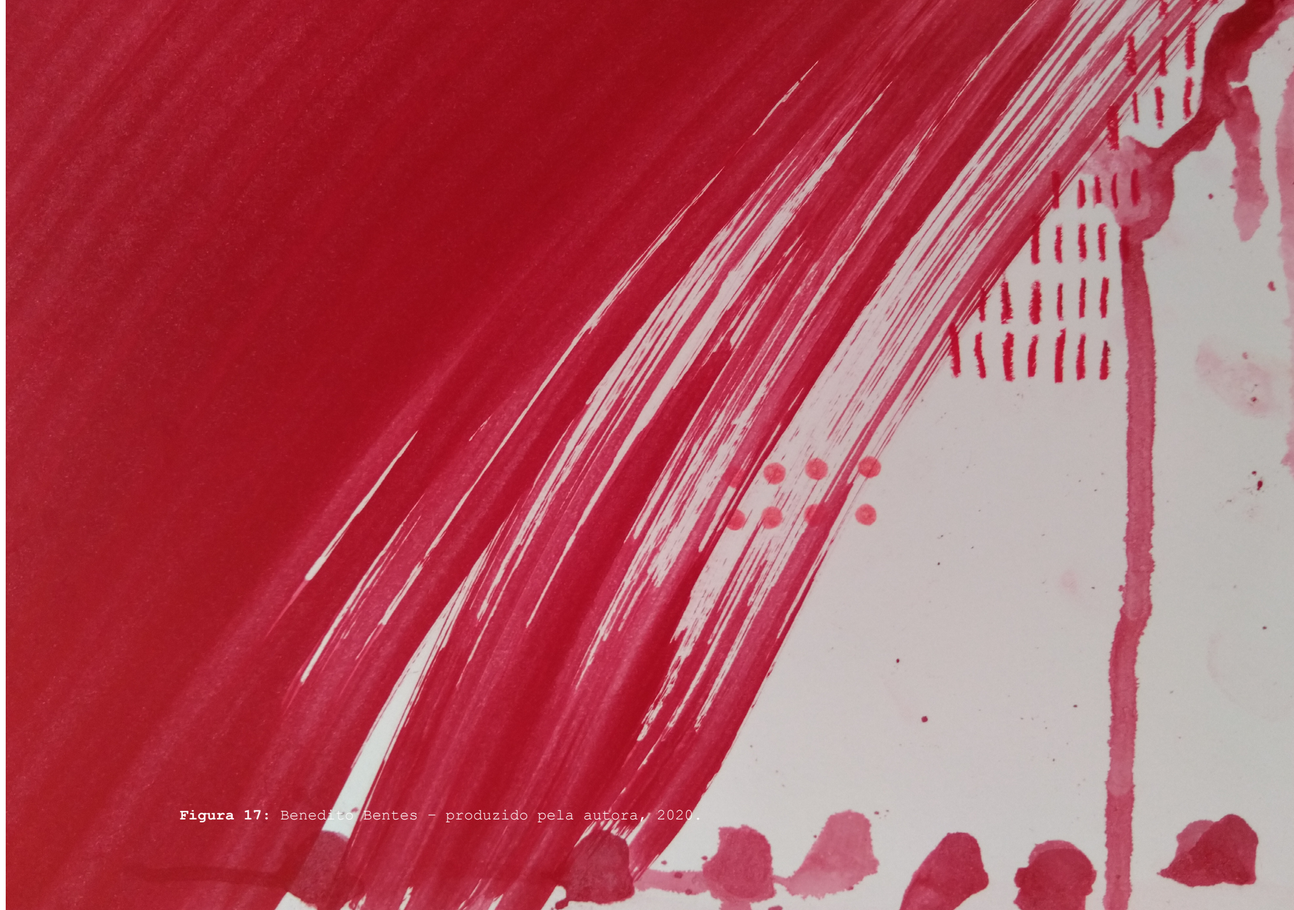


Figura 17: Benedito Bentes - produzido pela autora, 2020.

Depois deste percurso que envolveu sonoridades, visualidades e memórias, buscando investigar as relações entre as paisagens corporificadas e a construção sonora das composições, comecei a realizar um movimento de dissecação das músicas. Isolando suas partes a partir do que o ouvido percebia – não como uma compositora ou teórica, mas como amadora – fui traçando o percurso dos instrumentos musicais, identificando samples e construindo diagramas que me ajudassem a pensar sobre essas relações.

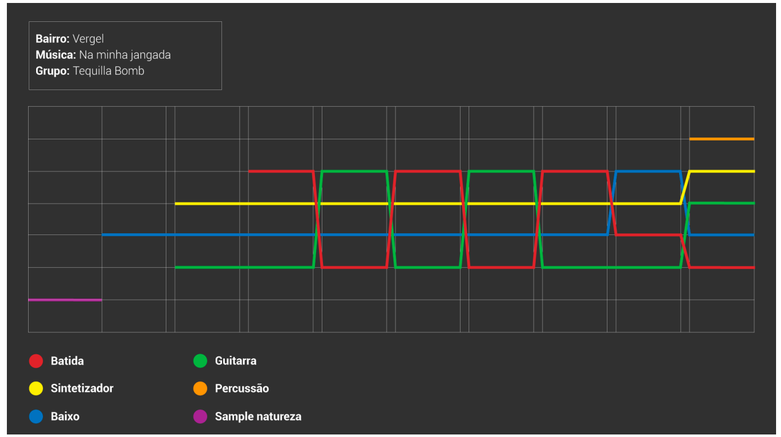


Figura 18: Diagrama sonoro Vergel do Lago – produzido pela autora, 2020.

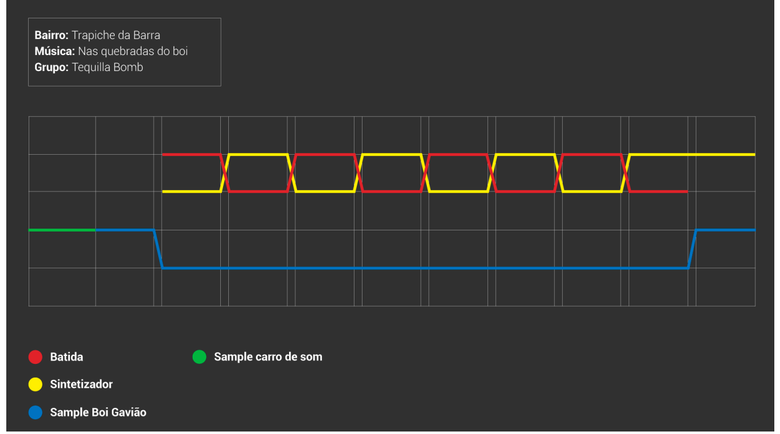




Figura 19:
Diagrama sonoro Trapiche da Barra – produzido pela autora, 2020.

Figura 20:
Diagrama sonoro Prado – produzido pela autora, 2020.

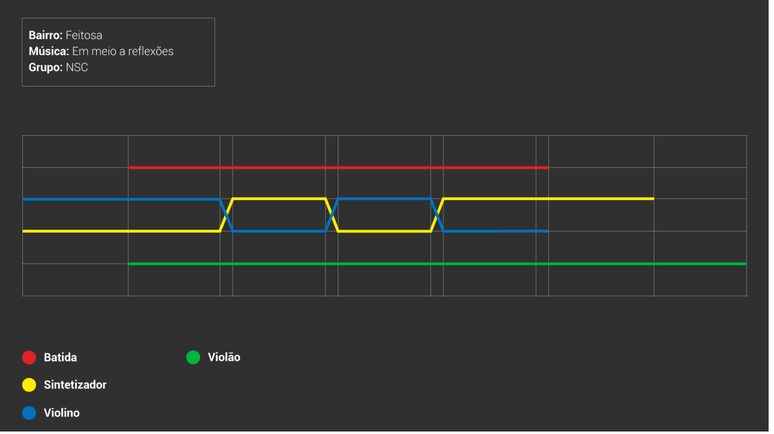




Figura 21:
Diagrama sonoro Feitosa - produzido pela autora, 2020.

Figura 22:
Diagrama sonoro Jacintinho - produzido pela autora, 2020.



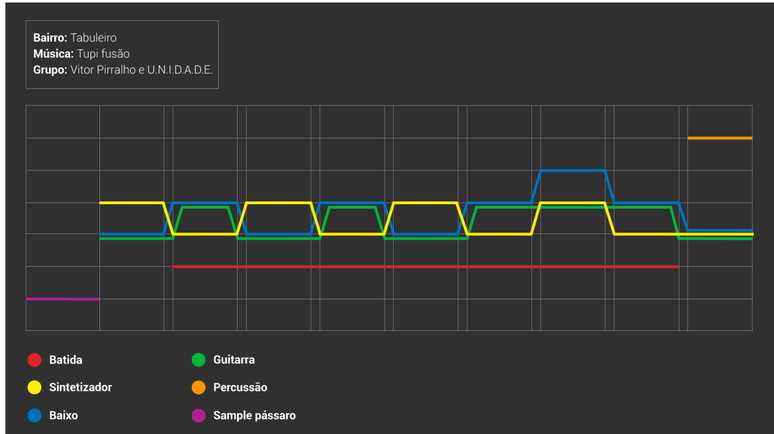


Figura 23:
Diagrama sonoro Chã da Jaqueira - produzido pela autora, 2020.

Figura 24:
Diagrama sonoro Tabuleiro dos Martins - produzido pela autora, 2020.





Figura 25:
Diagrama sonoro Clima Bom - produzido pela autora, 2020.

Figura 26:
Diagrama sonoro Benedito Bentes - produzido pela autora, 2020.

Após o exercício da escuta, me lancei em mais duas experimentações com intuito de perceber os bairros através de outras perspectivas. A primeira buscou resgatar mais informações sobre o recorte espacial através da memória pessoal, utilizando a técnica de *brainstorming*. Para cada bairro foram registradas palavras numa folha de papel que remetessem a elementos característicos da paisagem, vivências e sentimentos relativos aos lugares. Esse movimento teve como objetivo reunir fragmentos de memórias que se misturassem às paisagens corporificadas através das músicas.



Figura 27: Brainstorming – produzido pela autora, 2020.

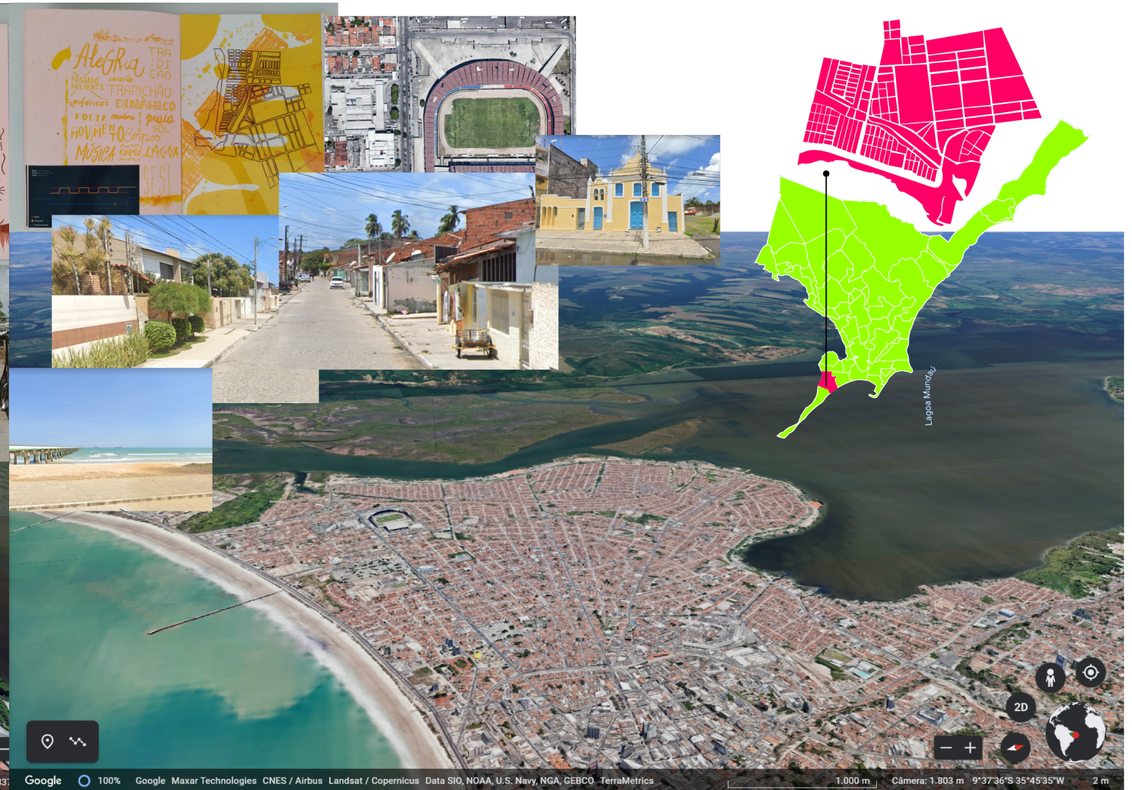
Entendendo que uma outra forma de percorrer o campo pode ser revelada através das mídias digitais, foram realizadas errâncias com auxílio da ferramenta Google Earth. Com o objetivo de elaborar sínteses, o "caminhar" por meio do digital resultou numa outra forma de expressão, na qual as colagens surgiram como um acúmulo voluntariamente desordenado de impressões de mapas e fotografias.

Mapa 03: Estudo iconográfico do bairro Vergel do Lago – produzido pela autora, 2020.



Adaptado de Google Earth, 2020; Tequilla Bomb, 2019.

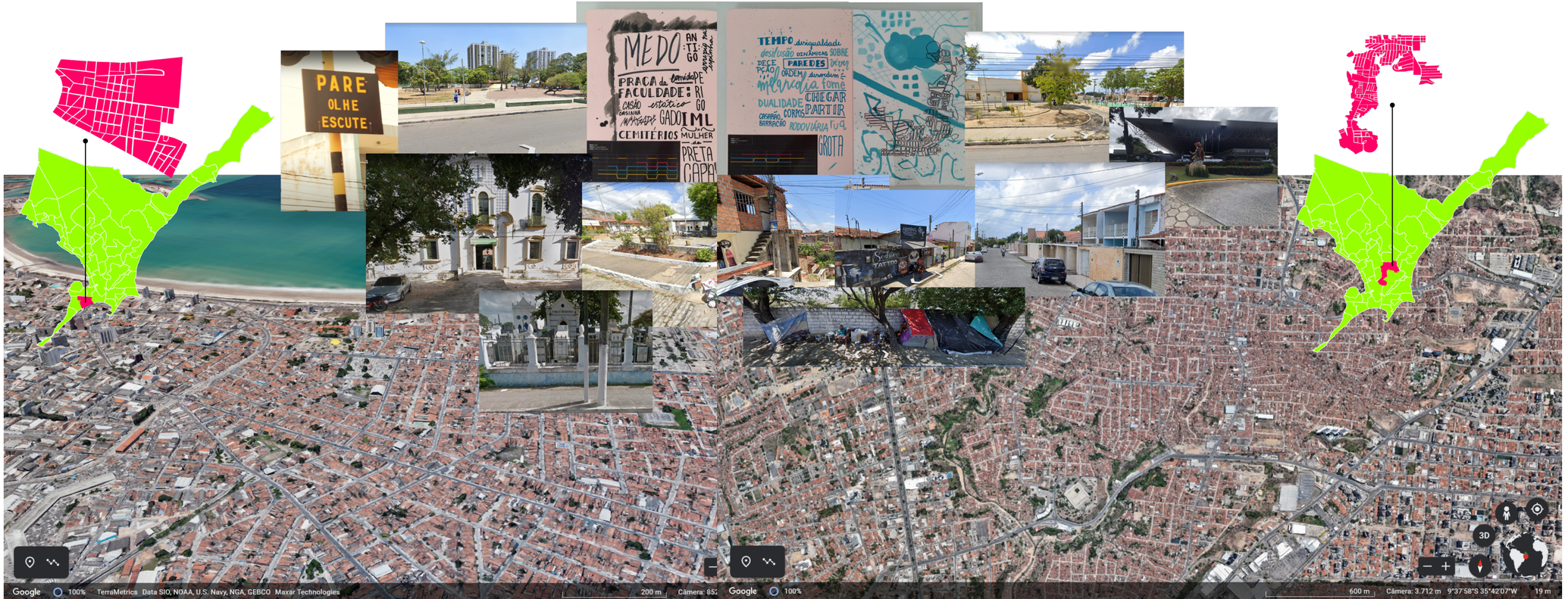
Mapa 04: Estudo iconográfico do bairro Trapiche da Barra – produzido pela autora, 2020.



Adaptado de Google Earth, 2020.

Mapa 05: Estudo iconográfico do bairro Prado – produzido pela autora, 2020.

Mapa 06: Estudo iconográfico do bairro Feitosa – produzido pela autora, 2020.



Adaptado de Google Earth, 2020; Tequilla Bomb, 2015.

Adaptado de Google Earth, 2020.

Mapa 07: Estudo iconográfico do bairro Jacintinho – produzido pela autora, 2020.



Adaptado de Google Earth, 2020; Boby CH, 2014.

Mapa 08: Estudo iconográfico do bairro Chã da Jaqueira – produzido pela autora, 2020.



Adaptado de Google Earth, 2020.

Mapa 09: Estudo iconográfico do bairro Tabuleiro dos Martins – produzido pela autora, 2020.



Adaptado de Google Earth, 2020.

Mapa 10: Estudo iconográfico do bairro Clima Bom – produzido pela autora, 2020.



Adaptado de Google Earth, 2020.

Mapa 11: Estudo iconográfico do bairro Benedito Bentes – produzido pela autora, 2020.



Adaptado de Google Earth, 2020.

Ao mesmo tempo em que os exercícios proporcionaram uma imersão no campo, foi possível reunir fragmentos de memórias de um corpo de carne, mas também de um corpo máquina. Ambos vão fabricando paisagens de Maceió que ao final se revelaram absolutamente diversas às imagens midiatizadas da cidade, construindo uma pequena cartografia que se abre para outras experiências. Foi em busca de ampliar esta cartografia que me lancei no segundo experimento.

ex -peri- mento II

Mesmo com a realização do exercício da escuta no primeiro experimento, sentia a necessidade de explorar os espaços a partir de seus sons – até como forma de estimular o ouvido enquanto ferramenta capaz de perceber a cidade. Por outro lado, almejava verificar como os mapas construídos se relacionavam com as experiências proporcionadas pela exploração física do campo.

Após oito meses em isolamento liberto meu corpo na cidade. Mas ela não é a mesma. E o corpo também não. A exploração em campo exigiu a adoção de medidas de proteção contrárias à proximidade e ao toque, além da utilização constante da máscara. Esse afastamento físico da cidade, e seu posterior retorno, revelou aspectos singulares quanto à observação dos espaços, mas também quanto a minha própria forma de me relacionar com eles.

Retomando os bairros que compõem a cartografia – Vergel do Lago, Trapiche da Barra, Prado, Chã da Jaqueira, Feitosa, Jacintinho, Tabuleiro dos Martins, Clima Bom e Benedito Bentes – me lancei na cidade como um corpo-ouvido através de dois movimentos, o primeiro foi o caminhar em campo. Como forma de registro das experiências utilizo apenas o corpo e um gravador – este último, como uma extensão da memória auditiva.

07 de novembro de 2020

Cam 1 -po

*A exploração teve como ponto de partida a praça em frente à **Paróquia João Batista**, no bairro Chã da Jaqueira. Confesso que estava um pouco inquieta, sem saber por onde começar ou o que observar. Abaixei a máscara, acendi um cigarro, sentei na praça, ouvi um burburinho (vi que se tratava de um agrupamento de pessoas que trabalhavam para algum vereador em campanha eleitoral), depois sons de ferramentas (que vinham de uma oficina, em seguida de um salão de cabeleireiro). A orquestra de sons que compunham o espaço era mais complexa do que eu imaginava. À medida que me concentrava em algum advento sonoro, percebia a existência de outro sem demora. Me questionei "ora, se esses sons já ocupavam o espaço quando cheguei, por que demandei tanto tempo para notá-los?"*

Terminei o cigarro, percebi que a praça era agradável: bancos ao redor (contudo, sentei em um pequeno canteiro que circulava uma árvore); muitas árvores, umas grandes, outras pequenas; uma estátua de São João Batista – que ficava dentro de uma torre, supostamente, um campanário. Decidi começar a caminhar e não demorou até que toda a inquietação retornasse. Entre o liminar do conhecido e desconhecido, vestindo as roupas típicas duma pesquisadora de campo (camisa larga e confortável, calça legging, tênis, cabelo amarrado, mochila – mais

QR CODE 14

as parafernálias que todo bom cientista social deve levar consigo em suas expedições) e com uma máscara sufocante, capaz de esconder qualquer expressão de afabilidade em meu rosto. Definitivamente eu não estava confortável.

A região estava bastante movimentada – veículos, pessoas, cachorros e gatos. Decidi não fazer uso da câmera fotográfica. Tirei o gravador da bolsa, liguei, coloquei no bolso da calça. Um simpático senhor desejou bom dia, conversamos um pouco sobre o bairro... Seguindo para a avenida, optei pelo caminho da direita – que se dividia em mais três possibilidades de percurso, entrei à esquerda.

À medida que adentrava a rua as sensações se transformavam. A primeira percepção foi em relação ao caminhar, o asfalto tornara-se paralelepípedo – o que me fez pensar que a opção escolhida não era uma continuação da avenida principal. O fluxo de veículos diminuíra, revelando sons de trabalho, vozes, animais e músicas. As edificações se alternavam entre comerciais e residenciais.

Entrei à esquerda. Rua de barro, residencial, pessoas realizando afazeres domésticos – por vezes os limites da edificação se estendiam para além do privado, tornando o espaço público uma extensão de suas habitações. Cheguei à outra rua de paralelepípedo. Diferente da primeira, esta quase não tinha fluxo de veículos e apenas alguns estabelecimentos comerciais. Pessoas realizando afazeres domésticos, outras conversando, outras atravessando, outras apenas observando. Os sons eram agradabilíssimos: o vento nas folhas das árvores, passarinhos, vozes, músicas (em especial o reggae) – provavelmente existiam outros que não chamara minha intenção.

Aos poucos percebi indícios de que a rua se tratava de uma espacialidade que beirava uma grota. Inverti a rota. Procurei ruas que poderiam me levar à segunda ou terceira possibilidade de percurso que me foi imposta anteriormente. Explorei um pouco e decidi voltar para praça em frente à Paróquia João Batista, agora para desvendar os caminhos que se estendiam na direção oposta.

A avenida principal possui um canteiro de árvores que divide o asfalto em mão e contramão, enquanto ruas transversais sem saída e de barro cortam sua extensão. Os sons, nem tanto agradáveis – a quantidade de veículos que atravessavam a avenida me incomodou. Continuei em linha reta. Cruzei com um rasta que caminhava alegremente enquanto cantava, acompanhando a música que saia de seu aparelho de som – algum grupo estrangeiro de reggae...

Cheguei à outra praça, com uma pequena quadra no meio – logo imaginei corpos juvenis dançando ao ritmo do futebol ou do basquete –, algumas barracas e mais árvores. Contudo, estava vazia. A praça se encontra no meio de uma bifurcação da avenida. Escolhi seguir à esquerda.

Rua larga e reta, casas de diferentes formas e cores, calçadas irregulares (o que não incomodou, caminhei boa parte do percurso na estrada de paralelepípedos... Todos pareciam fazer o mesmo), pessoas – notei um jovem com uma criança atravessando a rua, roupa estilo surfwear Cyclone, seu cabelo? Na régua! Um som distante chamou minha atenção, novamente alguém escutando reggae – questionei aos meus botões se seria influência da Danceteria Scorpions.

Caminhei até uma Igreja Mórmon – lembrei que em todos os bairros que conheço na parte alta da cidade é possível encontrar uma dessas. Adiante, um extenso "vazio": a rua tão cheia de formas, cores e texturas se reduzira à grandes paredes desgastadas – sobreposições de tintas, desenhos e grafismos. Nenhum pedestre. O silêncio ecoava. Decidi voltar.

Retornei à praça, aquela com uma quadra no meio. Dois adolescentes jogavam basquete. Caminhei por outras ruas perpendiculares à avenida principal, para minha surpresa, me deparo com mais dois garotos com uniformes de time de futebol fumando um beck. Senti o constrangimento deles ao serem surpreendidos pela minha presença. Achei engraçado. Decidi seguir para o Clima Bom.

07 de novembro de 2020

Cam 2 -po

Ônibus, carros, motocicletas, bicicletas, pedestres... Camburão. Caótico! Comecei a exploração em volta do bar e restaurante ***Galetão do Pereira*** *– localizado numa das principais avenidas, o bar tinha uma extensa área de calçada, com suas mesas dispostas ao redor das árvores (todas ocupadas e sem obedecer às mínimas recomendações de proteção contra a COVID-19).*

A avenida principal é praticamente composta por edificações comerciais, com uma casa ou outra comprimida pelo comércio. Qualquer coisa que você precise, provavelmente encontrará no Clima Bom – tenho quase certeza disso. O fluxo de veículos era intenso, assim como a circulação de pessoas. Senti vontade de caminhar pelas ruas perpendiculares que cortam a avenida.

Algumas pessoas sentadas nas calçadas, outras lavando carro... Uma pequena casa chamou minha atenção: de arquitetura simples, estreita, construída de um lado a outro; na fachada, apenas uma porta e uma janela; um meio muro, sem portão, divide a área privada da edificação da área pública da rua; encostado no meio muro, um banco improvisado com alguns pedaços de concreto; na calçada, uma linda e frondosa árvore. Por algum motivo, senti saudade de algo que não consigo lembrar exatamente o que é. Observei-a por um momento e segui.

Notei que, assim como na Chã da Jaqueira, as vias secundárias eram em sua maioria residenciais, de paralelepípedo e/ou de barro, com quase nenhum

QR CODE 15

fluxo de automóveis. Contudo, o caminhar não era agradável como na Chã... O calor era insuportável, nem um pezinho de vento, nem uma sombrinha de muro.

Continuei, até que percebi que andei em círculos: estava novamente no Galetão do Pereira. Decidi percorrer as ruas secundárias do lado oposto ao que eu tinha explorado inicialmente. As ruas eram mais largas, de resto, muito semelhante às outras. Para minha surpresa, cruzei com o rasta que tinha visto anteriormente na Chã da Jaqueira (pensei na probabilidade desse acontecimento, muito baixa nas minhas contas!), o que me fez pensar nas dinâmicas que conectam os bairros de Maceió.

Resolvi explorar outra área do Clima Bom, os entornos da **Escola Estadual Benedita de Castro** – esse ponto é bastante conhecido pela recorrência de assaltos dentro do transporte público, é nela que se encontra a parede coberta com cartazes de festas que citei no primeiro experimento. Mas nesta manhã de sábado, as conjecturas foram diferentes das percepções experienciadas: o espaço que eu imaginara causar medo ou angústia se transformara num lugar repleto de formas, texturas, cheiros e sons – tudo vibrante!

O fluxo de veículos e pessoas continuava intenso, mas de uma forma diferente. Havia uma grande quantidade de bancas de feiras espalhadas no entorno da escola. Seus sons e cheiros – ah, os cheiros das frutas eram agradabilíssimos! – se misturavam aos dos outros estabelecimentos comerciais.

À medida que me afastava da avenida principal, a falta de infraestrutura se acentuava: a via danificada, com buracos recorrentes; esgoto despejado direto nas ruas; calçadas estreitas; lixo em lugar inapropriado. Ao mesmo tempo, notei a frequente presença de viaturas da polícia militar.

Voltei até a avenida principal para explorar o lado oposto à escola. O fluxo de veículos e pessoas agora mais escasso. As cores, antes tão vibrantes, transformaram-se em tons de marrom e cinza. Mais esgoto. Mais lixo. O silêncio parecia dominar o espaço. Entrei numa rua de barro que dava acesso a vários becos.

Na entrada de um deles, dois rapazes fumavam maconha. O cenário imediatamente me lembrou vivências experienciadas em outros momentos e em outros espaços da cidade: no Benedito Bentes, Cruzeiro do Sul, Gama Lins e Village Campestre é possível encontrar bocas de fumo que se localizavam em becos semelhantes, com pessoas na entrada que são responsáveis por determinadas atividades ligadas ao tráfico.

Nos outros becos observei os moradores em tarefas domésticas e cotidianas, que se estendiam para além das paredes da propriedade privada. As relações entre os moradores pareciam obedecer a ordem inversa, na qual as interações com a vizinhança se desdobravam para além do espaço público, penetrando o espaço íntimo do lar. Com o avanço da manhã e a impossibilidade de continuar o campo, finalizei a exploração.

14 de novembro de 2020

Cam 3 -po

Oito horas da manhã, **Praça Boa Esperança**, bairro do Vergel. Enquanto percorria sutilmente a extensão da praça, avistei um grupo de quatro homens sentados em volta de uma garrafa de Pitú. Desviei o olhar como quem busca capturar novos elementos da paisagem ainda não tocados pelos olhos. Para minha surpresa, encontro um bode deitado sob a sombra fresca de uma pequena árvore.

O entorno da praça era calmo. O silêncio denunciava sons tímidos, como o vento tocando as folhagens, um canto de passarinho, o meu próprio caminhar... Poucas pessoas transitavam pela rua. Cruzei a praça em direção ao **Colégio Santa Tereza**. Entrei numa travessa – estreita, cercada por edificações que pareciam abandonadas – que acabou me levando a orla lagunar.

Atravessando uma das faixas da **Avenida Sen. Rui Palmeira**, decidi caminhar pelo canteiro – no qual árvores, organizadas em pares ao longo de sua extensão, formam uma delicada coberta verde que protege a passagem. O chão era de terra, com exceção de alguns trechos – onde o lixo ocupava o canteiro de uma faixa à outra. Percebi um urubu transitando por cima do lixo. Depois outro. Não demorou, o terceiro – este dilacerando as entranhas de um cachorro.

Deixei o canteiro e segui para a orla. Procurei um caminho que permitisse beirar a lagoa, porém as margens pareciam obstruídas pelos mais diversos tipos de barreiras: vegetação, cercas, edificações,

QR CODE 16

barracos, e até mesmo pessoas – exercendo algum ofício, conversando, bebendo, fumando maconha. Foi quando percebi que seriam necessárias outras visitas de campo, para que eu me sentisse confortável em acessar de forma mais íntima o bairro.

Decidi atravessar a avenida e explorar a região oposta à lagoa. Casas simples e pequenas – algumas pareciam adaptadas para a venda de produtos derivados de atividades pesqueiras –, muitas oficinas mecânicas (umas pequenas, outras maiores), uma quantidade significativa de motéis – imaginei se a existências deles nessa espacialidade teria relação com a prostituição, dado o contexto social do Vergel.

Resolvi explorar as ruas internas. Vi uma senhora entrando num beco. Decidi acompanhá-la (diferente da Chã da Jaqueira e do Clima Bom, os becos e travessas no Vergel pareciam mais convidativos aos que ali transitavam, como se de fato fossem passagens). Cumprimentei uma senhora e um rapaz que dava banho em um cachorro.

O Vergel, definitivamente, é um lugar "projetado" para se perder! Paralelo e perpendicular são adjetivos difíceis de serem aplicados ao sujeito: as rotas mais se assemelham aos orgânicos desenhos deixados pela água no solo mangue. As ruas – ora estreita, ora larga – são tortas e pareciam conectar nada à lugar nenhum (se perder nunca foi tão fácil). No chão, vegetação e esgoto invadem o calçamento. Calçadas delgadas e irregulares dificultam a locomoção, fazendo com que os pedestres subvertam o uso das vias destinadas ao trânsito de automóveis.

Pessoas caminhando, outras sentadas na calçada, outras fazendo atividades domésticas, outras... Na verdade, muitas outras, bebendo. Foi quando percebi que este era um hábito, aparentemente, comum no bairro (durante todo o percurso, foi possível encontrar um grupo de homens consumindo bebida alcoólica). Levando em consideração que não passava das dez horas da manhã, me questionei quais seriam as implicações por trás desta percepção.

A sonoridade do Vergel era agradabilíssima. Tinha um ar de começo de dia numa cidadezinha do interior: o som raro do motor de automóvel, os cantos dos passarinhos, o tinido vindo de dentro das casas, músicas... Camadas e camadas sonoras, sobrepostas de forma harmoniosas, uma sobre as outras.

O olfato foi o sentido mais marcante da exploração: o cheiro da lama do mangue evaporava pelas entranhas do calçamento, se misturando ao cheiro da podridão do lixo. De todas as espacialidades percorridas em Maceió, nenhuma paisagem olfativa era tão característica quanto a encontrada no Vergel.

Segui para o Trapiche.

14 de novembro de 2020

Cam 4 -po

Calor! Muito calor... Iniciei o trajeto partindo do terminal de ônibus do bairro em direção à praia. Ruas largas, organizadas paralelamente e perpendicularmente umas às outras. O asfalto parecia refletir os raios de sol (o que me fez desistir de ir até à orla, optando por caminhar entre as ruas – talvez na procura inconsciente de uma sombra).

O único som que recordo é o dos meus passos, do atrito da sandália no chão de cimento. Ruas inertes. Casas grandes, de um padrão bem mais elevado que as encontradas no Vergel. Nenhum pé de mato para aliviar o calor... Caminhada extremamente desagradável.

Segui em direção à **Av. Siqueira Campos**. Finalmente o bairro parecia ganhar vida: pessoas por todos os lados, fluxo intenso de automóveis, sons, odores, sabores... Um canteiro, com árvores de pequeno porte, divide a extensa avenida em duas vias – para minha frustração, a vegetação quase não fazia sombra e a calçada era estreita demais para caminhar.

Sentindo toda a água do meu corpo evaporar, procurei um lugar para me refrescar. Avistei algumas barracas protegidas pela sombra das árvores do **Hospital Geral do Estado (HGE)**. O lugar parecia perfeito para se esconder, por alguns instantes, do sol. Um senhorzinho atendia um cliente, enquanto dava o troco a outro. Pedi duas garrafinhas de água mineral. Ouvi um som bastante familiar. Ao percorrer o espaço com os olhos, percebo uma máquina de caldo-de-cana. Não demorou para que sentisse o sabor da bebida escorrendo pela boca. Cogitei trocar o pedido. Mas desisti.

QR CODE 17

Enquanto desfrutava da minha água, observava o espaço. Engraçado como o HGE se estende para além da edificação: funcionários do hospital descansam sob a sombra das árvores, ou sob as marquises das construções vizinhas; acompanhantes de pacientes internados se alimentam nos restaurantes e lanchonetes próximos; motoristas conversam enquanto aguardam algum cliente no ponto de táxi...

Sendo o HGE o único hospital "portas abertas" do estado, não é raro encontrar pessoas de diferentes municípios "habitando" o espaço – mesmo que temporariamente. Basta parar em uma destas barracas e não se demora a escutar alguma conversa sobre o marido internado, ou o pai, ou o filho...

*Atravessei a avenida em direção ao **Trapichão**. Parei e admirei o estádio por um tempo – não por sua arquitetura, mas por sua importância na memória coletiva da cidade. Imaginei o espaço num dia de jogo clássico, como CSA vs. CRB, na tentativa de entrever as dinâmicas e sensações do lugar. Tentativa impossível, é claro! Percorrendo a edificação, avisto na bilheteria um casal de moradores de rua dormindo sob um pedaço de papelão. Ao redor, baldes com água, roupas espalhadas, um fogão improvisado... Vestígios de um habitar.*

Durante o primeiro experimento, a Av. Siqueira Campos parecia separar duas espacialidades de contextos sociais bem distintos. Com o campo, foi possível perceber que as conjecturas realizadas a partir da memória pessoal e coletiva refletiam a realidade. De um lado: praia, quadras grandes e uniformes, ruas largas e asfaltadas, casas de classe média, vazio, silêncio. Do outro: lagoa, quadras irregulares, ruas estreitas e de paralelepípedo – algumas de barro, ainda –, casas pequenas e multiformes, esgoto, lixo, e muito movimento.

À medida que a hora avançava, o calor tornava-se insuportável. Considerando o tempo disponível, segui para o Prado.

14 de novembro de 2020

Cam 5 -po

*Último parada do dia. **Museu de História Natural**. Paredes descascadas. Janelas quebradas. Prédio em ruína... O Prado possui um ar nostálgico. As camadas de tintas sobrepostas nas construções mais antigas denunciam histórias passadas, rastros de vivência de outrora. As experiências pessoais se misturam às memórias do espaço – basta caminhar por entre os túmulos dos **cemitérios** e não se demora a perceber a dor, a tristeza, o amor, a saudade, de outras vidas...*

*Decidi sentar na **Praça da Faculdade**. Acendi um cigarro. Com exceção de um casal apaixonado aos beijos, e dos transeuntes, o vazio tomava o espaço. Contudo, levando em consideração que nos aproximávamos do meio dia, acredito ser um vazio momentâneo.*

*Por todo o território era possível encontrar indícios dos mais diversos tipos de ocupação: roupas rasgadas no chão; vestígios de um habitar efêmero – talvez pela proximidade com o Centro, moradores de rua façam da praça um "lar"; food trucks e barraquinhas apontam para um espaço de lazer e encontro; o **Centro Municipal de Educação Infantil** (CMEI) e o parquinho me fizeram imaginar crianças correndo, brincando e rindo... Como dito antes, em alguns momentos as memórias se confundem com as percepções: eventos – como a Feira Camponesa, por exemplo – transformam a praça num lugar de trocas e múltiplas experiências... O oposto de vazio.*

QR CODE 18

Atravessei a Av. Siqueira Campos em direção ao interior do bairro. Ruas silenciosas... Casas de diferentes estilos arquitetônicos denunciam Maceiós de diferentes décadas. O asfalto gasto deixava transparecer a pista de paralelepípedo em alguns pontos. Pouco movimento de automóveis. Avistei alguns moradores durante o percurso, todos idosos... Por um momento me senti uma turista em uma cidade desconhecida. Ao mesmo tempo uma sensação de Déjà vu. Estava cansada e com fome, sabia que não renderia muito. Voltei para a Siqueira Campos.

Engraçado como espacialidades próximas podem ser tão distintas. O fluxo de automóveis e pessoas era intenso... Toda a calmaria das ruas percorridas desaparecera. A quantidade e intensidade dos sons anunciavam minha volta à cidade. Com exceção de uma ou outra residência, as edificações eram quase todas comerciais – com destaque para a quantidade de farmácias.

Queria explorar os cemitérios, infelizmente eu não tinha muito tempo (nem disposição!). Atravessei, novamente a avenida, desta vez em direção ao litoral. As ruas eram semelhantes às exploradas anteriormente. Silenciosas. Pouco movimento de automóveis e pessoas. Cruzei com um carrinho de hortifruti que fazia uso de gravação para anunciar sua passagem (foi quando percebi que ainda não tinha visto nenhuma mercearia ou supermercado. Aparentemente os moradores consomem mais remédios que alimentos...). Parei por um momento, observando se alguém manifestaria interesse nos produtos anunciados... Ninguém apareceu.

Voltei para a praça e entrei no carro. Pensei em como os três campos, mesmo próximos, despertaram sentimentos tão diferentes.

20 de novembro de 2020

Cam 6 -po

Jacintinho... Por onde começo? Um labafero, fuzuê, muvuca, alvoroço... Penso em como iniciar a descrição do campo... Mas parece impossível ordenar os pensamentos – a exploração foi tão confusa quanto o bairro.

Na avenida principal, fluxo intenso de pessoas – me lembrei das informações divulgadas pelo Governo do Estado de Alagoas, onde o Jacintinho aparece como um dos principais bairros de Maceió com alto índice de infecção por coronavírus – trânsito caótico, como de costume. A caminhada mais difícil até o momento: nas calçadas, congestionamento de corpos... No asfalto, de veículos.

O comércio funcionava a todo vapor. As vitrines das lojas contrastavam com as barracas da feira. Pensei em procurar uma árvore de natal, ou umas roupinhas para ficar em casa, talvez comprar umas verduras... Fácil perder o foco diante de tantos produtos, sabores, cheiros, texturas... Percebi uma quantidade significativa de lojas estilo surfwear – aquele estilo que maloqueiro adora: Cyclone, Smolder, Quiksilver, Oakley (quase sempre réplicas).

Segui sentido oeste, na tentativa de explorar as ruas adjacente... Observar as dinâmicas do bairro além do comércio. O som mudara completamente, do caos sonoro à calmaria. O fluxo de pessoas e automóveis transitando diminuíra drasticamente, caminhei pela pista de paralelepípedo tranquilamente – as calçadas seguiam um ritmo de sobe e desce enfadonho. Ruas tortas, estreitas e enladeiradas. Casas e

QR CODE 19

edifícios de diferentes formas e cores. Alguns senhores sentados nas calçadas, outros passeando com suas gaiolas de passarinho, um grupo de jovens conversavam e riam (lembrei da minha adolescência). Durante o percurso, diversos becos davam acesso às grotas, acredito ser parte do ***Vale do Reginaldo***.

Voltei para a avenida principal e segui sentido leste para explorar o lado oposto. As ruas iniciais eram tortas e estreitas – muitas estavam interditadas para a realização de obras. O movimento de pessoas e automóveis era mais intenso que no lado oeste.

Após um tempo de caminhada me deparo com uma ***praça****... Eu não fazia ideia que encontraria uma praça no meio do Jacintinho (me questiono o porquê da surpresa). Parte do espaço estava isolado com tapume – provavelmente passava por algum tipo de reforma. A parte visível era bastante agradável. Árvores grandes faziam sombra por quase toda a extensão, senti vontade de sentar e fumar um cigarro. Observei o lugar: tranquilo, totalmente diferente do alvoroço visto antes; uma brisa gostosa refrescava o corpo suado; o som do vento nas folhas... Avistei papéis com imagem dos candidatos à prefeitura de Maceió espalhados pelo chão. Faltavam dois dias para a eleição.*

Continuei a caminhada. Para minha segunda surpresa, ao final da rua esbarro em outra ***praça****... Quantas praças cabem num bairro tão apertadinho como o Jaça? Aparentemente, mais de uma! Essa era um pouco maior que a primeira. Dentre as árvores que sombreavam o espaço, uma castanhola se destacava. Próximo a ela, um bar simples com mesa de sinuca... Nas imediações, alguns homens sentados à sombra da árvore jogavam dominó.*

Olhei o relógio, hora de voltar e seguir para o Feitosa. Tomei um caminho que, intuitivamente, acreditava levar à avenida principal do bairro. Eu estava certa, se não fosse pela ***grota*** *que cortava a espacialidade. Foi quando percebi como o Jacintinho era um território acidentado...*

Até o presente momento eu tinha evitado determinados tipos de espacialidade, em especial as que fizessem me sentir uma "intrusa". Eu tinha duas opções: procurar um novo percurso ou descer a grota. Parei, acendi um cigarro e analisei as possibilidades. Confesso que estava cansada, e ainda tinha que ir para outro bairro. O caminho parecia simples, só precisava descer e subir. Dei um trago na "chupeta do diabo" e desci a bendita grota.

Que emoção! O trajeto durou um ou dois minutos – no máximo... Mas foram os minutos mais empolgantes da pesquisa de campo. O trecho parecia fazer parte do Programa Vida Nova nas Grotas[13]*. Ao subir, encontro dois jovens sentados na calçada – boné aba curvada, bigodinho fininho, cabelo na régua, roupas estilo surfwear made in Jaça.*

Segui para o segundo campo do dia...

[12] Vida Nova nas Grotas é um programa do Governo do Estado de Alagoas, desenvolvido em parceria com a ONU-Habitat, que visa dar subsídio a projetos, planos e ações com foco nas populações mais vulnerabilizadas de Maceió – incluindo intervenções urbanas e territoriais que buscam a diminuição de desigualdades espaciais e de acesso a serviços (SEFAZ/AL, 2020).

20 de novembro de 2020

Cam 7 -po

Rodoviária... Lugar de chegada. Lugar de partida.

Estranho estar na rodoviária sem ser uma "passageira". Sem compromisso. Apenas como observadora. Mas falarei disso depois. Começarei pelos arredores, por onde iniciei a exploração.

Peguei a rua ao lado da entrada/saída de ônibus do terminal rodoviário. Reta. Um pouco estreita. Com leves declives – ora descendo, ora subindo. De extrema feiura... A quantidade significativa de pousadas, hotéis e motéis chamou minha atenção. Fui invadida por algumas reflexões: quais seriam as dinâmicas existentes por trás dessa relação entre rodoviária e hospedarias? A presença dos mesmos nesta região poderia ter ligação com a prostituição? Seriam as pousadas e hotéis não-lugares? Ou o inverso, seriam um lugar? Hóspedes destes estabelecimentos poderiam tornar-se "habitantes"?

Ao final da rua, sentados na calçada de uma mercearia, um grupo de homens bebiam. Pela primeira vez, dentre os lugares visitados até agora, senti medo. Um medo diferente... Um medo por ser mulher.

Caminhando pelas ruas adjacentes, percebi poucas mulheres – essas pareciam apenas cruzar o espaço, muitas vezes acompanhadas de crianças. Em contrapartida, a figura masculina no espaço público era dominante. A cada estabelecimento comercial cruzado, era possível encontrar homens reunidos em alguma atividade (conversando, jogando dominó, bebendo...). O próprio comércio parecia voltado para o público masculino.

QR CODE 20

Como mulher, é sempre incômodo cruzar um grupo de homens: os sussurros, os olhares, as piadas... Logo, percorrer o **Feitosa** estava sendo uma das experiências sensoriais mais desconfortáveis. Não me recordo do som, ou do cheiro, ou das formas... Nem mesmo dos rostos desses homens (não ousei fitá-los em nenhum momento). Onde estavam as mulheres? Trancadas em casa? Trabalhando? Seria a rua um lugar hostil, mesmo para as que ali habitam?

Atravessei a **Av. Gov. Lamenta Filho** – principal avenida que corta o bairro – para explorar o lado oposto. Cruzei com duas ou três mulheres durante o percurso. Alguns homens. Ruas relativamente vazias, com poucos estabelecimentos comerciais. Outras pousadas, hotéis e motéis... Percebi como eram recorrentes na região. Casas de diferentes formas, tamanhos e cores... Todos os caminhos pareciam desaguar na grota. Em alguns lugares, os prédios do Farol – separados pelo Reginaldo – se mesclavam à paisagem do Feitosa, contrastando as diferenças sociais da cidade.

Com o avançar das horas, decidi voltar para a rodoviária. Desta vez percorrendo a avenida principal. O medo finalmente se dissipava... Mas o asco permanecia. Intenso fluxo de pessoas e automóveis. Mais pousadas, hotéis e motéis, dentre eles um chamou minha atenção: **Encontro Hotel**. A edificação parecia abandonada, se não fosse pela ocupação dos moradores de rua, que transformaram a marquise em "lar" – colchões, varal com roupas penduradas, uma cozinha improvisada, tonéis com água...

Voltando para a estação, comecei a observar aquele espaço. Primeiro notei que a rodoviária estava em processo de reforma: a arquitetura aberta, que parecia se conectar com a paisagem, agora se fecha através de paredes que separam a edificação de seu entorno. Pessoas de passagem, com pouca ou quase nenhuma interação com o espaço. A parada para um cafezinho parece ser uma atividade costumeira entre os passageiros (eu adoro tomar um cafezinho enquanto fumo o meu cigarro e aguardo o ônibus), talvez uma forma de matar o tempo.

Percebi uma nova loja... Uma pequena livraria (talvez na próxima viagem eu encontre um passatempo interessante). Vazia. Não demorei a perceber que, com exceção das lanchonetes, os estabelecimentos comerciais tinham pouquíssimo movimento. As pessoas presentes pareciam alheias às experiências proporcionadas pelo espaço... E as reformas pareciam contribuir ainda mais para esse afastamento entre usuário e arquitetura.

Notei como isso me incomodava. As rodoviárias – em especial as de Recife e Maceió – sempre foram ambientes de múltiplas experiências para mim, desde a infância: o sabor do sanduíche quente de queijo e do café com leite; a diversidade de cheiros; o movimento dos corpos; os esconderijos secretos... Ao mesmo tempo, fragmentos de memórias me tomam num fluxo desordenado, despertando vários sentimentos: alegria, tristeza, raiva, saudade... Era quase meio dia, decidi encerrar a exploração.

21 de novembro de 2020

Cam 8 -po

Antes de começar a narrar as impressões decorrentes da visita de campo, gostaria de ressaltar algumas aflições que me corroíam nos dias anteriores à deriva. Como explorar um território que, em meu imaginário, compreende espaços para além do seu perímetro?

Um Tabuleiro antigo ainda permeia meu imaginário, com limites geográficos diferentes dos atuais, de clima agradável e água cristalina, com cheiro de terra... De uma lonjura extraordinária. Que compreendia a maioria dos conjuntos habitacionais de interesse social construídos na parte alta da cidade: Benedito Bentes, Eustáquio Gomes, Graciliano Ramos, Inocoop, Salvador Lyra, Village Campestre I... É esse Tabuleiro, hoje despedaçado em diferentes bairros, que habito há pelo menos 25 anos.

Seriam os limites geográficos fatores tão decisivos para a realização da pesquisa? Explorar o habitual ou o desconhecido? Diante de tantas incertezas, optei por explorar uma região com a qual tive pouco contato: a Feirinha – localizada próximo aos limites da Santa Amélia.

Devido ao movimento intenso de pessoas e automóveis ao redor da feirinha, estacionei o carro no Conjunto Colina dos Eucaliptos e segui caminhando. Cortei a Av. Gen. Walfrido Jerônimo da Rocha, deixando a Santa Amélia e embrenhando o Tabuleiro.

Sábado, oito horas da manhã, dia nublado, chão

QR CODE 21

molhado do sereno da madrugada. O som do atrito entre calçado e calçada, do vento nas árvores, dos cantos dos pássaros, dos latidos dos cachorros. Ruas tortas, estreitas... E vazias. Casas simples. Um caminhar gostoso, sem pressa... Acendi um cigarro. Subitamente fui invadida por um misto de prazer e nostalgia. Pensei com meus botões: como o despertar, ainda sonolento, da cidade é delicioso!

Comecei a ziguezaguear pelas ruas, observando as cores, texturas e formas. Percebi que durante todo o percurso era possível observar um certo tipo de vegetação intrusa, que insistia em brotar por entre as paredes, telhados e calçadas – até pelas mais estreitas fissuras. Em alguns trechos, o cheiro de terra ainda molhada. Eventualmente, roupas estendidas na calçada, confundindo os limites entre privado e público.

A medida que me aproximava da feirinha a paisagem se transformava: ruas compridas e largas, casas grandes, galpões, estabelecimentos comerciais, maior fluxo de veículos e pessoas. A sonoridade tornava-se mais complexa de apreender: o bairro acordara! Ruídos mecânicos se mesclavam aos sons produzidos pelo homem, que por sua vez se misturava à outras marcas sonoras. O odor também tomava novas formas: os deliciosos cheiros da feira denunciavam sua presença iminente. Com a mudança da paisagem, as sensações também se transformavam... A nostalgia deu lugar à ansiedade e a curiosidade.

A Feirinha do Tabuleiro é formada por um complexo de barracas e edificações de cunho comercial que ocupam um trecho da Av. Maceió e arredores. Carrinho de mão, bicicletas, carroças e caminhões destinados à venda de hortifruti criam novas espacialidades – mesmo que efêmeras. Comerciantes anunciam seus produtos, enquanto os fregueses negociam. Camadas e camadas de sons, cheiros, texturas, formas e cores.

O lixo se espalhava por todo o território da feira – como a vegetação intrusa vista antes, que até mesmo nas mais estreitas brechas insiste em fazer parte da paisagem.

Não muito diferente do Jacintinho, as pessoas que transitavam pela feirinha demonstravam pouca (ou quase nenhuma!) preocupação com as recomendações de prevenção ao coronavírus. Apenas um pequeno número utilizava a máscara corretamente, enquanto o distanciamento social era inexistente – inclusive por parte das comitivas dos candidatos à Prefeitura de Maceió, que nesta ocasião se encontravam em campanha eleitoral.

Dois espaços da feira chamaram minha atenção. O primeiro se tratava de um grande terreno descampado, que serviu para a construção de um complexo edificado de barracas. Este primeiro espaço se destina à comercialização de hortifrúti e plantas medicinais, com alguns restaurantes e bares. As passagens entre as barracas são estreitas e o fluxo de pessoas caótico. O contato com outros corpos enquanto percorria os corredores era inevitável.

O segundo espaço se tratava de um galpão destinado à comercialização de carne. Diferente do primeiro, este parecia ser mais amplo – talvez tenha sido impressão devido ao pé direito alto da edificação e ao menor número de pessoas transitando. No entanto, as experiências visuais e olfativas eram extremamente desagradáveis: pedaços de animais pendurados e expostos nos balcões, o cheiro da carne e do sangue, o som do cutelo dilacerando corpos... Senti o estômago embrulhar, decidi voltar e seguir para o Benedito Bentes.

21 de novembro de 2020

Cam 9 -po

Por questões estratégicas (e um pouco por desinteresse mesmo), deixei o Benedito Bentes por último. Conhecido por sua vasta extensão territorial, o bairro é formado por diversos conjuntos e loteamentos, como: Benedito Bentes I e II, Aprígio Vilela, Frei Damião, Cidade Sorriso I e II, Carminha, entre outros. Dada a imensidão do território e o curto tempo disponível para exploração, tenho consciência que as percepções aqui apresentadas não dão conta de toda a complexidade que envolve o "Biu".

Enquanto cruzava a Av. Cachoeira do Meirim, uma inquietação aflorou. Desperdicei alguns instantes na tentativa de descobrir o motivo, até perceber que a aflição era fruto do próprio percurso. Uma extensa linha reta que "parece ligar a cidade ao complexo habitacional". Na paisagem, edificações com as mais diversas funções – residenciais, comerciais, industriais, hospitalar, educacional etc. – que se alternam por entre "vazios" (que parecem cada vez mais escassos à medida que volto ao bairro). Espaços estes, que a depender da época do ano, se alternam entre terra e cana.

Era justamente essa paisagem, emoldurando o percurso, que me inquietava. A composição das formas, cores, texturas, cheiros e sons formavam "paisagens" que me remetiam à sensação de estar saindo da cidade, ao mesmo tempo em que parecia estar entrando em outra. Nesse jogo de sobreposições, de sair para entrar, de entrar para sair, lembrei de uma frase bastante reproduzida no imaginário maceioense:

QR CODE 22

"O Biu é uma cidade". Pensei comigo mesma, quais seriam as implicações desta afirmativa?

Decidi explorar, inicialmente, o Benedito Bentes I – primeiro conjunto habitacional construído, e que deu origem ao bairro. Comecei a caminhada em torno da Praça Padre Cícero, espaço bastante conhecido pelas batalhas de hip hop, pela pista de skate e pela frequência de encontros de determinados grupamentos sociais.

Boa parte da extensão da praça se encontrava ocupada por um parque itinerante. Mas não eram apenas os brinquedos que se apropriavam do espaço: no coreto, colchões com pessoas descansando; varais formavam teias entre os brinquedos; tonéis e baldes para o armazenamento de água... Logo percebi que se tratavam dos próprios funcionários do parque, que transformavam a praça no seu próprio espaço de morar e trabalhar, mesmo que efêmero.

Segui em direção ao terminal de ônibus. Rua agitada. Intenso fluxo de pessoas e automóveis, estabelecimentos comerciais, escolas, templos religiosos... Sons de todos os lados bombardeavam meu sistema auditivo, marcas sonoras criavam territorialidades que se sobrepunham - anúncios vindos das edificações e de carros de som, conversas, automóveis...

Continuei pela mesma rua por um tempo, até uma outra despertar minha curiosidade. Percebi alguns restaurantes e bares, dos quais um chamou minha atenção pelo volume da música: um típico pega-bêbo, daqueles que homens mais velhos gostam de frequentar. Ao fim da rua notei um descampado com árvores que parecia um ponto de intersecção: se tratava de um espaço (que acredito ser resquício do projeto arquitetônico deste conjunto) "vazio", semelhante aos que existem no Conjunto Eustáquio Gomes de Melo – onde esses espaços permeiam a malha construída e acabam adquirindo diferentes tipos de uso, a medida que a área é ocupada.

Tal semelhança entre o Benedito e o Eustáquio (onde passei boa parte da minha adolescência) ativou lembranças de memórias vivenciadas, como: utilizar esses espaços como rotas alternativas às ruas projetadas, conversar com os amigos por entre as sombras das árvores, ver o racha na quadra improvisada... Questionei aos meus botões se essa impressão teria alguma relação com a forma como os moradores utilizam estes espaços.

Do descampado, múltiplas possibilidades de exploração se desvelaram. Segui por uma rua residencial (ah! Como essas ruas são interessantes). Diferente dos outros conjuntos habitacionais da parte alta de Maceió, as vias secundárias parecem ter sido projetadas para um fluxo maior de pedestre – enquanto aos automóveis é destinada apenas uma estreita área, na qual a circulação de dois carros, um ao lado do outro, não é possível. As calçadas – ora mais largas, ora mais estreitas – desenham um S que delimitam os limites da pista.

Caminhei por entre as ruas residenciais, todas com as mesmas características. Após um tempo, me dei conta de como as ruas eram vazias. Movimentação quase inexistente. Pouco consegui observar dentro das casas, a maioria com muros altos e portões fechados. Também não recordo de nenhuma marca sonora que tenha chamado minha atenção.

Segui em direção às vias principais. Novamente, rua agitada, intenso fluxo de pessoas e automóveis, estabelecimentos comerciais... Sons e cheiros diversos – restaurantes, lanchonetes e padarias exalavam deliciosos odores. Olhei o relógio, quase hora do almoço... A fome apertou.

Voltei para a praça. Sentei um pouco para fumar um cigarro. Avistei um jovem que passava próximo, estilo mala: magro, alto, bermuda jeans, sem camisa, boné, peito estufado, olhar malicioso... Foi quando percebi que existem diferentes tipos de maloqueiros. O maloqueiro do Biu é diferente do maloqueiro do Feitosa, e do Vergel, e do Clima Bom... Imaginei como seria uma cartografia dos gestos dos "almas" de Maceió. Seria possível cartografar esses gestos através do rap?

Num segundo movimento, me debrucei sobre os áudios gravados em campo na busca por novas experiências. Numa folha de papel fui escrevendo as marcas sonoras que percebia, com objetivo de criar um outro diagrama que me ajudasse a pensar esses espaços. Inicialmente, fui transcrevendo os sons sobre os mapas de cada bairro, no entanto esse esforço não me pareceu suficiente, visto que os sons obedecem uma outra ordem de espacialidade que não a dos mapas convencionais.

Embaralhando essas marcas, buscando encontrar pontos de tangenciamentos entre elas, os mapas dessas espacialidades foram reconfigurados a partir de cinco territórios sonoros: Terra dos Corpos, Terra das Máquinas, Terra da Lida, Terra da Matraca e Terra da Cantarola.



Mapa 12: Mapa sonoro - produzido pela autora, 2021.

Em Terras dos Corpos, encontram-se as marcas referentes aos sons que se propagam a partir da carne – humanas e não humanas – e se territorializam no espaço. Ruídos de vozes, conversas, passos, assobios, se entrelaçam ao cantar dos pássaros e de outros animais. E assim, essa geografia se materializa através dos sons dos corpos maceioenses capturados.

Terra das Máquinas abrange os sons de outros tipos de corpos. Estes se diferem por conta da sua carnalidade, que aqui é substituída por um emaranhado de metais, plásticos, borrachas, mais uma infinidade de materiais que conjuram um ser mecânico – quase robótico – que se espacializa pela cidade através de sons tão potentes, a ponto de abafar outros territórios sonares que se configuram a sua volta.

Entre essas duas, se encontra a Terra da Lida. Esta se constrói a partir de sons que emanam do gesto de um corpo humano sobre um objeto ou uma atividade. Ou seja, para que o som se propague, é preciso um certo esforço da carne, um tipo de trabalho. Por vezes um simples varrer a calçada, outras um bater do martelo.

Região que tem sua origem a partir da Terra do Corpo, em Matraca habitam marcas sonoras referentes às falas específicas que me deram vestígios de outras dimensões da paisagem ouvida. Ora essas falas são incidência da minha própria força no campo sonoro, ora correspondem a outros corpos que se territorializam ao redor de forma mais definida.

Em Terra da Cantarola encontram-se as músicas. E apesar da existência de diferentes gêneros musicais, alguns são mais recorrentes que outros, como o reggae, o brega funk e gospel. Aqui, essas marcas se entrecruzam a outros sons que se territorializam no espaço, proporcionando experiências de escuta nas quais as músicas parecem se metamorfosear em outras novas.

Esses procedimentos permitiram uma imersão no campo através de diferentes processos, ao mesmo tempo em que me fizeram refletir sobre o corpo que se abre para a cidade por meio da escuta. Com intuito de me apropriar deste dispositivo chamado ouvido, iniciarei recordando a mecânica da audição.

As ondas sonoras adentram o canal auditivo (orelha) e são direcionadas até o tímpano (ouvido médio); onde a energia associada à perturbação do ar é transmitida à membrana timpânica, fazendo-a vibrar de acordo com a frequência e amplitude do som; essas perturbações do tímpano são transmitidas, via ossículos, à janela oval (ouvido interno) num movimento de pistão; no ouvido interno, a força da pressão faz o líquido dentro da cóclea se mover, ativando as células ciliadas; ao receber esse estímulo, os cílios transformam o som em sinal neural, enviando a informação ao cérebro através do nervo auditivo (RUI, 2007).

Um processo composto por diferentes estágios responsáveis por transformar o som capturado em som percebido. Mas apesar da sua complexidade, quando exposto desta forma, parece tão mecânico quanto a descrição do funcionamento de uma máquina. No entanto, não foram essas as percepções alcançadas através dos experimentos. Para escutar foi preciso um certo engajamento do corpo, num processo de tomar para si o som, ao mesmo tempo em que o som parecia "incorporar" a carne. Em todos os momentos, o material sonoro se apresentou complexo, fluido, de difícil apreensão e tradução.

Fisiologicamente, o sentido da audição não pode ser "ligado" ou "desligado" – pelo menos não de forma espontânea. O ouvido é a porta de entrada que não pode ser fechada, que arremata todo e qualquer material sonoro que nos atravessa. Como explicar, então, os sons que nos incorporam e os que passam despercebidos?

Dozena (2019, pág. 33) explica que, diferente da visão, "a audição apreende o espaço sem um centro ou sem um foco tão nítido" e isto ocorre devido ao aspecto multidirecional do material sonoro, que complexifica sua percepção. Perceber os sons dos instrumentos através da escuta das músicas não foi uma tarefa fácil. Mas, durante a primeira experiência em campo, ouvir a multiplicidade de sons que compõem a orquestra urbana foi muito mais difícil. E mesmo com a captura da paisagem sonora através de dispositivos eletrônicos e sua posterior reprodução, não foi possível perceber os sons como ondas isoladas, separadas uma das outras. Identifiquei marcas sonoras específicas, mas sempre envoltas numa profusão sonar, emaranhadas, sobrepostas.

Escutar paisagens não foi apenas ser atravessada pelo material sonoro, pelo contrário. Foi preciso reconfigurar o corpo, subverter o estado de consciência da mente – proporcionando uma condição semelhante ao "transe". E nesse instante, em que os sons pareciam me inundar, foi possível capturar fragmentos de paisagens.

Para entender a construção dessas paisagens, recorro aos estudos do neurocientista António R. Damásio. Em "E o cérebro criou o homem" o autor busca articular a forma como os sentimentos são fundamentais na construção da consciência, tanto do que somos quanto do que está ao nosso redor. Damásio explica que são os sentimentos básicos que nos permitem ter consciência, é através deles que os seres sentem seus próprios corpos, sentem suas vidas e, portanto, existem.

Após seu percurso pelo sistema auditivo, o som é transformado em sinal neural e experienciado pela consciência através de imagens – mapas momentâneos que o cérebro cria de todas as coisas dentro ou fora de nosso corpo, concretas e abstratas, em curso ou previamente gravadas na memória. No entanto, a representação do mundo externo só pode alcançar o cérebro por intermédio do corpo: é a partir da sua interação com o meio circundante, e as mudanças causadas nele em razão dessa interação, que os sinais são mapeados. A percepção, em qualquer modalidade sensorial, é resultado dessa habilidade cartográfica do cérebro (DAMÁSIO, 2011).

“Mapas são construídos de fora para dentro do cérebro quando interagimos com objetos, por exemplo uma pessoa, uma máquina, um lugar. [...] Mapas também são construídos quando evocamos objetos que estão nos bancos de memória dentro do cérebro. A construção de mapas não cessa nem mesmo durante o sono, como demonstram os sonhos. O cérebro humano mapeia qualquer objeto que esteja fora dele, qualquer ação que ocorra fora dele e todas as relações que os objetos e as ações assumem no tempo e no espaço, relativamente uns aos outros e também em relação à nave-mãe que chamamos de organismo, o proprietário exclusivo de nosso corpo, cérebro e mente. O cérebro humano é um cartógrafo nato, e a cartografia começou com o mapeamento do corpo que contém o cérebro.”

(DAMÁSIO, 2011, p. 57)

Nesse sentido, as paisagens construídas através da experiência da escuta podem ser compreendidas como pequenas cartografias que o cérebro e o corpo fazem do mundo. Por mais pessoal que pareça esse processo, ao tentar diagramar as marcas sonoras no primeiro experimento, observei como determinadas referências parecem arquitetar as paisagens construídas. Digo referências porque estas marcas sonoras também são atravessadas por valores coletivos ou sociais – ora, não é qualidade única e exclusiva minha associar sons de buzina, sirene e trânsito aos espaços urbanos.

Trata-se de uma socialidade que é reforçada pelas formas e respostas relacionais que certos modos de falar sobre o eu recebem em trocas contínuas entre as pessoas de vários tipos, nas quais os indivíduos negociam conjuntamente teorias particulares sobre si mesmos e sobre outros. A análise, aqui, toma a forma de uma espécie de “etnografia interacional” das “formas de falar”, que são utilizadas pelas pessoas ao colocar em ação seus encontros sociais e nos quais elas mutuamente constroem-se a si próprias por meio do gerenciamento do sentido. Nesta perspectiva, a memória que surge a partir da escuta, apesar de localizada em locais e procedimentos particulares, se estruturam sob variadas relações (ROSE, 2001).

A memória que temos de nós próprios como um ser com uma biografia psicológica, uma linha de desenvolvimento da emoção, do intelecto, da vontade, do desejo, é produzida por meio das nossas vivências, das histórias que ouvimos, dos álbuns de fotografia de família e da acumulação de uma infinidade de aspectos que compõem um dossiê real ou “virtual” os quais lhe impomos sentidos e valores. É aquilo que todos nós compreendemos, pois nos dá uma história própria. Distingue aquilo que vivemos, aquilo que pensamos e, portanto, nos dá noção de que somos seres únicos. Este “self autobiográfico” é um trabalho em andamento. Vai ganhando mais profundidade por causa do acúmulo de experiência em decorrência da nossa análise dessa vivência (DAMÁSIO, 2011; ROSE, 2001).

Quando compreendo essa dupla potência da escuta e da memória – subjetiva e material – as percebo também enquanto potências do corpo. Durante o segundo experimento, notei que explorar a cidade envolvia uma diversidade de experiências

sensoriais que não se restringem apenas à audição – na verdade envolve um corpo como um todo na construção de pequenas cartografias: ouço o som dos carros, mas também sinto o sol que queima a pele, o cheiro da lama, o gosto do caldo de cana, observo as formas e texturas. As experiências perceptivas são usualmente sinestésicas, embora um ou outro sentido possa dominar.

Mas que corpo é este a que me refiro? Sabemos que não se trata de uma membrana, um casca que separa o "eu" da "cidade". Mas para refletir sobre ele, resgato um exercício realizado durante a disciplina Atelier Cidades, no qual fomos estimulados a nos modelar em argila ou massa escolar.

Por optar trabalhar com o último material, que apresentava uma diversidade de cores, o primeiro ato foi em relação a escolha da matiz. Selecionei o marrom e branco. Através do apertar, amassar, espremer e esticar, fui misturando as duas tonalidades. Durante esse processo comecei a refletir sobre o meu corpo e em como reproduzi-lo. Inicialmente pensei, "um corpo-ouvido". Ora, mas o corpo não é só ouvido, visto todo o processo de experimentação realizado. Então pensei nos braços, nas pernas, no tronco, na cabeça. Mas a representação figurativa destes membros não dava conta do meu eu. Outro aspecto é que quanto mais tentava alisar a superfície desse corpo, apagando suas marcas, percebi que o esforço não fazia sentido. O corpo tem marcas, rugas, cicatrizes, falhas. E tentar apagá-las era descorporificar esse invólucro. Assim, o próprio material manipulado me dava lições.

Acontece que meu processo de digerir, refletir e regurgitar é muito lento. E na busca por finalizar esse corpo, o tempo para a conclusão do exercício acabou sem eu decidir o que modelar. O resultado foi um grande bolo de massa que parecia se descolar de uma plano em direção ao fora, à medida que vai se esticando. Mas a observação inversa também é possível: um fora que se estica até um plano, se espalhando com objetivo de se tornarem um.

Figura 28: Exercício realizado para a disciplina Atelier Cidades - produzido pela autora, 2021.



Ao observar o objeto construído, penso nas minhas histórias, nas minhas marcas, em como existo e me relaciono com o mundo. Um corpo que se arrasta pela terra, colecionando fragmentos de memórias e experiências. Que ora se volta dentro de si. Ora se volta para o mundo. E ora já não sabe mais o que é dentro e fora. Um corpo em constantes atravessamentos com outros corpos, outros lugares, outros sons.

E apesar das leituras realizadas, dos processos experimentados, das discussões empreendidas, não consigo descrever esse corpo por completo - talvez pela complexidade que envolve seus estudos, talvez porque não exista definições fixas para ele. Mas encontro em Deleuze possibilidades para pensá-lo: uma forma de ver esse corpo é como "agenciamentos", que está somente em conexão com outros agenciamentos (DELEUZE E GATTARI, 1995). E nesse sentido, não importa responder que corpo é este. Mas, entender quais os agenciamentos capazes de o fazer surgir, mover, conectar.

Conforme os autores, semelhante ao self biográfico, nunca se chega nele, no entanto já estamos sobre ele:

"É sobre ele que dormimos, velamos, que lutamos, lutamos e somos vencidos, que procuramos nosso lugar, que descobrimos nossas felicidades inauditas e nossas quedas fabulosas, que penetramos e somos penetrados, que amamos. só pode ser ocupado, povoado por intensidades."

(DELEUZE E GATTARI, 1996, p. 4)

Dessa perspectiva, as questões a serem tratadas têm a ver não com a "constituição do eu", mas com as ligações estabelecidas entre, de um lado, o humano e, de outro, outros humanos, objetos, forças, procedimentos, as conexões e fluxos tornados possíveis, as capacidades e os devires engendrados, as conexões maquínicas formadas, que produzem e canalizam as relações que os humanos estabelecem consigo mesmos. Os corpos funcionam, aqui, como uma forma inescapavelmente heterogênea, como arranjos cujas capacidades são fabricadas e transformadas por meio de conexões e ligações nas quais elas são apreendidas em locais e espaços particulares. Não se trata, portanto, de um eu que emerge por meio da narração de histórias, mas de processos de subjetivação no qual há um agenciamento heterogêneo de corpos, vocabulários, julgamentos, técnicas, inscrições, práticas (ROSE, 2001, p. 158).

É através desse corpo – que também é corpo amador, designer, pesquisador, e mais uma infinidade – que as cidades narradas se configuram como agenciamentos entre música, carne e periferia – e tantos outros – revelando paisagens e formas de habitar de uma Maceió que escapa da subjetividade de cidade paraíso das águas. Registrando histórias através do profuso, do emaranhado, dos nós que se atam e desatam na complexidade das relações contemporâneas.



Figura 29: "Emaranhar-se" - Fotomontagem produzida pela autora, 2022.

I.III gambi -a- rras

Ouvir, observar, desenhar, escrever, cartografar a periferia, permitiu compreendê-la enquanto uma máquina em constante movimento. E nesse emaranhado, em contínuo processo de construção/ desconstrução, um aspecto parece entrelaçar os bairros percorridos: a gambiarra.

Solução para um problema ou necessidade que se "resolve" a partir da improvisação de recursos, técnicas e materiais, a gambiarra parece fazer parte do cotidiano periférico, não só como estratégia de sobrevivência, mas como ato criativo, subversivo. Portanto, é através desta palavra que buscarei tecer aqui algumas reflexões sobre essas espacialidades.

Em sua tese - intitulada "Gambiarra e Experimentalismo Sonoro" - Obici apresenta um panorama detalhado dos significados que envolvem esta palavra: adaptação, adequação, ajuste, conserto, reparo, remendo, encaixe, emenda, improvisação, jeitinho, transmutação, técnica, bricolagem, efêmero, informal, popular, inadequado, imperfeito, inacabado, atitude inventiva, inteligente, criativa, imediata, não convencional, "tecnologia popular", um meio de "tirar vantagem", hábito irregular, ilícito,

desonesto, marginal, ilegal, fraudulento, malandro. Segundo o autor, esse amplo espectro de sentidos tornam o termo flexível e adaptável, podendo ser empregado em diferentes contextos que envolvem objetos e tecnologias diversas (OBICI, 2014, p. 9-10).

Esse amplo espectro de definições por quais a gambiarra opera, me fez refletir sobre sua potência enquanto palavra capaz de agenciar múltiplos aspectos das periferias, do rap e do processo pelo qual esta primeira parte da dissertação se estruturou.

Ao me debruçar sobre os materiais produzidos a partir dos experimentos, identifiquei aspectos que dizem respeito a um modo de habitar "improvisado" – alguns quase imperceptíveis, outros mais precários – mas que resguarda diferentes elementos que podem nos ajudar a compreender um pouco da complexidade desses espaços.

Observo modos de habitar nômades. Efêmeros. Que deslizam entre pontos da cidade. Buscando nas cavidades das fachadas edificadas, espaços que sirvam de abrigo. E por um breve momento, marquises se transformam em "casas". A cama, um pedaço de papelão; um fogão improvisado, a panela uma lata; baldes como reservatórios de água para higiene; roupas penduradas; por vezes, lonas como paredes.

Casas que se desmontam e remontam pela cidade, num processo de gambiarra contínuo. Se encaixando, adaptando, ajustando aos espaços disponíveis. Casas que hoje estão aqui, amanhã acolá. Que não tem paredes que abriguem o corpo do frio que corta a noite, da ventania, da chuva forte – ou, até mesmo, da morte. E nessas condições extremas de habitar, a gambiarra surge enquanto necessidade de se adaptar ao ocasional, ao inesperado, ao repentino. Surge enquanto "tecnologia popular" – tecnologia essa, feita a partir dos restos que a cidade descarta.



Figura 30: Moradores de rua na Travessa Penedo, Feitosa.

Adaptado de Google Earth, 2022.

Por vezes, as formas de habitar vêm atreladas ao espaço de labor. Recordo do parque itinerante que encontrei no Benedito Bentes durante as errâncias em campo. Sou atravessada por memórias da infância, meu corpo é preenchido por todos os parques e circos que degustei. Imagino uma cartografia desses espaços: iluminada, colorida, gritante, de cheiro doce, repleta de corpos. Mas atravessar o parque me fez perceber que, o que para mim era um espaço de festa, de brincadeira, para outros era um espaço de trabalho. E também, um espaço de "morar". Para habitar em meio aos brinquedos é preciso muita técnica, adaptações, remendos: os colchões espalhados à sombra do coreto; os varais com roupa secando por entre os brinquedos; os reservatórios de água; a casa-brinquedo que se desmonta para se remontar em outro lugar.





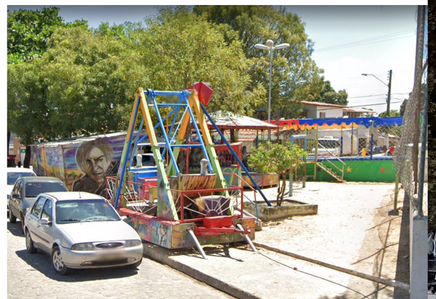


Figura 31: Parque itinerante na Via Principal Dois, Chã da Jaqueira.

Adaptado de Google Earth, 2022.

Lembro dos barracos no Vergel, que também encontram na gambiarra alternativas não convencionais às técnicas construtivas. E através do improviso, vão mesclando os diversos tipos de materiais que se encontram na "natureza" do espaço urbano: lona, papelão, alumínio, madeira e aglomerados. Barracos que vão formando labirintos em meio à lama, ao lixo, ao esgoto – este último não é exclusividade das favelas ou de áreas menos favorecidas de Maceió, visto que até a Ponta Verde se banha nas águas escuras de merda.









Figura 32: Favela Sururu de Capote, Vergel do Lago.

Adaptado de Flow Zumbi, 2019.

Até mesmo no habitar "planejado" dos conjuntos habitacionais de interesse social da região do Tabuleiro, em Maceió, a gambiarra surge como uma forma que transgride a monotonia da paisagem de casas repetidas, quebrando-a através de improvisação, adequação, ajuste. E há aproximadamente vinte e cinco anos que acompanho essas mudanças nos atuais bairros Cidade Universitária e Santos Dumont. Mas essas mudanças não são únicas e exclusivas desses bairros. Pelo contrário, são subversões recorrentes a uma forma de pensar habitações sociais vinculada a uma ideia de produção seriada, homogênea.

Casas iguais para diferentes corpos, diferentes famílias – eu mesma, quando me mudei para o conjunto Graciliano Ramos, habitei uma casa de dois quartos com mais seis pessoas; dormíamos entulhados um em cima do outro, enquanto parte da mobília ficava no quintal, coberta por uma lona azul.

E pouco tempo depois de habitadas, essas casas começam a se metamorfosear em função dos corpos que abrigam: o corredor ao lado da casa vira uma cozinha, um puxadinho no quintal vira um outro quarto; a garagem, um espaço de trabalho. E assim a gambiarra vai moldando a casa – antes, réplica de todas as outras. E cada alteração em sua estrutura é como se houvesse uma mutação no DNA do projeto.

A gambiarra as vezes é tão grande que a casa vira um outro espaço: um mercadinho, uma padaria, uma farmácia, uma creche, uma loja de construção, uma igreja etc. Essas transformações também são reflexos da forma de projetar esses conjuntos, que foram pensados como uma extensa área de residências, sem nenhum suporte ao seu redor. E por se encontrarem afastados do centro, com um péssimo sistema de transporte público, seus habitantes se viram obrigados a criar soluções. Pois o habitar na periferia – assim como no resto da cidade – se estende para além das fronteiras privadas do lar.

Figura 33: Conjunto Graciliano Ramos, antigo Tabuleiro dos Martins.



Acervo pessoal.



Figura 34: Conjunto Graciliano Ramos, atual Cidade Universitária.

Adaptado de Google Earth, 2022.

Aos poucos, esses conjuntos – que surgiram no meio do nada – vão se expandindo em direção aos loteamentos que os cercam. Estabelecimentos comerciais, barracos, puxadinhos e casinhas vão surgindo, dando origem a pequenos subconjuntos – como se fossem novos membros que vão se acoplando ao corpo da cidade periferia. Resultado desse processo, surgem os becos, atalhos, desvios, linhas de fuga.

Com exceção de dois bairros - Trapiche e Prado - os becos foram uma das características urbanas da periferia que mais chamaram minha atenção durante as errâncias em campo. São estreitas "ruas", geralmente tortas, dotadas de intensidades próprias. Com suas casinhas pequenas e espremidas, lembram os modos de habitar de um cortiço, onde os moradores parecem viver em constante interação com a vizinhança e as atividades domésticas, cotidianas, muitas vezes se estendem para além do espaço da casa.

Também percebo os becos enquanto gambiarras do próprio processo de urbanização, que cresce de forma espontânea, desordenada, heterogênea, e através de subversões e pactos se entrelaçam às cidades ortogonais, cartesianas. Durante a imersão no campo e através dos mapas foi possível refletir sobre essa cidade, que ora é composta por quadras lineares e bem definidas, ora por labirintos tortuosos – que encontram na própria geografia da terra, estratégias para o desenho urbano de seus espaços.



Figura 35: Becos e passagens. *Adaptado de Google Earth, 2022.*

Esses pequenos exemplos de gambiarras que resgatei aqui são uma amostra de uma vasta produção de formas de habitar não só as periferias, mas também as cidades. Engenhos de múltiplas naturezas, resultados da ação do corpo diante dos diferentes tipos de escassez. "Da necessidade surge o problema ou situação oportuna ao desenvolvimento de um projeto e, em consequência, uma solução a partir de elementos que se encontram no meio ambiente, no caos das ruas" (PEREIRA, 2002, p. 31). Nesse sentido a gambiarra torna-se um ato de resistência à própria cidade.

Voltando à questão da música e associando-a aos espaços, com exceção dos eventos realizados em locais privados – que usualmente apresentam uma mínima estrutura – a maior parte das batalhas de rap acontecem nas ruas. E nesse contexto, a gambiarra surge como alternativa à escassez de recursos materiais e financeiros, como adaptações capazes de transformar, mesmo que de forma efêmera, espaços como praças e quadras em instalações tecno-sonoras em função de corpos que cantam, dançam, degustam, interagem.

Barroso, em sua etnografia sobre as batalhas de rimas de Maceió, descreve alguns dos recursos eletrônicos utilizados nesses eventos: microfones, caixas de som, equipamentos eletrônicos, notebooks e celulares. E na mais escassa das situações, onde se tem apenas o celular para tocar os beats, os corpos que ali se encontram se metamorfoseiam em instrumentos musicais (BARROSO, 2019).

Diante da impossibilidade de observar essas festas in loco, visto que se encontravam suspensas em decorrência das medidas sanitárias impostas pela pandemia, realizei uma imersão nas mídias sociais em busca dos perfis das batalhas de rap a partir do mapeamento realizado por Barroso.



Figura 36: Batalhas e apresentações de rap em Maceió.

Adaptado a partir das postagens dos perfis nas mídias sociais, 2022.

Observo conjuntos de aparelhagens que se cruzam através do significado mais simples da gambiarra: extensas fiações improvisadas no intuito de obter energia elétrica. No palco adaptado na rua, corpos eletroacústicos biológicos e tecnológicos: DJs, rappers, plateia, caixas de som, as vezes carros, microfones, vitrolas, pick-ups, mixers, computadores. Penso nos territórios que se construíram a partir da escuta dos áudios gravados em campo, espaços nos quais os sons da carne se entrelaçam aos sons mecânicos e robóticos, desconstruindo e (re)construindo geografias. Quais territórios se formam a partir do encontro desses corpos? Como se aproximam, como se contrastam? É certo que o esforço empenhado até o momento não dá conta de responder tais questionamentos. Mas os deixo aqui, compreendendo que as inquietações movem o corpo em busca de novas experiências.

Não seria o rap, por si só, gambiarra? Paulino, através de um neologismo, apresenta um conceito que pode nos ajudar a refletir sobre esse questionamento:

“[...] “gambiologia” refere-se a uma contaminação entre a arte e a cultura brasileira da improvisação, na relação dessas com uma precariedade que se origina da escassez de recursos, permeada por uma abordagem crítica sobre as tecnologias. Esses pilares são considerados de forma ampla: falamos de uma arte não necessariamente vinculado ao circuito comercial das galerias e bienais, muitas vezes, fortemente relacionada ao artesanato e ao design; do gesto de improvisar para além do imediatismo da gambiarra, sendo entendido como uma habilidade que emerge da própria atuação do homem sobre o mundo, para solucionar necessidades básicas urgentes ou mesmo para garantir a própria sobrevivência; e da tecnologia como um conhecimento fluido, intuitivo e muito mais vinculado às estratégias criativas humanas sobre o universo material que à massacrante indústria tecnológica, no eterno imperativo pela “inovação”. Gambiologia é a adoção da gambiarra como opção estética e modus operandi de criação e, por que não?, uma forma de pensar a existência.”

(PAULINO, 2014, p. 11)

Seria apropriada a utilização do termo gambiologia para pensarmos este gênero enquanto arte do improviso? De acordo com Paulino, a cultura da improvisação pode ser entendida como uma habilidade que emerge da atuação do homem sobre o mundo, no intuito de solucionar necessidades ou garantir a própria sobrevivência. Portanto, a gambiarra faz parte do próprio processo histórico da humanidade e, consequentemente, da forma como fazemos músicas, e cidades.

As *block parties* – responsáveis pela consolidação do rap enquanto gênero musical – antes de mais nada, eram festas realizadas nos espaços urbanos da cidade, como alternativa aos inacessíveis clubes e discotecas. Tinham como intenção proporcionar prazeres aos corpos que enfrentavam a dura realidade do habitar as periferias, ao mesmo tempo em que (re)territorializavam espacialidades. Organizadas principalmente pelos proprietários de equipamentos de som, o sistema se interligava através de conexões ilegais à fiação de energia elétrica (URNEWS, 2020). Aqui, percebo a gambiarra para além do conjunto de aparelhos tecno-sonoros que interligam corpos eletroacústicos. Mas como gesto de improvisar diante da escassez, não só de recursos materiais, mas daquilo que alimenta outras necessidades do corpo.

Entendendo a música enquanto produto midiático que envolve capital, gravadora e recursos técnicos – o que muitas vezes tornava inviável sua produção e posterior reprodução - uma das estratégias encontradas pelo rap foi a criação de produtoras e selos independentes que garantissem a veiculação e liberdade de criação (CORTEZ, 2010). Hoje, em Maceió, sem acesso à gravadoras e estúdios, com poucos recursos financeiros e técnicos, esses artistas encontram nas mídias digitais alternativas para a produção de suas músicas. Através de programas de computadores e aplicativos de celulares é possível gravar voz e sons, samplear, editar e criar beats, adicionar efeitos, etc. Soma-se, ainda, a facilidade de reprodução através de plataformas como o Youtube, Soundcloud, Spotify e Apple Music, que ainda permitem, para além da própria produção da música, a sua reprodução e compartilhamento através das redes sociais.

Aqui, percebo que a gambiarra se aproxima do que Obici define como “gambioluteria digital”: construção de instrumentos voltada para todos os tipos de dispositivos digitais, seguindo

o princípio de desvio do design via hardware ou software. Um tipo de gambiarra próxima da atividade hacker e/ou cracker, seja pelo uso de programas piratas, gratuitos ou livres, se valendo do princípio "usar o que se tem a mão". Nesse sentido o computador pode ser pensado como um estúdio audiovisual que grava, transmite, remixa, corta, edita, sintetiza som e imagem, entre outras ações possíveis de serem realizadas simultaneamente (OBICI, 2014).

Por sua vez, a discotecagem – realizada pelo DJ – apresenta procedimentos que conduzem ao recorte e colagem de textos sonoros, bem como ao aproveitamento de ruídos e diversos sons, promovendo interação entre ritmo e poesia (CORTEZ, 2010, p. 16). Ao tentar desenhar as músicas no primeiro experimento, percebi as composições enquanto uma bricolagem sonora, fragmentos de samples que se misturam por meio da sobreposição, do arranjo, da adaptação, da transformação. Técnicas que mesclam sons urbanos, batida, sintetizadores e, por vezes, outras músicas.

Diante desses aspectos, o rap pode ser compreendido como uma arte do improviso, da gambiarra. Uma arte que deriva do encontro entre tecnologia e outros conhecimentos. Uma opção estética que opera em meio à escassez, mas também ao acúmulo. Ou como diria Paulino (2011, p. 11) "uma forma de pensar a existência", e de se fazer sentir.

Essa diversidade de abordagens da gambiarra me fez compreendê-la enquanto uma ciência dos inversos. E não seria esse um dos propósitos desta escrita? Uma forma de pensar e fazer as avessas? Observando a construção dessa primeira parte, percebo como o próprio processo metodológico foi composto por pequenas gambiarras: a busca por outras formas de imersão no campo em decorrência da pandemia; diante da falta de conhecimento sobre como manipular o material sonoro, foi preciso encontrar estratégias alternativas para a realização das experimentações; a produção de artefatos imagéticos e tridimensionais que fizeram uso de técnicas manuais como forma de refletir sobre as inquietações.

Uma série de procedimentos na busca por um outro tipo de sensorialidade – ou sensorialidades – que decorrem da interação entre o corpo e o mundo, se deparando com as variáveis, com o inesperado. Um gesto que emerge das próprias formas de habitar a cidade, um conhecimento intuitivo e inventivo.





Figura 37: "O primeiro som" - Fotomontagem produzida pela autora, 2021.

II.I gos-tar

Ainda na introdução, falei sobre o corpo amador que constrói essa escrita. Mas foi a partir dos trabalhos de Antoinne Hennion sobre uma pragmática do gosto que comecei a pensar a música para além da sua sonoridade. Para o autor:

“As pessoas são ativas e produtivas; elas transformam incessantemente tanto objetos e obras quanto performances e gostos. Insistindo no caráter pragmático e performativo das práticas culturais, a análise pode colocar em evidência a capacidade dessas pessoas de transformar e criar novas sensibilidades, em vez de somente reproduzir silenciosamente uma ordem existente.”

(HENNION, 2004, p. 256)

Ao me descobrir amadora, comecei a refletir sobre esse corpo que gosta, que age, que engaja, que produz. Que é afetado pela música, mas que também afeta e transforma o objeto amado. Foi na busca por compreender como o corpo se desvela através de uma performance do gosto que realizei o terceiro experimento.

ex -peri- mento III

Este experimento consistiu numa imersão através do exercício da memória em busca de um corpo amador. Mas aqui, o ouvido foi substituído pelos olhos com objetivo de experienciar a música a partir de outras dimensões, e a memória foi ativada através da contemplação de fotografias – acervo pessoal composto por retratos meus e "de família".

O "caminhar" pelas imagens resultou na construção de dois produtos que auxiliaram no processo de percepção deste corpo e sua relação com a música através do gosto. Na tentativa de capturar os fragmentos de memórias que despertavam a partir da observação das fotografias, o primeiro produto consistiu na escrita de um diário, que apresento a seguir.



Figura 38: Acervo fotográfico "de família".

DI -Á- RIO

QR CODE 23

Durante a infância me sentia diferente das outras crianças. Eu não gostava delas. Não tinha amigos – com exceção dos meus três primos mais velhos. Sem a companhia deles, preferia brincar sozinha, desbravando os territórios do meu quintal.

À medida que a infância foi sendo invadida pela adolescência, eu me sentia deslocada – fosse em casa, na rua ou na escola. Meus primos, que já não eram mais crianças, não brincavam mais. E o quintal parecia pequeno demais para novas descobertas. Dividia meu tempo entre estudar, desenhar, ler revistas e ouvir as fitas cassete da minha mãe.

Um dia resolvi desviar da rota escola-casa e visitar meu primo. Sentia saudades. E também sentia solidão. Era mais de meio dia, estava quente. De longe avisto meu primo andando de skate na calçada – achei bem estranha a novidade... Ao me aproximar um pouco mais ouço um som, diferente de tudo que eu já havia ouvido antes. Uma voz meio rouca e rasgada cantava palavras em inglês. Ora sussurros, ora gritos. Guitarra, baixo e bateria compunham uma sonoridade que invadia meu corpo sem pedir permissão. Acelerei os passos – quase correndo – e assim que alcancei meu primo, perguntei: "O que tá tocando?". Ele riu e me respondeu com outro questionamento: "Gostou?". E só havia uma resposta: "Muito!". A banda se chamava Nirvana, e a música Come as you are.

Sentei um tempo na calçada, embaixo de uma árvore, e fingi observar meu primo pular com o skate. As

memórias visuais são vagas, poucas recordações do meu entorno e suas dinâmicas. Eu estava hipnotizada pelo som que vinha de dentro da casa, só queria aproveitá-lo o máximo possível. Eu sabia que se me atrasasse muito para o almoço minha avó ficaria uma fera. Me despedi do meu primo e retomei minha rota para casa. Não conseguia parar de pensar naquela voz, nos sons... Eu precisava ouvir mais!

Ao final do dia pedi à minha avó para ir à casa do meu primo. Ela disse que eu podia, se comprasse o pão na volta – eu odiava sair de casa nessa época e quase nunca queria ir à padaria. Aceitei sem nem pestanejar. Chegando à casa do meu primo pedi para que ele colocasse o CD que estava tocando mais cedo. Durante 49 minutos conversamos sobre as músicas e a banda. Perguntei se ele me emprestaria o álbum, ele disse que sim, desde que eu prometesse não arranhar e entregasse no dia seguinte. Passei o resto do dia e parte da noite ouvindo aquela obra de arte... Perfeita do começo ao fim! Eu não entendia o que eles cantavam, mas de alguma forma a música conversava comigo... E por um momento, o vazio que doía lá dentro parecia preenchido.

Com o passar do tempo fui me reaproximando dos meus primos. Consequentemente, dos amigos deles. Não me sentia mais tão deslocada, sozinha. Descobri que estar na companhia de outras pessoas era até agradável – principalmente quando você sente que tem algo em comum com elas. Comprar pão – e aproveitar para encontrar os amigos – não era mais uma atividade que eu detestava. Deixei de ser a prima do David para ser a Suzany. E pela primeira vez me senti parte de um grupo. Um grupo com quem eu podia compartilhar minhas paixões e descobrir outras tantas.

O problema é que eu não contava com uma reviravolta. Após oito anos morando no mesmo lugar, quando eu finalmente parecia me encaixar, descobri que iria me mudar. Meu mundo estava desmoronando – um pouco dramático, eu concordo... Mas vai entender as loucuras que atravessam a adolescência.

Já fazia um tempo que meus primos eram motivo de zoação na família. Um era surfista, o outro regueiro, o outro roqueiro. Cada qual com seu estilo. E apenas quando atravessada pela música é que percebi: o que parecia uma simples manifestação de "gosto" na verdade era uma construção de representações e simbologias. Seguindo os passos do primo roqueiro, entrei para o grupo dos zoados. Mas as críticas da família não me atingiam, eu me sentia maravilhosa: vestia blusas pretas velhas e surradas, alguns jeans rasgados e nos pés All Star. Talvez uma reprodução de um estilo apropriado pelo capital, talvez uma forma de expressão...

Eu estava com medo das mudanças. Mas também sentia que eu poderia desvendar um mundo novo de possibilidades – como quando explorava o quintal da casa da minha avó. Eu iria para outro bairro, longe dos meus primos – nem tão longe assim... Na verdade, muito perto! Mas sabia que não queria me sentir só novamente. Ou, deslocada. Pensei comigo

mesma: "Talvez eu encontre pessoas que gostem de rock na nova escola". Portanto, para o primeiro dia de aula eu pensei no que vestiria – ainda não tinha a farda, então poderia usar o que quisesse... Ou quase tudo que quisesse. Escolhi uma camisa de banda, uma calça jeans folgada e rasgada, All Star. Como acessórios, um cinto de tachinhas com correntes penduradas e no braço esquerdo algumas pulseiras.

Fui uma das primeiras a chegar. Resolvi sentar no fundão – eu sempre fui o tipo de aluna que sentava na primeira fila, mas eu não queria mais ser. Aqueles 15 minutos esperando a primeira aula pareciam uma eternidade. Alguns alunos entraram e me olharam com desconfiança... E até com um certo desdém. Até que chegou uma garota: alta, cabelos cacheados e presos num coque bagunçado, vestia a farda da escola. Percebi que ela usava pulseiras parecidas com as minhas.

Ela se sentou na cadeira da minha frente, virou-se em minha direção, sorriu e perguntou: "Você é novata?". Eu respondi que sim. Ela continuou: "Você é roqueira?". Nunca ninguém havia me perguntado isso, pela primeira vez eu poderia responder o que eu era, e sim, eu era roqueira. Passamos a aula inteira conversando sobre músicas e bandas. E o intervalo também. Eu não sabia ainda, mas essa garota se tornaria minha melhor amiga.

A mudança não fora tão ruim quanto eu imaginara que seria. Na verdade, foi muito boa! Eu adorei a nova casa, a nova escola e, principalmente, os novos amigos. Me conectar e criar vínculos ficou mais fácil. Bastava uma camisa de banda para alguém que curtisse o som se chegasse para conversar. Essas conversas tornavam-se hábitos corriqueiros, onde passávamos horas falando sobre esse universo estético-musical do rock.

Diferente dos dias atuais, o consumo de música experimentava um outro momento da era digital. Apesar do acesso à internet existir, ele se limitava aos finais de semana – e a velocidade da internet discada era uma piada. Portanto não tínhamos essa facilidade de acesso à música que temos hoje – YouTube, apps de streamings, agilidade de downloads. CDs originais eram caros, e eu quase nunca podia pagar por um. MTV e revistas eram as principais formas de ficar por dentro do mundo da música. As trocas entre amigos era a forma de compartilhamento da época – trocávamos desde CDs até roupas. E a velha pirataria permitia a cópia dos álbuns físicos para o formato digital, e posterior reprodução em mídias físicas. Essas trocas ocorriam, em geral, a partir dos laços de amizade. Do cotidiano. O rolê era diário, na casa de um, na casa de outro... Ou na rua. Som alto. Uma garrafa de 51. Algumas pegações. E muitas, muitas, conversas sobre música.

Penso sobre essa mudança de paradigma no consumo do produto musical. Sobre essas redes de compartilhamento que tomam novas formas. Em como se reflete nas dinâmicas socioespaciais. Sobre essa

construção do "gosto" como uma forma de expressão do corpo. Sobre as espacialidades que se constroem a partir dessa relação entre música e cidade.

Mergulho nas memórias dessa época. Em como meu corpo explorava a cidade. Começando pelos arredores da escola, um grande descampado de terra, com três árvores situadas em um ponto específico do terreno – que juntas formavam uma coberta de proteção contra sol e chuvisco. O calçadão em volta da torre da Oi. As árvores ao lado do campinho de futebol. Espaços que ocupávamos nos horários que antecediam e sucediam as aulas.

Haviam as praças, a da Matriz, a do Corintho e a do Inocoop. A que menos frequentávamos era a da Matriz – sempre tinha alguma senhorinha da igreja para reclamar da nossa algazarra. A do Corintho geralmente era ocupada por uma galera do reggae e do rap. Mas a do Inocoop – a melhor de todas – era nossa! Era a praça do rock'n'roll. Existiam ainda os espaços violados, como a Caixa d'Água – cercada por paredes de arame, nas quais fazíamos passagens, e mato alto. Invadíamos o espaço com recorrência. Vagueando por essas memórias, recordo que tínhamos o hábito de pixar esses espaços com o nome do nosso grupo – Mulambos. Também desenhávamos logos de bandas. Quando penso nos cheiros desses lugares, lembro apenas do odor do álcool destilado e da fumaça do cigarro. Imediatamente recordo do sabor do jambo – que roubávamos para tira gosto.

Os rolês se estendiam, também, para outras espacialidades – onde geralmente encontrávamos outras galeras do rock em festas e shows. do Sul, Graciliano Ramos, Village Campestre, Salvador Lyra e Rio Largo eram os principais lugares. Existia ainda o Centro, com as lojas de rock e os alfarrábios – onde garimpávamos discos, fitas, CDs e livros. Mas nosso point preferido, para além das redondezas de casa, era o antigo Posto 7 – falo antigo porque o lugar passou por reformas e por processos de ocupação por novos grupos. Nada como uma noite no P7, conhecendo novas pessoas, criando novas redes de compartilhamento, longe dos olhos que nos recriminavam... Um território onde nos sentíamos completamente livres."



Figura 39: "Como você é" - colagem produzida pela autora, 2020.

A construção do diário e da fotomontagem permitiu observar-me enquanto um corpo amador e refletir sobre as suas relações com a música e o gosto. Ainda na primeira parte desta pesquisa, discuti alguns atravessamentos entre corpo e música que se estabelecem através da escuta. A partir da minha experiência e dos estudos de Antoinne Hennion, em Pragmática do Gosto, discutirei agora proposições para pensar a música além da sua sonoridade.

Gostar, ato ou efeito de experienciar o gosto. Mas o que seria o gosto? Me debruçando sobre o dicionário, encontro: 1) um dos cinco sentidos que permite perceber e avaliar os vários sabores, paladar; 2) sabor das substâncias alimentícias; 3) sensação agradável, em harmonia com a satisfação; 4) elegância e estilo harmonioso no agir ou no vestir-se, bom gosto; 5) apreciação do que é de boa qualidade; 6) manifestação de contentamento (MICHALIS, 2021).

As duas primeiras definições se referem a um outro sentido, o paladar. Me questiono quais os atravessamentos entre ouvido e boca. Qual seria o som de um sabor? E o sabor de um som? Como audição e paladar se aproximam? Como se afastam? A terceira e a sexta opções me remetem ao corpo como ele é, um todo – e não apenas a uma parte dele. É na busca por satisfazer esse corpo que se revela o gosto. A quarta e quinta se referem a uma qualidade considerada "boa", "elegante", "harmoniosa" – desconsiderando os inversos dessas palavras e expressões, colocando o "mau" gosto na qualidade de "des-gosto".

Percebo como a partir de cada definição é possível refletir sobre o que pode ser o gosto. Mas encontro em todas elas um ponto comum, o corpo. É através dele que toda experiência de "degustação" – seja ela palatável ou não – acontece. Pensarei, então, o gosto a partir do corpo.

Para além da música, Hennion resgata a experiência de degustar o vinho:

"O caso do vinho, por exemplo, levará a análise sobretudo para a capacidade de um objeto tal como o vinho de não "caber" dentro de uma taça, de escapar dela para se desenvolver, de precisar de um desdobramento [...] não há vinho sem degustadores, sem dispositivos, sem toda uma história acumulada que permitiu concentrar o gosto do vinho dentro da taça de um degustador experiente, cujo paladar se tornou o reverso do vinho, o outro corpo indispensável para que o vinho tenha gosto."

(HENNION, 2004, p. 271)

Aqui, a degustação faz com que o vinho deixe de ser apenas um objeto e se desdobre para além das suas dimensões físicas. Demanda rituais. Não há sabor, gosto, encontro, transformação, satisfação, fora do corpo que degusta. É através dele que o gosto se desvela. “As coisas belas só se dão àqueles que se dão a elas. Se esse alguém se detém por uma fração de segundo que seja e se observa a si próprio enquanto degusta, o gesto se estabelece” (HENNION, 2004, p. 263).

Me aprofundando na palavra degustar, enquanto verbo significa tomar o gosto ou sabor de alimento ou bebida. Em seu sentido figurado, o ato de apreciar com grande satisfação (MICHAELIS, 2021). Mas em todo o caso, ambas as definições se apresentam vagas e não parecem tomar o gosto em toda sua potencialidade. No intuito de dar luz à discussão, trago uma citação de Walter Benjamin:

“E fui-me embora, figos nos bolsos da calça e da jaqueta, figos em ambas as mãos estendidas à frente, figos na boca. Agora não podia parar de comer, precisava tentar me defender, o mais rápido possível, contra a massa de frutas robustas que me havia atacado. Mas aquilo já não era um comer, mas um banhar-se, pois o aroma resinoso penetrava minhas coisas, se grudava às minhas mãos, emprenhava o ar, através do qual eu levava minha carga.

E, então, sobreveio a culminância
do sabor, na qual, quando o fastio
e a náusea – as últimas curvas –
estão dominadas, o panorama se abre
numa imprevista paisagem do palato:
uma maré de avidez, sem sabor, sem
limite, verdoenga, que em nada
conhece a não ser uma a onda viscosa
e fibrosa da polpa da fruta aberta,
a total transmutação de prazer em
hábito, de hábito em vício.”

(BENJAMIN, 1987, p. 214)

A descrição de Benjamin, com a riqueza de detalhes com as quais o autor descreve o comer figos e a simultaneidade de sensações, parece transformar o ato numa espécie de devir. Ao perceber que já não mais se tratava do simples ato comer, mas de um deliciar-se nos prazeres que o encontro proporcionava à carne, Benjamin viu seu corpo voltar-se inteiro para a experiência da degustação do sabor, do gosto. E nesse momento, em que nada mais importava, só o deliciar-se, o corpo parece atingir o êxtase. Instantes de prazer que podem se bastar como memória de uma experiência ímpar, ou se transformar em um hábito em vício.

Destaco essas duas passagens por seus atravessamentos com o experimento aqui realizado. Foi a partir da canção *Come as you are* e o prazer em degustá-la que uma experiência se transformou em hábito, vício, mecanismo através do qual o corpo se movimentou em busca da satisfação de um desejo. Por outro lado, a degustação parece apresentar relações às experiências apresentadas na primeira parte desta escrita, na qual a escuta se configurou como um meio de incorporar sons, paisagens e memórias a partir do encontro entre corpo e música.

É tomando a música enquanto performance do gosto e sua potência em revelar corpos que desejam, que esta segunda parte da escrita se apresenta. Quais corpos se desvelam a partir do rap? São corpos da periferia? Como se espacializam na cidade?



Figura 40: "Da matéria-prima: a lama" - Fotomontagem produzida pela autora, 2021.

II.II
cor
-po-rificar

A primeira parte desta dissertação buscou refletir sobre as periferias através da observação dos seus espaços e das suas dinâmicas, o que me levou a perceber uma cidade que opera por meio de gambiarras. Aqui, buscarei investigá-las a partir dos seus corpos, a fim de pensarmos maquinações inversas de existir. Não há dúvidas que essas espacialidades são habitadas por uma multiplicidade de pessoas, portanto faz-se importante introduzir quais os corpos das periferias que me interessam. É na tentativa de "corporificá-los" que este segundo ponto de articulação se destina.

Durante as errâncias realizadas pela cidade, como pode-se encontrar em fragmentos das narrativas da primeira parte da escrita, alguns corpos chamaram minha atenção: em especial homens, com roupas estilo surfwear, ou com camisas de time do futebol alagoano, cabelo na régua, portando bonés, correntes, tatuagens. Consciente, ou inconscientemente, esses corpos que observei parecem se replicar nos videoclipes de rap. Essa performance do gosto pela qual esses corpos parecem se desvelar, por vezes é associada a uma forma marginal de habitar.

Penso no significado da palavra marginal, da forma mais banal possível. Recordo do meu tio e sua intensa caça aos marginais – em seus anos de concorrência à vaga da presidência da Associação dos Moradores do Conjunto Graciliano Ramos. Para ele, qualquer jovem que ocupasse algum espaço público do conjunto – como praças, quadras, canteiros etc. – e/ou fizessem uso de drogas lícitas e/ou ilícitas era um marginal que oferecia riscos ao bem-estar dos moradores.

Na tentativa de explorar outros caminhos, recorro ao dicionário. Gramaticalmente, marginal (mar.gi.nal) pertence a classe morfológica dos adjetivos. E sua função é atribuir qualidade ao substantivo. Vejamos algumas definições de significados: 1) relativo à margem; 2) localizado no limite, no extremo ou na periferia; 3) SOCIOL. Diz-se de indivíduo, geralmente imigrante, que não assimila e incorpora hábitos e valores da nova cultura por serem muito divergentes dos de seu local de origem; 4) POR EXT. Que não pertence ou não se integra a um meio social, grupo ou atividade não respeitando suas leis, valores, hábitos etc; 5) ECON. Que é pouco significativo para fazer a diferença num dado sistema; 6) ECON. Diz-se de bem cuja produção e comercialização apresenta mínima margem de lucro (MICHAELIS, 2021).

Mas marginal também é substantivo, conforme o mesmo dicionário: 1) indivíduo delinquente, que vive à margem da lei ou da sociedade não respeitando suas normas estabelecidas. Penso nesse substantivo. Nesse indivíduo. Ou melhor, nesse corpo, que é tão corpo a ponto de se tornar adjetivo de si próprio. Percebo como me aguça a imagem do maloqueiro.

Recorrendo mais uma vez ao dicionário, a palavra maloqueiro pode significar: 1) aquele que vive em maloca; 2) REG (AL) – indivíduo maltrapilho ou sem educação; 3) REG (AL) – menino que vive

nas ruas, rouba e se abriga em malocas; 4) bandido que se esconde em maloca e/ou pertence a grupos que praticam crimes (MICHAELIS, 2021).

O primeiro significado corresponde a morar, denominando o corpo a partir da sua moradia – um corpo-casa, ou uma casa-corpo. O segundo corresponde àquele que tem aparência e costumes inversos ao padrão, considerados de mau gosto. O terceiro significado – mais uma vez associado ao morar – corresponde aos jovens que habitam as ruas – só que desta vez, a casa é a própria cidade. Por fim, maloqueiro como um corpo infrator, que se esconde em malocas. Neste último, me questiono sobre as aproximações entre as palavras esconder e morar – não foram poucas as vezes que ouvi "você não mora, se esconde!", em alusão à distância da minha residência. Seriam as periferias uma nova concepção de maloca? Se sim, como a arquitetura da gambiarra das periferias possibilita um habitar ao corpo que se esconde?

Interessante notar que em algumas fontes há uma marcação destacando que a expressão corresponde a um regionalismo alagoano. Me debruçando um pouco mais sobre a relação dessa palavra com a cidade, encontro uma matéria do Diário de Pernambuco, do ano de 1935, intitulada: Como vivem os 'maloqueiros' em Maceió. Destaco alguns trechos da matéria que me ajudaram a refletir sobre esses corpos.


DIARIO DE PERNAMBUCO

PERNAMBUCO SE PREPARA PARA COMMEMORAR O 7 DE SETEMBRO

A "barata" capotou e cahiu na maré

A inauguração da Fabrica de Cimentos da Parahyba

Soccorridos no Prompto Soccorro hontem com fracturas diversas

COMO VIVEM OS "MALOQUEIROS" EM MACEIÓ

FACTOS DIVERSOS

Figura 41: Diário de Pernambuco, 1935.

“O problema dos menores abandonados continua a dar as ruas desta capital espectaculos deploraveis.

É uma pequena legião de meninos e rapazes sem ocupação, esmolando ou furtando o pão que comem, dormindo ao relento nos batentes das casas ou nas calçadas das praças, cobertos de farrapos.

A cidade os conhece pela designinação de ‘maloqueiros’ e os teme por certas audácias que praticam [...]”

(DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1935)

A matéria se inicia apresentando quem são os maloqueiros – provavelmente com o intuito de contextualizar o tema para os leitores pernambucanos. A descrição desperta em mim memórias das errâncias em campo e da própria vivência em Maceió. Penso na situação dos moradores de rua – em especial os que habitam em espaços centrais da cidade.

No trecho acima encontro qualificações que dialogam com dois significados para a palavra maloqueiro – ambas com marcações destacando que a expressão corresponde a um regionalismo alagoano. A primeira, indivíduo maltrapilho ou sem educação. A segunda, menino que vive nas ruas e pratica furtos. A descrição apresentada no jornal também parece se relacionar com o substantivo marginal: aquele(a) que vive à margem da lei ou da sociedade, não respeitando suas normas estabelecidas.

“A “maloca” – habitações subterraneas á beira-mar.

[...]

A habitação dos “maloqueiros” não fica, como se possa pensar, num “fim de mundo”. Ao termino do prolongamento da avenida da Paz, a poucos passos da encantadora arteria da cidade, portanto aos fundos da nova sede da Phenix Alagoana, está dormindo num subterraneo cavado com as unhas cerca de uma duzia de menores famintos.

O local, entre os postos de banhos de mar da avenida da Paz e Sobral, estará no verão entrante cheio de banhistas, cada manhã, para que mais publico se torne esse detalhe desolador da nossa vida urbana.

[...]

[as “malocas”] São fossos cavados na areia muito alva. Um e meio metros cubicos, mais ou menos, Cada uma accommoda tres ou quatro “maloqueiros” que dormem naquella furna branca, com um aspecto de limpeza natural. São cobertas com taboas, flandres e zinco, vendo-se apenas, de fora, a “porta” de entrada. uando chove e o fogo para cosinhar não pode ser feito ao relento, fazem-nos no subterraneo. Para isso ha uma chaminé curva por onde sae a fumaça.”

(DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1935)

A primeira definição para maloqueiro que encontro no dicionário está associada ao modo de habitar: aquele que vive em maloca. No entanto, a maloca descrita na matéria não corresponde às habitações indígenas – talvez se assemelhem muito mais às suas urnas funerárias, as igaçabas. Penso nessas "casas". Tento reconstruí-las em meu interior: buracos na areia; tábuas, flandres e zinco; uma chaminé curva por onde sai a fumaça. Lembro dos barracos que vi no Vergel. Dos moradores de rua na bilheteria do Trapichão, na marquise do Encontro Hotel (Feitosa) e na Praça da Faculdade. Arquiteturas que encontram na gambiarra soluções para o habitar.

A localização das malocas, bem especificada na matéria, me fez perceber rastros das alterações das paisagens dessa espacialidade. A encantadora artéria da cidade, hoje, não passa de uma extensão de águas escuras – que em nada lembram a cor do verde mar de Maceió. A nova sede do Clube Phenix Alagoana já não é nova, e observando sua fachada é possível perceber a ação do tempo. No mar, não há mais banhistas. Restaram apenas alguns pescadores.

As malocas não são mais na areia da praia. Mas em edificações e terrenos vazios, nas ruas e nas praças da região.

O subtítulo do trecho destacado acima me fez refletir sobre esse beira-mar em Maceió, que quando habitado por corpos marginais demanda que seja submerso, enterrado, esburacado na terra – encontrando brechas nas fissuras do solo, como as grotas. Aspecto que vai de encontro a uma das qualificações observadas no dicionário: quando o habitar é se esconder. Mas nesse caso, há uma imposição da própria cidade em esconder os maloqueiros, enquanto o beira-mar do paraíso das águas se ergue para cima da terra, se eleva. Uma cidade suspensa.

Outras duas colocações nas narrativas chamaram minha atenção. A primeira, quando o jornalista supõe que o maloqueiro habite uma área periférica ao centro da cidade – expressa na matéria como "fim do mundo". A segunda, quando informa que com a chegada do verão – consequentemente do aumento do número de banhistas – o "problema" do maloqueiro se tornará mais público.

Reflito sobre essas colocações. Parece-me haver um movimento que tende a afastar esses corpos do centro da cidade até os dias atuais. A figura do maloqueiro, quando deslocada da periferia, parece causar certo incômodo – como se corpos marginais devessem ocupar apenas espaços marginais, excluindo-os dos demais espaços urbanos. Esse incômodo não é consequência apenas das arruaças causadas por esses jovens, mas também é resultado de um encadeamento de processos históricos, sociais, econômicos e culturais.

"[...] Fixa uma occupação de todas as horas: o jogo. De bruços na areia ou sobre retalhos de esteira de pery-pery, passam a maior parte do seu tempo jogando. Têm baralhos feitos a lapis, damas com seixos de rio.

Alguns deles são gazeteiros e comem nos fréges humildes o peixe frito com batata, tomam caldo de canna, bebem aguardente.

Outros, porem, os verdadeiros "maloqueiros", sem profissão nem desejo de ter alguma, vagabundos por officio, esses jogam pedras nas vidraças, tomam bigu's nos bonds, pedem pedaços de pão nas casas e insultam que lhes nega, comendo as vezes e visitando quasi diariamente o xadrez da 1ª delegacia"

(DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1935)

A matéria apresenta, ainda, alguns indícios do cotidiano dos maloqueiros. Entre eles, o jogo. Recordo-me de algumas observações em campo: os garotos com uniformes de futebol próximos à quadra, a mesa de sinuca no bar, homens nas praças jogando dominó. Percebo uma separação entre dois tipos: os que possuem ocupação e fazem uso da aguardente e os que tem a vagabundagem por ofício – considerados os verdadeiros maloqueiros.

"– Intensifiquei, com algum resultado – prosegue o dr. Mendonça Braga – uma campanha contra esse desgraçado entorpecente, a "maconha" usada em larga escala por esses infelizes. Prohibi a venda que se fazia ás escancaras no Mercado Público e o consumo certamente tem decrescido."

(DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1935)

[14] Carlini (2005) explica que "de uma certa maneira, a história do Brasil está intimamente ligada à planta Cannabis sativa L., desde a chegada à nova terra das primeiras caravelas portuguesas em 1500. Não só as velas, mas também o cordame daquelas frágeis embarcações, eram feitas de fibra de cânhamo, como também é chamada a planta. Aliás, a palavra maconha em português seria um anagrama da palavra cânhamo" (CARLINE, 2005, p. 315).

Junto ao consumo de álcool, soma-se a utilização da maconha. Assim como a cana, a maconha está intimamente ligada à história do Brasil[14]. Enquanto o tabaco pertencia ao hábito aristocrático dos senhores, a maconha era utilizada pelos escravos. Os senhores de engenho permitiam o cultivo dessa planta em meio aos canaviais, como forma de preencher os meses de ócio deixados pela monocultura da cana-de-açúcar (SAAD, 2013, p. 16).

Penso nessas plantações, em como uma proporciona o consumo de produtos aceitos pela sociedade, e a outra – quando consumida por pobres e pretos – é transformada em um vício que deve ser combatido e exterminado. Assim como fez o delegado Mendonça Braga, que proibiu a venda e o consumo da maconha no Mercado Público de Maceió. Me questiono se realmente o consumo teria decrescido, ou se passara a acontecer de forma mais silenciosa, escondida, clandestina – como nos dias atuais.

“– “Vê-se bem – acrescentou
– que o assumpto escapa
inteiramente á acção da policia.
A prisão desses menores, acto
a que somos forçados de vez em
quando, absolutamente não os
corrige; antes, pelo contrario,
certamente os incita mais
ainda. [...] Mas temos que
prendel-os, attendendo aos que
aqui vêm reclamar contra as
suas vidraças partidas, o seu
chapéo roubado e a toda uma
serie de pequenos delictos que
os “maloqueiros” praticam”

(DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1935)

Segundo o delegado, o ato de prender esses jovens não resolve em nada o problema. E mesmo assim, quase um século após a matéria, o ato de perseguir e deter tais corpos se perpetua – como se os maloqueiros fossem uma disfunção da cidade que deve ser corrigida, uma engrenagem desta máquina urbana que pode ser “consertada”.

Mas os maloqueiros apresentados no Diário de Pernambuco não são os mesmos que encontrei no campo, que aparecem nos videoclipes de rap, que permeiam meu imaginário. Assim como a palavra gambiarra possui um amplo espectro de sentidos, podendo ser empregada em diferentes contextos, o maloqueiro não pode ser corporificado em uma única definição, pois abrange uma diversidade de corpos com modos de habitar distintos. E embora possa se verificar um traço de marginalização que não desaparece da situação relatada pelo jornal aos dias de hoje, o que se quer sublinhar aqui é uma outra performance que as periferias vão construindo, cada vez mais forte e criativa dentro do âmbito urbano, apesar dos preconceitos e das adversidades a serem enfrentadas.



Figura 42: "Entre performar e maloqueirar" - Fotomontagem produzida pela autora, 2021.

II.III
ma
-lo-
queiros

[15] Para Rose, estilos de andar, vestir, gesticulação, expressão, a face e o olhar, os pelos corporais e os adornos, fazem parte de uma maquinação do ser. Todas essas técnicas de composição e adorno da carne devem ser examinadas em termos de uma relação entre o exterior, o visível, e o interior, o invisível. A autora complementa que, desde o século XX, essa relação tem sido composta e caracterizada por meio das tecnologias culturais da propaganda e do marketing, que têm desenvolvido aparatos psi para compreender e agir sobre as relações entre pessoas e produtos em termos de imagens do eu, de seu mundo interior e de seu estilo-de-vida (ROSE, 2001, p. 175-176).

A partir da escrita do diário no experimento III comecei a observar uma performance do gosto que se revela através de "técnicas de composição e adorno da carne"[15], gestos e formas de habitar que acionam espaços dentro da cidade a partir da relação entre corpo e música. Da mesma forma, na tentativa de corporificar uma maquinação de ser das periferias, percebi relações entre corpos que encontrei durante os exercícios de campo e os que performavam as produções audiovisuais de rap.

O rap surge como música feita por moradores de periferias e para moradores de periferias, de marginais para marginais. Logo, não é por acaso que os maloqueiros que figuram os videoclipes sejam, também, representações de maloqueiros que encontro nas periferias - ou melhor, na

cidade. Portanto, diante da complexidade que a palavra maloqueiro evoca, o rap pode trazer contribuições para outras compreensões desses corpos.

Por outro lado, o videoclipe – técnica midiática de recortar imagens e fazer colagens em sequência de vídeo – pode ser entendido como uma extensão da música, capaz de comunicar narrativas para além do material sonoro. Não obstante, faz-se importante ressaltar o caráter mercadológico desses produtos, através do qual elabora-se um "conceito" para a venda da música, ajudando a compor a identidade visual com a qual o artista deseja se relacionar (CORRÊA, 2007).

É por esse duplo caráter que escolho as produções audiovisuais de rap para a realização do quarto experimento. Pela possibilidade de extrair dos vídeos fragmentos de imagens que podem ser reorganizadas numa multiplicidade de outras narrativas. Mas também por compreender que a construção dessa "identidade visual" do videoclipe pode revelar vestígios de técnicas de composição e adorno da carne, entendendo que ao investigá-las, também é possível observar as relações que se estabelecem entre o corpo e o mundo.

#experimento-IV

Se no primeiro experimento dessa pesquisa a exploração das músicas se deu a partir da sonoridade, esta imersão se desdobra a partir da poesia e das imagens. Através do perder-se nas mídias digitais, destaco dez videoclipes que acredito contribuir para a discussão sobre o corpo maloqueiro: Família 33 - Um Depois de Vários (Parte II); Felype Boka e Toninho ZS - Negão da Bicicleta; Nego Zika - Uso Livre; MC Tribo - Acorda aí Loucão; Cypher Quebrada 1 - Markinhow MC, Nego Zika, Mano Cafu, Brown L, Mano F, Mc Kenshin; Invasor - Lei dos Corre III; Felype Boka, Toninho ZS - Santo Forte Feat. Mister Som; NSC - Vale do Reginaldo; Poder Paralelo - Vida do Crime Feat. Jerry Loko[16].

Num primeiro movimento, com objetivo de tornar essa imersão um pouco mais física, senti a necessidade de imprimir um acervo de imagens – composto por 215 frames retirados dos videoclipes selecionados – e as letras transcritas das músicas.

[15] Esses videoclipes foram selecionados em meio a uma imersão na produção audiovisual do rap em Maceió, na qual foram transcritas 84 músicas. Como critério, selecionei as obras em razão da fotografia e letra impressa enquanto fontes de referências sobre a performance do maloqueiro. Os videoclipes selecionados foram agrupados em um playlist que pode ser acessada através do qrcode abaixo, as transcrições das músicas utilizadas se encontram nos anexo.

QR CODE 24



Figura 43: Acervo imagético utilizado para a imersão.

No caminhar desse processo, surgiu a primeira dificuldade. Ao observar o material impresso diante do meu corpo, percebi que a apreensão de qualquer fragmento de pensamento seria uma tarefa árdua. Os pensamentos brotavam como erva daninha e a cada vez que tentava capturar algum, outro nascia em seu lugar. Pensamentos fugidios, escorregadiços, mutáveis.

Eis que me lembro de uma citação: "Não é fácil perceber as coisas pelo meio, e não de cima para baixo, da esquerda para a direita ou inversamente: tentem e verão que tudo muda" (DELEUZE E GUATTARI, 1995, p. 34). Penso nesses processos que venho construindo, que se faz a partir do meio, do embaralhamento, da sobreposição e, principalmente, a partir do que o corpo deseja. Sinto vontade de mover as imagens.

Nesse processo de proceder a este movimento, percebo narrativas que parecem se aproximar: o frame de um videoclipe parecia anteceder o frame de outro. Começo a agrupá-los. Deslocando-os de suas narrativas originais, noto – pelo menos – três grupos que chamam minha atenção e me fazem refletir sobre essa persona do maloqueiro: o primeiro, referente à violência; o segundo, ao corpo; o terceiro, ao cotidiano.

No caminho das palavras, busco narrativas nas letras impressas que me ajudem a refletir sobre essas imagens. Não de forma linear, como proporciona a transcrição da música. Mas criando lacunas, recortando, separando, embaralhando, preenchendo outros vazios.

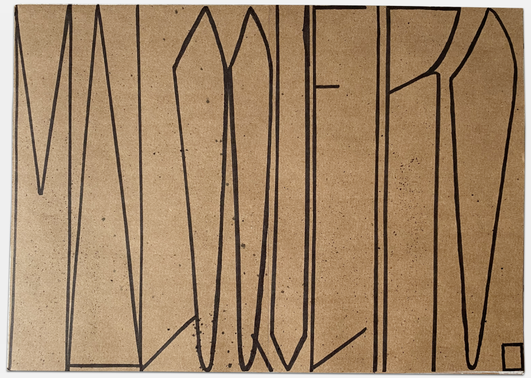




Figura 44: Diário de maloqueiro - produzido pela autora, 2021.



Figura 45: Diário de maloqueiro (caderno aberto, parte superior) - produzido pela autora, 2021.



Figura 46: Diário de maloqueiro (caderno aberto, parte inferior) - produzido pela autora, 2021.

A construção desse produto permitiu aproximar os maloqueiros que figuram os videoclipes de rap aos que permeiam meu imaginário, às definições encontradas no dicionário e aos citados na matéria do Diário de Pernambuco. E em meio a essa multiplicidade, percebi transversalidades que parecem aproximar esses corpos em determinados momentos. Uma delas é o fato de que parece haver um movimento que insiste em afastar, esconder, combater o maloqueiro. Num sentido inverso, o próprio maloqueiro parece inferir uma força na direção oposta, se apropriando da cidade com o recurso que lhe resta – seu próprio corpo.

Daí sua potência para pensar cidades. Ele não é apenas um corpo da periferia, mas corpos urbanos híbridos com transgressoras formas de ser, habitar, performar. Que não só transita entre margens e centros de formas subversivas, mas as edificam.

Ao me debruçar sobre o experimento IV, os vejo em toda a parte: corpos masculinos, em sua maioria, pretos e esguios; com pelos curtos; marcas e cicatrizes sobre a pele; ornamentados com adornos coloridos e de prata. Mas em meio aos fragmentos de imagens recortadas, uma chama minha atenção. A fotografia apresenta

quinze maloqueiros organizados em frente a uma casa. Um sentado no muro, dois de cócoras e o restante em pé. Todos usam um boné, com exceção de um escondido atrás dos outros e do cantor – este último, fita a câmera através da sua lupa escura. A imagem não se destacaria tanto em meio as outras, se não fosse pela coloração azul dos corpos – efeito alcançado através da utilização de recursos gráficos que permitem a manipulação do material audiovisual.

Ao tornar iguais as diferentes tonalidades de pele, a escolha do azul enquanto recurso visual me fez pensar numa normatização desses corpos, na qual "ser preto" é sinônimo de maloqueiro – num sentido depreciativo da palavra. Resultado de estratégias de poder que buscam silenciar e invisibilizar tais corpos nas disputas por espaços na cidade, essa normatização parece concebê-los como uma "corporificação" daquilo que é negativo.

Figura 47: Frame retirado do videoclipe Lei dos Corre III.



Adaptado de Invasor, 2015.

[17] Disponível em: https://www.alagoas24horas.com.br/654998/mulher-e-arrancada-de-casa-e-esquartejada-em-via-publica/ acesso em: 15/06/2022.

Dentre essas estratégias, destaco a violência. Se por um lado, escrevo violência no singular – como se a ela fosse homogênea – por outro, percebo que sua falta de plural ressalta ainda mais suas múltiplas matizes. Observando as letras das músicas, lembro da matéria do Diário de Pernambuco. Penso nessa perseguição "sistêmica" por parte da segurança pública que se perpetua ao longo dos anos, com destaque para a Polícia Militar – que parece ter prazer em exterminar os maloqueiros. E quando não exterminados, são perseguidos dentro e fora das periferias: abordagens truculentas e intempestivas nas ruas, sentenças arbitrárias, crueldade gratuita. E pior ainda: enclausurados, torturados e amontoados uns sobre os outros em celas, ambientes indignos à vida humana.

Pois a situação de violência, do inocente ou em decorrência do crime, persiste. Com códigos e condutas próprias se estende de diferentes formas e alcança diferentes corpos, não só o do maloqueiro: "lei do gueto é proceder" (PODER PARALELO, 2019) – lembro da mulher cabueta que foi degolada no conjunto Carminha[17], no Benedito Bentes. O crime que se aproveita de meninos "que se não for pra pista não vai ter nem o pão" (FELYPE BOKA, 2015) e de outros



Figura 48: Fotomontagem produzida pela autora, 2021.

insatisfeitos com o sistema, no qual fazer o corre é mais lucrativo que o trabalho que resta. O crime que encontra no próprio desenho gambiológico da periferia – seja em becos, vielas e grotas – um espaço propício para sua sobrevivência "por trás do barraco se esconde a malícia eu sei" (NEGO ZIKA, 2020).

Reflito um pouco mais sobre essa relação entre arquitetura e crime. Recordo da pixação 1533 (associada ao PCC) que encontro em paredes do bairro onde moro. Logo em seguida, recordo da pixação TD2 (associada ao Comando Vermelho) que avistei em outras espacialidades da cidade. Penso no antigo hábito do meu grupo, demarcar espaços através da pixação; no pixo como forma de criar territórios; como forma de comunicação entre os maloqueiros e a periferia.

Um outro trecho de música chamou minha atenção: "aqui não tem valor o peso do seu sobrenome, aqui é o de Santos e da Silva que dá o aval" (INVASOR, 2015). Percebo potências nessa frase. Juntos, Santos e Silvas somaram aproximadamente 9 milhões de brasileiros em 2019 (FELIPE, 2019), sendo dois dos sobrenomes mais populares no país. Nesse trecho, parece haver uma inversão na qual a política – quase sempre manipulada pelas elites e famílias

tradicionais de Alagoas, tão conhecida pelo coronelismo – é tomada por corpos "comuns", através de pactos e subversões entre banditismo e poder: Santos e Silvas "liderando esse cangaço" (CYPHER QUEBRADA 1, 2019). É na contravenção que esses corpos encontram formas de organização, de ascender social e economicamente, de habitar. Mas também como forma de fazer política, mesmo se a custo da própria carne.

Não pretendo aqui me estender sobre os aspectos que tangem à criminalidade e à violência, entendendo que eles não são o foco direto da presente pesquisa, embora intrinsecamente relacionados a ela. Mas, a meta seria contextualizar estes dois dispositivos a partir de prismas diversos, para refletir sobre os maloqueiros através das suas estratégias de resistirem e se apropriarem de suas próprias realidades. Das possibilidades que criam, coletivamente ou não, visando dar sentido às próprias existências, as habilidades que expressam em fazer política através da arte, cujas manifestações podem vir relacionadas aos sons, às imagens, ou aos corpos moventes.



Figura 49: Fotomontagem produzida pela autora, 2021.

Ao voltar o olhar sobre o artefato produzido, encontro pessoas que se contrapõem a essa "normatização". Pelo contrário, o que se apresentam são fragmentos de corpos que ostentam sua pele, sua carne – ostentação esta que desconhece limites estabelecidos e acessa, sem pudor, os territórios do erotismo.

Erotização, ato ou efeito de erotizar ou erotizar-se (MICHAELIS, 2021). Silva (2010) resgata as reflexões de Albertoni em O erotismo: fantasias do amor e da sedução e explica que o erotismo é uma forma de conhecimento adquirido através do corpo na qual ele se torna objeto erótico quando deseja se revelar a outro, à medida que o desejo dos outros põe em movimento o nosso conhecimento (SILVA, 2010). É nessa performatividade de revelar, exibir, e erotizar, que ao observar outras imagens do artefato comecei a refletir acerca do maloqueiro para além de posições fixas e normativas.

Foi a marca das costelas que conformam a carne em sutis relevos, o peitoral desnudo, o contorno de seus lábios, os pelos de seus braços, pernas e cabeça, que me fizeram atentar para uma outra tipologia de discurso que transgride esse imaginário de que o rap, ao fazer política, o faz apenas através de letras que abordam temáticas como criminalidade e violência. A denúncia social aqui pode ser identificada a partir da erotização de uma série de elementos – fisiológicos e gambiológicos – estéticos que compõem o corpo e são dotados de potencial crítico.

Ao longo da história o corpo foi um objeto de culto, ritual e cuidados como nem um outro. Essa preocupação se deu em decorrência de uma gradativa transformação, responsável por convertê-lo em um campo de práticas nas quais se inscrevem preocupações com a higiene e a saúde, a busca pela beleza e o cuidado de si a partir de ditames da cultura que dizem o que é e o que não é "saudável". Desta forma, a vida passou a ser orientada, regida e reorganizada por imperativos categóricos, que fazem com que quem não se enquadre esteja fora do circuito, às margens, portanto, excluído (MACEDO, 2014, p. 243)

Já sabemos que o corpo do maloqueiro é marginalizado, excluído, silenciado, apagado. Mas a forma como figuram os videoclipes demonstram uma subversão nos estigmas que o precedem. O corpo da violência, do crime, é também o corpo erótico: "é que elas gostam de bandido" (INVASOR, 2015). É destacando sua carne que os maloqueiros se colocam em cena nas imagens, revelando territórios que transitam entre a dor e o prazer à medida que fazem política ao se apropriarem de suas próprias vidas. E para isso, fazem uso de um conjunto de "aparelhagens" e comportamentos que envolvem toda um simbologia marginal do sensual, do sexual, do viril, da maloqueiragem.

Apresentarei alguns aspectos que me fizeram refletir sobre esse corpo erótico e suas técnicas de composição e adorno da carne a partir da observação do artefato produzido. Vejamos o gesto de marcar a pele: tatuar.



Figura 50: Fotomontagem produzida pela autora, 2021.

Uma das dobras do artefato produzido apresenta um mosaico das tatuagens impressas. Em sua maioria podem ser agrupadas em "figurativas" ou "textuais", ou até mesmo pelo entrelaçamento desses dois tipos. No primeiro grupo as imagens mais comuns são as humanas, realistas ou estilizadas, seguida de objetos que parecem se relacionar a um imaginário de nobreza, como diamantes, coroas, escudos. A escrita é composta pelos mais diferentes tipos de tipografias, góticas, manuscritas, pixação, e entre os frames selecionados são mais recorrentes que às figurativas – embora pouco se possa compreender o conteúdo textual devido ao tamanho e qualidade das fotografias.

Algumas me fazem refletir sobre significados que ouvi ao longo da vida: a figura do Chucky (Brinquedo Assassino) e do palhaço – que por vezes são associadas a roubo e/ou morte de policiais – e a palavra Gangsta, tatuada em um punho – que pode remeter à participação em grupos criminosos. Mas para além desses processos de significações, essas conjecturas podem nos ajudar a perceber diferentes relações que se estabelecem entre corpo e banditismo e que ultrapassam a prática efetiva do ato infrator. Seja por real delito, ou não, pela tentativa

de se inserir em um grupo ou organização, essas tatuagens nos estimulam a observá-las também a partir de uma outra lógica.

Localizadas em espaços do corpo à mostra, postam-se como um convite. Ávidas por se mostrarem, parece haver uma fetichização em torno desses processos de significação ligados à criminalidade, na qual há uma inversão do corpo que deve ser escondido – aqui resgato as concepções de maloqueiro enquanto infrator que se esconde em malocas – naquilo que deve ser revelado, exibido, estetizado.

Mas para lém disso, ao exibirem essas marcas escarificadas em suas carnes, os maloqueiros se (re)posicionam na sociedade através de um tipo de (re)configuração do sistema na qual eles parecem interceptar o funcionamento de discursos hegemônicos. Criando um tipo de "rádio pirata" na qual põem em cheque concepções sobre o corpo nas cidades contemporâneas, ao mesmo tempo em que constroem e revelam histórias sobre si mesmo e sobre as periferias.

Por outro lado, Família 33 – nome de um grupo de rap de Maceió – se revela simultaneamente através de tatuagens, pixações em muros e



Figura 51: Fotomontagem produzida pela autora, 2021.

gestos, confidenciando vestígios das relações que se constroem entre música, gosto e cidade quando perpassadas por práticas consideradas, de certa forma, “perturbadoras”. Nesse sentido, a Família 33 pode ser compreendida como uma forma de expressão e comunicação que se revela através da música, da carne e da arquitetura. E ao aproximá-las das pixações 1533 e TD2, percebo um conjunto complexo de elementos que parece constituir um tipo de linguagem inversa da cidade, e que pode se manifestar através de desenhos e escritas. Mas também entre decalcar e mapear os corpos das arquiteturas e dos humanos.

Tatuagens, piercings e escarificações são marcas que se circunscrevem no registro imaginário. Na ausência da palavra, o sujeito encontra outras formas de se expressar e de afirmar sua existência para si mesmo e para os outros. Através das tatuagens, o corpo recebe uma nova pele, escolhida por seu dono, que porta uma inscrição particular. Mesmo que diga respeito a um desejo de igualdade ou à tentativa de inserção em um grupo, as tattoos não deixam de entrever a significação do traço sobre a pele. Essas inscrições corporais, assim como outras manipulações irreversíveis do corpo, portam a presença insistente da dor, onde o marco do corte ou da modificação mórbida se torna sede de gozo (MACEDO, 2014, p. 107).

Para além dessas primeiras impressões e do fato de se caracterizarem como inscrições na superfície da pele, ao observar as tatuagens, minha maior apreensão é de que elas transbordam em direção daquilo que não pode ser traduzido de forma “superficial”. Pois são marcas perfuradas na carne, fazem tão parte de seus corpos tanto quanto o coração, o cérebro, o estômago. Estão diretamente relacionadas aos processos de constituição do eu, ao mesmo tempo em que se aproximam de um tipo de cartografia que utiliza a carne enquanto superfície de inscrição para suas histórias. Os maloqueiros se (re)criam por meio das tatuagens, (re)configurando discursos a partir de um corpo que não está apenas à margem, mas que encontra na marginalidade a potência de existir. “Minha cor, minha tatuagem, não sou padrão” (NEGO ZIKA, 2020).

Voltando ao artefato, outro tipo de erotização que chama minha atenção diz respeito à capacidade dos maloqueiros de agenciarem gestos, adornos,

hábitos e comportamentos. Observando os frames, percebo como eles – petrificados nas fotografias – são dotados de gestualidades e movimentos. Gestos com as mãos parecem se entrelaçar ao dialeto, operando uma forma de linguagem complementar. O seu caminhar, que se desloca no espaço com um marcante balançar dos braços e das pernas. A ginga do corpo, que mais parece uma eterna dança do dia a dia. Reflito sobre os rebatimentos entre gestos das ruas e gestos artísticos. Dançantes. Performáticos.



Figura 52: Fotomontagem produzida pela autora, 2021.

Esse corpo, ostentado como um templo da vida, também se compõe de performatividade e dos atributos de se adornar. À primeira observação que faço é que são aparamentados dos pés à cabeça: "cap aba reta", "lupa escura", "cordão de prata", "bermuda de náilon", "nos kit"!

Nessa performance de se adornar os maloqueiros (re)criam seus corpos de modo semelhante à tatuagem – mesmo que de forma mais efêmera que o ato de marcar a pele. O "vestir-se", que pode acontecer uma ou múltiplas vezes por dia, parece constituir um tipo de ritual no qual o maloqueiro anseia revelar mais que sua carnalidade e evidenciar um conjunto de aparatos simbólicos que compõem técnicas de (re)composição da carne, de forma que parece quase impossível dissociar a indumentária do corpo, ou o corpo da indumentária.

Também percebo referências de determinadas marcas: Cyclone (com sua tão famosa berma de veludo), Point Radical e Jameika (lojas de Maceió), Milfitta (loja maceioense fundada por um rapper) e Prison. Recordo das expedições em campo, onde não foi incomum encontrar lojas especializadas nesses tipos de vestimentas – mesmo que nas versões falsificadas.

Essas referências colocam em discussão um outro tipo de escarificação, a que se produz através do gozo que o corpo alcança por meio do consumo de determinados produtos. Aqui, "marcar" vai além dos aspectos tangíveis que envolvem a perfuração da pele. Corresponde a uma apropriação de simbologias dentro da lógica do capital e que perpassa processos de constituição do "eu", à medida que é passível de elucidar uma estética das periferias de Maceió: "olha o visu do negão da bicicleta, tá no caráter heim? É favela" (FELYPE BOKA, 2015). É através da apropriação de marcas, que os maloqueiros vão realizando "marcações" em torno de seus corpos.

Ainda sobre as vestimentas, me chama a atenção o vermelho e azul do CRB (Clube de Regatas Brasil) e CSA (Centro Sportivo Alagoano) – definitivamente a "marca" do maloqueiro maceioense. Observo o diário. Essas duas cores, que também fazem parte da bandeira de Alagoas, parecem predominar no vestuário – desde os times do estado às camisas de outros esportes, como o basquete e o beisebol. A própria loja oficial da Cyclone, no Shopping Pátio (o shopping do Biu), se apropria dessas cores para a composição de looks em sua vitrine física e virtual. Por algum motivo, recordo o pastoril. Seu cordão azul e encarnado.



Figura 53: Fotomontagem produzida pela autora, 2021.



Figura 54: Fotomontagem produzida pela autora, 2021.



Figura 55: Fotomontagem produzida pela autora, 2021.

Adornos complementam o visual do maloqueiro. Entre eles, a prata. Correntes grossas, pingentes gigantescos, pulseiras, relógios. Lembro da música do Baco Exu do Blues (2018): "Virei imortal ao aceitar, minha pele é prata". Em Bluesman (2018), outro videoclipe do artista, há a seguinte citação: "A prata é um metal com poder de reflexão muito elevado. Do latim, Argentum, significa brilhante. Nossa pele é de prata, ela reflete luz. Um brilho tão intenso que eu me pergunto, por que o ouro é tão querido e a prata subvalorizada? Alguns hão de responder que é pela prata ser encontrada com mais facilidade. Reflita. O Brasil tem uma população de negros maior que a de brancos. Temos menos valor por ser maioria? A ironia da maioria virar minoria" (BACO EXU DO BLUES, 2018). Penso no enaltecimento a esse metal em oposição ao ouro. A prata como forma de resistência.

É através das imagens selecionadas que começo a perceber vestígios de cotidianos que nos ajudam a pensar o "morar" na periferia. Entre eles, o cotidiano vagabundo. Da malandragem. Das ruas. Em campinhos improvisados. Nas praças. Nos becos. Qualquer espaço que permita se reunir com os "parças" – penso na minha adolescência, época em que queria apenas encontrar os amigos,



Figura 56: Fotomontagem produzida pela autora, 2021.

escutar música e curtir. É o cotidiano de "tomar aquele vinho, rever os afavô, fazer uns improviso, tirar onda com os chegado e é claro, sempre queimando um depois de vários" (FAMÍLIA 33, 2015). Do olhar lombrado, do riso frouxo, "os canela de cinza" (CYPHER QUEBRADA 1, 2019).

Volto o olhar para o diário. "Lombreiros com lombreiros". Observo como esses corpos tendem a andar em bandos. Lembro do campo e de alguns vestígios de habitar – nos quais as interações com a vizinhança se desdobravam para além do espaço público, penetrando o espaço íntimo do lar. Me questiono se esse habitar coletivo, em bando – seria um outro mecanismo de resistência das periferias?



Figura 57: Fotomontagem produzida pela autora, 2021.

São os moleques conhecidos da comunidade, que cresceram nas ruas de barro, "cria da favela" (NEGO ZIKA, 2020). E que pra ter um qualquer pra gastar, faz de bicos à corres: "faz o que resta, conhece o que não presta" (FELYPE BOKA, 2015). Penso no garotão que pega um trampo aqui de auxiliar de pedreiro, outro ali de entregador. Nos flanelinhas. Nos antigos gazeteiros. Aquele trabalho que ninguém mais quer é o que parece restar a estes corpos marginalizados.



Figura 58: Fotomontagem produzida pela autora, 2021.



Figura 59: Fotomontagem produzida pela autora, 2021.

A bicicleta parece uma extensão do corpo do maloqueiro – em alguns casos, uma outra extensão mais refinada, a Shineray. "Negão e sua bike, cada dia um strike" (FELYPE BOKA, 2015). Seja qual for o corre, o camelo de duas rodas parece fazer parte do itinerário do maloqueiro – devaneando pelos pensamentos me percebo confabulando situações, invertendo corpos e paisagens: imagino uma cavalhada; mas os cavaleiros montam bicicletas; ao invés de cristão e mouros, torcidas do CSA e CRB; azul e vermelho; maloqueiro vs. maloqueiro; o campo de batalha, não só o Trapichão, mas a cidade toda. Penso ainda nas batalhas de rap.



Figura 60: Fotomontagem produzida pela autora, 2021.

Comportamentos ditos inadequados e formas de habitar subversivas. Corpos "descontrolados", "deseducados", "desalinhados", mas através dos quais os maloqueiros se deleitam no universo das seduções e dos prazeres como forma de experienciar suas vidas. Não só na luta pela sobrevivência em meio a violência, mas por entender que nele se atam os desejos, se degusta, se erotiza: peles tatuadas, adornos extravagantes, caminhar ritmado, gestos largos, olhar malicioso e o sorriso daquele que "também sabe o que é dor" (FELYPE BOKA, 2015).

O caráter midiático dos videoclipes de rap parece fortalecer esses processos de performance dos corpos, contrariando padrões de beleza, estigmas e normatizações reducionistas. Corpos que se divertem em bandos, que transitam entre centro e periferia, que entram em conflitos, fazem pactos. O rap, então, estetiza, enquadra. Se uma das definições de maloqueiro é daquele que se esconde, aqui esses corpos se exibem.



(I N) -VERSOS FINAIS

Caminhando em direção ao encerramento desta escrita – entendendo que não se trata de uma conclusão em si, mas de um apanhado dos principais aspectos que tangenciaram a pesquisa – a dissertação buscou investigar as relações que se estabelecem entre música e periferia, tomando o corpo enquanto campo de experimentações. Ao mesmo tempo em que procurou explorar percursos não-lineares, errantes, inversos.

Portanto, esse fechamento não tem como objetivo compilar tudo que foi percebido e/ou produzido, mas de uma outra forma de olhar para esses tantos fragmentos coletados ao longo do percurso, na tentativa de costurá-los de um outro modo, reorganizá-los. E nesse sentido, desperto o olhar para histórias das cidades que se escrevem a partir do corpo e sua relação com o espaço habitado.

UM CORPO (GAM)BIO-LÓGICO

Pensar as periferias através das gambiarras na primeira parte da dissertação, permitiu compreendê-las enquanto espacialidades que encontram na improvisação "tecnológica" formas de habitar em meio à falta. Com poucos recursos elas se articulam de forma criativa, tecendo nós que atam e desatam múltiplos aspectos que envolvem a vida nesses espaços. Um habitar sempre em construção, nunca acabado, finalizado, encerrado em si, que transforma objetos, casas, puxadinhos, espaços de lazer, trabalho, atalhos, e até mesmo música – pois até as formas como rap aciona sonoridades, corpos, adornos, cenários e festas parecem se entrelaçar a essa palavra.

Mas para além de um mecanismo através do qual as periferias operam, a gambiarra despertou o olhar para uma outra forma de nos (re)criarmos diante da complexidade do contemporâneo. Uma ***lógica*** que procede por meio da experimentação de um corpo ***biológico*** e ***tecnológico***, um "ser" autômato através do qual a dissertação se viu surgir.

Digo autômato em razão de alguns sentidos que envolvem essa palavra, vejamos: 1) aparelho mecânico ou eletrônico, com aparência humana, ou de outros seres animados, que reproduz seus movimentos, robô; 2) máquina, aparelho ou dispositivo que executa certos trabalhos ou funções; 3) objeto provido de mecanismo que lhe imprime movimentos (MICHAELIS, 2022).

Mas não se trata de um dispositivo ou robô que apenas reproduz a imagem humana. Ele é esse próprio ser. Mas com componentes maquínicos que se acoplam/desacoplam ao seu corpo de múltiplas formas, pois só o "biológico" não dá conta da sua existência. Ele é tão organismo, quanto mecanismo. É meu, mas também é tão seu, quanto nosso – pois não se trata da constituição de um "eu" isolado. Mas de algo próximo ao ciborgue, no sentido de uma massa de carne, osso, nervos e componentes eletromecânicos, que estão em constantes processos de conexão entre si, com o mundo e com outros corpos.

Poderia se aproximar da noção de "'bricoleurs', no sentido de podermos desviar múltiplas coisas deste ou daquele conjunto funcional para vários outros, mas também porque nossas próprias máquinas se engrenam multiplamente" (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 11). Mas a própria sonoridade da palavra parece afastá-la do contexto social e geográfico no qual se insere Maceió. Aqui as conexões surgiram por meio de improvisações, adaptações, ajustes, remendos, inventos. E ao me debruçar sobre esses processos, comecei a refletir sobre um corpo que se articula e se conecta por meio de ***gambiarras***.

Nesse sentido, faz-se importante mencionar a dicotomia entre tecnologia/gambiarra. Enquanto o primeiro – com seu conjunto "sofisticado" de métodos, técnicas e ferramentas - é tomado enquanto um campo teórico e prático do saber científico, o segundo – com seus mais diversos artifícios – é tido como um saber "popular", "do cotidiano", "da improvisação". O primeiro integra o centro dos discursos hegemônicos sobre como fazer pesquisa. O segundo se encontra às margens, apesar do seu intenso caráter artístico e criativo.

Mas a distinção entre esses dois campos não passa de uma linha tênue que pode ser facilmente rompida. Pois, como a dissertação revelou, métodos, técnicas e ferramentas tecnológicas e gambiológicas se entrelaçaram durante todo o processo: as mídias digitais não só foram

utilizadas, como também subvertidas de seu lugar comum em busca de novas possibilidades de experimentação. E embora haja uma movimentação de reflexões que já compreendem a gambiarra enquanto um saber altamente tecnológico e criativo (OBICI, 2014; PAULINO, 2014; PEREIRA, 2002), é preciso aproximá-la ainda mais dos múltiplos campos de estudos, apropriando-se dela enquanto uma forma de pensar, criar, existir e, também, fazer ciência.

Foi a partir dos rebatimentos entre os aspectos que envolvem a gambiarra, as periferias e a própria constituição dos procedimentos metodológicos, que vi surgir esse autômato: corpo que ora se conecta através de componentes biológicos, ora de componentes maquínicos, mesmo que improvisados. Em sua essência, é constituído por três eixos - no sentido de peças em torno das quais giram outros engenhos, fazendo uma máquina se mover - principais: a música, o digital e a cidade. O primeiro corresponde à força motriz que impulsionou este autômato durante todo o processo, foi alimento para seu organismo, assim como foi combustível para os seus componentes eletromecânicos.

Aqui, a música foi colocada sob primas diversos – como sonoridades, letras impressas, imagens, paisagens e performances – e observados, primordialmente, a partir da sua experimentação. Mas não só isso. Na busca por conexões e cortes, ela se pôs em contraste com outros aspectos de si mesma, outras histórias, mapas, imagens, ícones, motivando a confecção de produtos de design gráfico que agenciaram discussões em torno das periferias e da cidade. E entre técnicas e gambiarras esses produtos se viram surgir a partir da própria necessidade do corpo de pensar através do fazer, dando origem a uma coleção de artefatos imagéticos – inspiração maior da área em que atuo.

Em meio a essas gambiarras, e das conexões proporcionadas por ela, por vezes esse corpo se transmuta em outros autômatos. Foi voltando o olhar para a música enquanto performance do gosto, que as periferias se revelaram através dos maloqueiros. Diretamente ligados à história de Maceió, possuem um amplo espectro de estigmas vinculados aos processos de significações que a palavra "maloqueiro" pode evocar. Esses corpos se revelaram através do rap à medida em que

foram contrapostos a outras percepções desta mesma palavra.

Pensar as periferias a partir deles, me fez perceber uma cidade que insiste em escondê-los embaixo da terra – seja nas antigas malocas na Praia da Avenida, ou nas atuais grotas que perfuram a superfície da cidade, ou até os afastando para áreas mais longes do Centro – mas que em contrapartida, faz questão de se revelar. Não se tratou de um olhar dualista no qual esses corpos são tomados como bons ou maus. Mas de observar quais conexões eles operam a partir de uma performance do gosto, abarcando o universos dos gestos e das técnicas de composição e adorno da carne. Percebendo os maloqueiros enquanto um corpo que, apesar de marginalizado, põe em contraste questões sociais de nosso tempo à medida que nos faz pensar sobre os aspectos que tangenciam o centro e a periferia. Mais que isto, afloram com uma criatividade que os fazem essenciais para a vida da cidade contemporânea. É o fazer artístico edificando a cidade.

É através da erotização de sua carne que o maloqueiro se coloca no mundo de forma subversiva, transgressora, aos saberes e práticas que produzem controle sobre os corpos. Em resposta aos produtos desses dispositivos, o maloqueiro se revela ostensivo, ornamentado, degustante, desejante. Transformando seu corpo em território da sua própria criação, através de gambiarras e performances na qual o corpo não é só superfície na qual se inscreve os acontecimentos, mas matéria-prima de sua própria existência.

Mas a música foi apenas um dos alimentos/combustíveis deste autômato. Talvez, seu ponto maior tenha sido demonstrar na prática como um corpo se articula por meio de processos que envolvem o pensar a partir do fazer, do produzir, do intervir – mesmo sem conhecimentos técnicos ou específicos. Com pouco – ou quase nenhum – conhecimento teórico ou prático que tange o universo musical, somando-se ainda as transformações por quais o processo precisou passar em decorrência da pandemia, a alternativa encontrada foi se (re)inventar com base no que eu tinha disponível: o próprio objeto amado, o corpo e as mídias.

E aqui entra o segundo eixo, o digital. Foi através das mídias digitais que encontrei outros caminhos para a realização da pesquisa, atentando para as relações que se estabelecem entre o biológico e maquínico no contemporâneo.

Durante o experimento I, buscando explorar a música a partir de outras possibilidades, foram utilizados programas de computadores para reprodução e manipulação do material sonoro, além de ferramentas como o Google Earth para a realização de estudos cartográficos e exploração dos lugares. No segundo experimento, o gravador foi utilizado enquanto recurso maquínico para ampliar as potencialidades da memória auditiva do corpo. As mídias sociais foram essenciais para a composição do universo de análise, se desdobrando num acervo imagético-sonoro que serviu de base para a criação dos produtos de design gráfico - que intercalou entre processos manuais e digitais - e para as análises.

E, embora a presença das mídias em nosso cotidiano já fosse amplamente discutida, a pandemia pareceu evidenciar ainda mais essa hibridização entre o físico e o digital. Foi a partir desse acoplamento entre corpo e máquina que comecei a perceber este autômato enquanto um ser de carne e componentes eletromecânicos, ao mesmo tempo em que constitui uma forma de ser/existir na contemporaneidade. Mas não só isso, através dessa hibridização foi possível explorar uma abordagem metodológica que ora se pauta no material, ora no digital, mas que em ambos os casos compreendem o corpo enquanto campo de experimentações. E seguindo a gambiarra enquanto uma lógica bio-tecno-marginal, é possível encontrar novas perspectivas para a compreender não só as periferias, mas também o espaço habitado. Pois somos criativos por natureza – seja ela orgânica ou mecânica.

Trata-se de criar um corpo (GAM)Bio-Lógico como forma de escapar de concepções postas, enraizadas em si mesmas. Um ser que se monta, desmonta e remonta infinitas vezes, com eixos removíveis, pontos de articulações desarticulados e rearticulados. Pois antes de uma designação, ele é um convite às múltiplas formas de experimentação.

Seu terceiro e último eixo, a cidade, faz parte deste autômato, tanto quanto o autômato faz parte dela. Foi através desse corpo que foi se construindo uma cartografia de Maceió traçada a partir das histórias da carne – segundo ponto desses (in)versos finais.

CIDADES DO MEU CORPO

A partir de uma atividade realizada na última disciplina cursada no Programa de Pós-Graduação, Atelier Cidades, que tinha como objetivo vestir o tema da pesquisa, despertei o olhar para uma outra intenção que surgiu ao longo do processo, passando quase desapercebida: a de falar de si mesmo. Na busca pelas cidades dos corpos do rap, da periferia, do maloqueiro, me (re)encontrei com as cidades do meu próprio corpo. Entre narrativas e fabulações foi se construindo uma Maceió que revela histórias inscritas na minha pele, carne, entranhas e ossos. Mas que se põe em contraste com outras tantas histórias.

Foi pensando a tatuagem a partir do maloqueiro, não apenas como uma forma de expressão e afirmação de sua existência, mas como um gesto através do qual ele se (re)cria por meio da demarcação e inscrição da carne, que a escolhi enquanto motivo conceitual para a produção da vestimenta. Mas não só por isso, por se tratar também de um tipo de “escrita imagética” que dialoga com a forma que as cartografias se construíram ao longo da pesquisa.

Traçando as primeiras orientações para execução dessa experiência, o elemento primordial a ser definido foi o tecido. Este, deveria se moldar ao corpo, imitando um tipo de pele. A segunda definição foi em relação às "tatuagens", que deveriam ir além do simples ato de inscrever sob a superfície, mas também na utilização de técnicas e instrumentos que permitissem furar, penetrar, atravessar o material têxtil. Quanto aos materiais, optei por tintas, linhas, fitas, retalhos de tecido, miçangas, adesivos, plástico filme e cola. Por fim, quanto aos motivos a serem tatuados, escolhi reconstruir fragmentos de memórias e paisagens desta minha Maceió, a fim de produzir uma outra cartografia da cidade.



Figura 61: invólucro (IN)Versos da Carne, 2021.

A produção dessa vestimenta me fez refletir sobre essa necessidade do corpo de falar sobre si. Se por um lado a pandemia proporcionou um movimento no qual voltei para dentro de mim, percebi que esse processo não significou excluir o(s) outro(s), mas que consistiu num ato de "descasular". De nos metamorfosear a partir da descoberta das potencialidades do nosso corpo em guardar cidades. Portanto, falar dessa Maceió também significou abrir caminhos para falar das minhas experiências e histórias.

Sendo assim, ao mesmo tempo em que um "ser" (GAM)Bio-Lógico foi se construindo ao longo da pesquisa, um outro foi se fabricando. Um corpo-mapa que se desenha na superfície da carne a partir das suas relações com mundo, costurando à carne uma Maceió que é tão cidade, quanto corpo.

E ao observar essa cartografia corporificada, percebo alguns aspectos que dialogam com a forma como os mapas foram produzidos ao longo do percurso. O primeiro consiste na disposição dos elementos na superfície, parece haver um tipo de setorização de espacialidades. No entanto, as bordas que delineiam os setores não parecem ser capazes de fixá-los, visto que alguns dos elementos escapam e se sobrepõem a outros – criando um tipo de continuidade na qual os fragmentos se misturam em um grande mosaico.

O tecido de "laycra", utilizado com objetivo de simular a pele, ressaltou o desenho do corpo, criando um jogo de profundidades que ora destacam, ora escondem, os elementos num tipo de mapa dos relevos da carne. Chamando atenção, também, para um aspecto que apareceu de forma tímida durante toda a escrita deste trabalho: o corpo feminino.

Apesar de caber um questionamento sobre o local da mulher nesta pesquisa, o que se evidencia é que se tratou de uma imersão em um universo que se consolidou, no decorrer da análise, masculino. Mas, ao tornar tão latente a presença desse corpo, ao vestir a roupa e encarar o reflexo de uma mulher no espelho, o que se mostrou à ponto de não poder ser mais ignorado, foi que a distinção entre masculino e feminino borravam a minha percepção do meu próprio corpo.

Isso porque, durante a imersão nas minhas memórias e histórias o que se revelou foram experiências nas quais o corpo não operou por meio dessa distinção, mas por outros tipos de conexões. Um corpo que se moveu em busca de sensações, experiências, prazeres, e na tentativa de alcançá-los performa entre um "ser feminino" e um "ser masculino".

Através das narrativas produzidas encontro vestígios que podem nos ajudar a pensar sobre essa transitividade entre performances – que por vezes também parece borrar os limites que as separam. Faz-se importante destacar que não pretendo me debruçar sobre uma discussão de gêneros, mas de compreender que as histórias que se construíram junto ao meu corpo foram essenciais para que essa concepção do masculino e/ou feminino por vezes se tornassem turvas.

Cresci numa família grande, na qual mulheres e homens tinham seus lugares bastante definidos – as primeiras na cozinha do lar, os segundos na rua – havia também uma hierarquia entre os gêneros, além de (pré)conceitos estabelecidos sobre os corpos uns dos outros. Mas por algum motivo, fui crescendo como uma falha do sistema: acompanhava meu avô e meus tios em suas explorações da cidade; convivia constantemente com quatro primos e como consequência meu comportamento por vezes reproduzia os deles; na adolescência, com exceção de algumas amigas, todos os outros eram homens.

Foi observando um conjunto de comportamentos me ditos masculinos, tão libertos de amarras, que percebi as possibilidades de exploração e degustação através de uma (re)codificação de performances do corpo. Bastava apenas um ajuste nas engrenagens do meu ser, subvertendo uma lógica que separava feminino e masculino, transformando o corpo em espaço através do qual se atinge os prazeres, em territórios de criação e invenção de ser.

Mas não falar sobre o feminino não significou negar sua existência, pois ele se fez presente durante todo o processo – e em algumas narrativas é possível encontrar fragmentos dele. E ao voltar o olhar para as tatuagens da roupa, os próprios relevos que conformam a pele afirmam sua presença, mesmo que o que se queira revelar primeiramente não seja ele.

Pois o que se quer revelar aqui é o corpo enquanto um grande cartógrafo, que à medida que se coloca no mundo, o mundo se inscreve sobre ele. Produzindo, os dois juntos, histórias que são traçadas através de mapas que vão perfurando, bordando, costurando a carne. Que por vezes seu feminino grita, outras pouco importa.

Seja pelo processo de voltar-se para si, ou porque não mais aguentava o corpo que me cabia a ponto de precisar desconstruir, reinventar, expandir esse ser/existir, que os procedimentos foram muito além do seu caráter metodológico. Foi um processo de transformação enquanto eu mesma, de um corpo que se calou por tanto tempo no intuito de escutar o mundo, mas que precisava de forma inversa, se fazer ouvir.

REFERÊNCIAS

AMADOR, DICIONÁRIO MICHAELIS, 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/AMADOR/> Acesso em: 29 de agosto de 2021.

BACO EXU DO BLUES. **Bluesman**. São Paulo: Álbum Bluesman, 2018. Disponível em: < https://youtu.be/-xFz8zZo-Dw Acesso em: 15 de agosto de 2021.

BACO EXU DO BLUES. **Preto e prata**. São Paulo: Álbum Bluesman, 2018. Disponível em: < https://youtu.be/g0i-b1OiTzc > Acesso em: 15 de agosto de 2021.

BARROSO, I. S. **Entre as ruas e as mídias: das redes de hip hop aos circuitos de batalhas de rimas alagoanos**. 2019. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Ciências Sociais. Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019.

BENJAMIN, W. **Rua de mão única**. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BISSOLI, D. C. **Grafiti: paisagem urbana marginal – A inserção do grafiti na paisagem urbana de Vitória (ES)**. 2011. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Centro de Artes, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARLINI, E. **A história da maconha no Brasil. Cannabis sativa L. e substâncias canabinóides em medicina**. São Paulo: CEBRID - Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/xGmGR6mBsCFjVMxtHjdsZpC/?lang=pt&format=html> Acesso em: 07 de outubro de 2021.

COMO vivem os "maloqueiros" em Maceió. Diário de Pernambuco, Recife, 06, de setembro de 1935. Edição 209. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=029033_11&pagfis=16388> Acesso em: 04 de março de 2021.

CORRÊA, L. J. A. Breve história do videoclipe. **VIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Centro-Oeste**. Cuiabá, 2007, s/p. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/centrooeste2007/resumos/R0058-1.pdf> Acesso em: 17 de setembro de 2020.

CORTEZ, M. F. da S. **Hibridação, performance e utopia nas canções de rap**. 2010. Tese (Doutorado em Estudos Literários) - Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2010.

CYPHER QUEBRADA 1. Maceió: 2019. Disponível em: < https://youtu.be/uk1Ptx9YsdM Acesso em: 07 de julho de 2021.

DAMÁSIO, A. R. **E o cérebro criou o Homem**. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DEGUSTAR, DICIONÁRIO MICHAELIS, 2021. Disponível em: < https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/DEGUSTAR/> Acesso em: 12 de DEZEMBRO de 2021.

DELEUZE, GUATTARI. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 1**. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de janeiro: Ed. 34, 1995.

_____. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 3**. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de janeiro: Ed. 34, 1996.

_____. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 5**. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de janeiro: Ed. 34, 1997.

_____. **O anti-Édipo - capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2010.

DOZENA, A. **Os sons como linguagens espaciais**. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, n. 45, p. 31-42, jan./jun. 2019.

EIXO, DICIONÁRIO MICHAELIS, 2022. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/maloqueiro/> Acesso em: 01 de setembro de 2021.

EROTIZAÇÃO, DICIONÁRIO MICHAELIS, 2022. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/maloqueiro/> Acesso em: 01 de setembro de 2021.

FELYPE BOKA. **Negão da Bicicleta (Feat. Toninho ZS)**. Maceió: 2015. Disponível em: < https://youtu.be/iqEvIxLh8ho > Acesso em: 07 de julho de 2021.

FELIPE, M. **A origem dos 12 sobrenomes mais comuns do Brasil**. Revista Bula, 16 de setembro de 2019. Disponível em: <https://www.revistabula.com/25839-a-origem-dos-12-sobrenomes-mais-comuns-do-brasil/> Acesso em: 17 de DEZEMBRO de 2021.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica: Roberto Machado. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FRITH, S. **Performing rites: on the value of popular music**. Massachusetts: Harvard University Press, 1998.

GOSTAR, DICIONÁRIO MICHAELIS, 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/gostar/> Acesso em: 27 de DEZEMBRO de 2021.

HENNION, A. **Pragmática do Gosto**. Desigualdade & Diversidade – Revista de Ciências Sociais da PUC, Rio de Janeiro, v. 1, n. 8, p. 253-277, 2011.

INVASOR. **Lei dos corre III**. Maceió: 2015. Disponível em: < https://youtu.be/swG423UOhH4> Acesso em: 07 de julho de 2021.

JUÁREZ-SEDANO, A. D. **La ciudad en la música. Vertientes de análisis**. Magotzi Boletín Científico de Artes del IA, Pachuca, v. 10, n. 19, p. 1-12, jan./jul. 2022.

MACEDO, S. **O ato de tatuar-se e sua relação com o eu**. 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

MALOQUEIRO, DICIONÁRIO MICHAELIS, 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/maloqueiro/> Acesso em: 30 de setembro de 2021.

MARGINAL, DICIONÁRIO MICHAELIS, 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/marginal/> Acesso em: 30 de setembro de 2021.

NEGO ZIKA. **Uso livre**. Maceió: 2020. Disponível em: < https://youtu.be/v_34Mmnfin4> Acesso em: 07 de julho de 2021.

OBICI, G. L. O. **Condição da escuta: mídias e territórios sonoros**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

_____. **Gambiarra e Experimentalismo Sonoro**. 2014. Tese (Doutorado em Artes) – Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

PALLASMAA, J. **Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos**. Tradução técnica: Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2011.

PAULINO, F. **Gambiólogos 2.0: as gambiarras nos tempos do digital**. 2014. Disponível em: < https://issuu.com/gambiologia/docs/catalogo-gambiologos2-

web> Acesso em: 13 de janeiro de 2022.

PEREIRA, G. de G. **Rua dos inventos: ensaios sobre o desenho vernacular**. Rio de Janeiro: F. Alves, 2002.

PODER PARALELO. **Vida do crime (Feat. Jerry Loko)**. Maceió: 2019. Disponível em: <https://youtu.be/-mN3b2ccvDQ> Acesso em: 07 de julho de 2021.

PROTO, C. **Transitividade Sônica**. 2020. Dissertação (Artes Visuais) – Instituto de Artes. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

ROSE, N. **"Inventando nossos eus"**. In.: SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.). Nunca fomos humanos. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 137-204.

RUI, L. R. **A física na audição humana**. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Física, 2007.

SAAD, L. **"Fumo de negro": a criminalização da maconha no Brasil (c. 1890-1932)**. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

SAFIRE, W. **ON LANGUAGE; The Rap on Hip-Hop. The New York Times**, Nova Iorque, 08 de novembro de 1992. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1992/11/08/magazine/on-language-the-rap-on-hip-hop.html> Acesso em: 25 de março de 2021.

SANCHES, C. **Lenda da Mulher da Capa Preta faz parte da história de cemitério em AL**. G1 Alagoas, 02 de novembro de 2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2013/11/lenda-da-mulher-da-capa-preta-faz-parte-da-historia-de-cemiterio-em-al.html> Acesso em: 12 de fevereiro de 2022.

SEFAZ/AL – Secretaria de Estado da Fazenda de Alagoas. **Vida Nova nas Grotas é finalista em prêmio internacional sobre cidades inteligentes**. 2020. Disponível em: <http://www.sefaz.al.gov.br/noticia/item/2719-vida-nova-nas-grotas-e-finalista-em-premio-internacional-sobre-cidades-inteligentes 24/10/2021> Acesso em: 12 de outubro de 2021.

SILVA, M. H. F. da. **Uma análise à performance hip hop como prática na construção de significados culturais na cidade de Caruaru, sob a ótica do design**. 2016. Monografia (Graduação em Design) - Centro Acadêmico do Agreste. Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2016.

SILVA, C. N. Da; DIAS, R. J**ustiça privada e banditismo: um estudo sobre as formas de acomodação de poder no Brasil Setecentista**. Revista Crítica Histórica Ano II, Nº 3, Julho/2011, p. 12-28.

STOLF, R. **Entre a palavra pênsil e a escuta porosa [investigações sob proposições sonoras].** 2011. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Instituto de Artes. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2011

URNEWS. **Los rígenes del hip hop: ¡Las Block Parties!** 2020. Disponível em: < https://urbanroosters.news/los-origenes-del-hip-hop-las-block-parties/> Acesso em: 13 de janeiro de 2022.

ESTIGA PERIFA

Chega estiga, o *riddim* tocando nas perifas
Essa é a cara das manhãs todos os dias
Os *mulekes* desenvolve, todos um então se move
Porque essa é a essência chegue mais e se envolve

Quero vida em artes
Quero transformação
Zelo por paz no mundão
É todos um irmãos

É preciso pregar o amor
E a paz em nosso louvor
Babilon ta em chamas
Levante e clama
Em nome do nosso senhor

É preciso pregar o amor
E a paz em nosso louvor
Babilon ta em chamas
Levante e clama
Em nome do nosso senhor

Quero vida em artes
Quero transformação
Zelo por paz no mundão
É todos um irmãos

Combatentes da vivência buscando pela paz
Maceió nadando em sangue passarás eu quero é mais
Que isso se transforme, que a paz seja mais forte
Que o governo não desdobre nada disso me comove

Somos frutos da revolução
Soldados armados de Jah
Raggamuff é som de perifa

Trazendo a mensagem que vai nos sarar

Eles acha que sou incapaz
Soundsystem estoura o limite
Taca fog nesses fariseus atrasa lado
Que tanto oprime

É todos um, é todos um
Desacredita não que não é pra qualquer um
É todos um, é todos um
Estiga perifa família todos um

Boby CH (part. Luiz de Assis), 2015.

#a -ne- xos

Cypher Quebrada 1 (Markinhow MC, Nego Zika, Mano Cafu, Brown L, Mano F, Mc Kenshin)

Nós vai vencer, cê vai ver
O quanto a gente luta pra sobreviver
Nós vai vencer, cê vai ver
Não desiste nunca, a luta é viver

Tá roncando os coyote, hey
E as nave chamando no grau
O grave tremendo a laje da favela
Aqui falador passa mal
Vai
Justiça na terra é Xangô
Vai nas manha, na ginga que moiô
Se os muleque vacila rodou
Malandragem Bezerra ensinou
E os preto é chato, debochado
Malandramente educado
As canela de cinza é os cria do gueto
Mocambo revisitado
Me livrei da carteira de escravo
Meu produto tá valorizado
Só quem tá nos corre sabe
Porque os talento sao desperdiçado
Dinheiro nós quer, quem não quer?
É o corre das nota, né neguim?
Zé Galinha, e não Zé Mané
Então vai, separa os malote pra mim
Nos becos e vielas eu cresci
Da favela eu sou jovem aprendiz, entendeu?
Larguei o ferro, peguei o mike
E cantei que os favela venceu

Se eu quiser aquilo que eles não conseguem
Vou ter que fazer o que eles não fizeram
Sempre que alguma lembrança me persegue
Era como se eu voltasse a estaca zero
Tô ligeiro que é fácil ser falado aqui
Que é por aqui que mora a criminalidade
Mas eu queria mesmo era ver você aqui
De peito aberto encarando essa realidade
Pelas ruas do meu bairro ando a vontade
Por aqui eu não preciso mais me envolver
Desse corre eu me sai antes que fosse tarde
Ver aquilo que eles não conseguem ver
A minha ideia vai grudar na sua mente
Eu tô ligeiro que vai ser ruim de tirar
Se eu falo apologia eu sou delinquente
Mas é só o coração dela que eu quero roubar
Sorriso cínico, não liga pra nada
É um caso sério que só dá risada
Que curte a vida na melhor medida
É que tá ligeiro, tudo tem saída
Se não tem saída, bota isso na conta
Me estressar pra que? Se isso não adianta
Bagulho é ser feliz, o riso é o esquema
Se o ódio resolvesse ninguém tinha problema

Mano a vida do crime é embassada
Ela não tem nada a te dar
Tenha fé em Deus, tenha fé na vida
Que as coisas vão melhorar
Bem lá na frente você vai lembrar de todos que te desmereceu
E quando no topo do topo chegar
Vai gritar que a favela venceu
Só mais um moleque que não tinha nada além da sua capacidade
O sonho de ser um MC famoso e representar a comunidade
Querendo apenas a oportunidade de apresentar seu talento
Ao invés de uma arma escolhi os livros e teve vários livramento
Talvez se tivesse ingressado no crime não estaria mais aqui
Hoje posso dizer o rap salvou minha vida
Por isso ainda não morri
Quantas vezes deixando o corpo estirado eu vi a polícia invadir

Só pelo fato de hoje estar vivo já posso dizer que venci

Nós vai vencer, cê vai ver
O quanto a gente luta pra sobreviver
Nós vai vencer, cê vai ver
Não desiste nunca, a luta é viver

Foi na rua de barro que nós cresceu
Aprendendo o certo na vida errada
Minha mente é um bikera de rima
Cantando mais do que as quadrada
Livros ao invés de armas
Pra todas as nossa quebrada
Fé, paz e amor
Subúrbio, tamo em casa
O som trinca nas caixa fazendo revolução
E o time já tá montado
Contenção de rajadão
Quem canta encanta e os males espanta
Eu levo a minha vida a sorrir
Maior riqueza da nossa quebrada é ver os morar e as criança feliz
Nós é raiz, Maceió AL
Sempre curtindo alguns bons raps
Com os pés no chão, assim nós segue
Segura o peso
Isso é nordeste, não teste
Mas se testar vai conhecer os menor para lá
Trepado de rima pesada é um monte
Colete é a fé
A arma é o microfone
Segura o bang

AL no nacional, não desacredite
Olha só onde levamo o nome dessa city
Vai tocar no iphone porque essa é hit
Olha esse flow
Foca nesse kick
Sigo trilhando meus passos
Com excelência em tudo que faço
Sem molezinha pra quem veio de baixo
Voando de cabeça e pensando alto
Tipo astro astronauta conquistando o espaço
Liderando esse cangaço
AL no topo é fato
Agora quer meu contato, mas dispenso pela saco
Posso até ser errado, só que a ideia é certa
Postura não é só ter a coluna ereta
Quero minha mãe feliz
Sempre foi minha meta
Posso não tá no topo, mas sempre fui poeta

Nós vai vencer, cê vai ver
O quanto a gente luta pra sobreviver
Nós vai vencer, cê vai ver
Não desiste nunca, a luta é viver

Família 33 - Um depois de vários

Muita gente dizia que o Felipe não podia
Fumar uns baseado por causa da policia
Minha mãe sempre vinha me contava
Como reclamava, mesmo assim continuei
Nas bocas do conjunto onde moro considerado o maior freguês
Fazer o que se eu sou crônico, meu rap é cômico
Desse jeito eu só vivo fumando
Eu tô ligado, governo é safado bloquearam, modo sociável mais saudável
Diz que é proibido, mas se eu tivesse dinheiro eu comprava era um quilo
Porque maconha nunca falta na quebrada
Tenho certeza que os cara não planta as tonelada
Se o som é de lombrado apologia um caralho
Eu relato os fatos que fiquem peidjados
Bermuda de náilon, escutando sempre zio
Aliviando a densidade desse lugar hostil
Foi a herança que deixaram pros nativos do Brasil, serviu!

Esquenta a mente, carbura, natura, que é pura, já conferimos a textura
Diferente da preta, que é dura, é o que mais tem nas ruas
Nois pega toda vez num role de 3-3
De menor com invasor, ficar mais uma vez
Felipe boca chega, e não desaponta
Com os olhos quase sangrando de tanta hidroponica
Estilo gangueiro nois sai com as safadinha
Nois começa no beck depois nois tira a calcinha
Chapado de prensa deixa elas no delirio
Então espera um pouquinho que já vem crise de riso
É so por causa da erva que eu me cheguei
Do ladrao essa doidinha eu já ganhei
Prensado, skank, chicleta hidroponica, manga rosa
Chazinho natural, a tonta, essa é a formula
Que deixa as cachorra de perna bamba

Familia 33 já deixa a erva pronta
O murrão ta bolado toca fogo na ponta
O pavio é curto explode logo essa bomba
Escravos de jó jogavam cachanga
Dichava e bota na seda pras nois fuma
Lombreiros com lombreiros não faz nada sem fumar
Lombreiros com lombreiros só vivia se fumar
Um depois de varios eh isso que nois vai fumar
Um vinho na taca com um beck so pra acompanhar
Um vinho na taca, um beck da massa
Curtindo um rap do lado umas gata
Você ta em maceió, essa é nossas ilha
Só louco de responsa, 33 é família
Um vinho na taca, um beck da massa
Curtindo um rap do lado umas gata
Você ta em maceió, essa é nossas ilha
Só louco de responsa, 33 é família

To encharcado, depois de uma sessão do prensado
Como é bom ta marolado, pensamento la no alto
Sorrindo pra caralho, arrudiado de gata com a pacoteira da massa
Pega a cabeça de nego bota na mão e distrava
Bolar na pure hemp da uma esticada
Acende, puxa, viaja, relaxa
Tamo em Alagoas mas parece a Jamaica
Canabis não falta, da manga rosa se meterem achatada
Quem aprecia pega logo uma parada
E bota um murrão pra sua rapaziada
Na praça, na mata, na praia, THC, na mente da rapa
Escutando ilusões, o som dos compassas
Caçando as deboxadas, escassez 33
Esquema não falta e nois brinda na taça
Chega ai ô danada, sei que voce ta ligada
Lombrada e a muito tempo já me olha encantada
Cê de hoje não passa vamo la pra casa fazer amor toda madrugada
É papo de homem não é de canalha
Sou dog dog to facinho to na pista, mas não sou vigarista

Tu ta sozinha ta carente mal resolvida
Vou te dar uma assistencia querida
Depois maconha larica
A sobremesa é voce ó que delicia

3, 3, vulgo Invasor e na busca do espote premiado eu também tô
Sem olho grosso, só quero a minha cota e mais nada
Quem quer mais que os oto, acaba com as migalha e num da nada
O meu itinerário é clima show, tomar aquele vinho
E vê os afavô, fazer uns improviso e tirar lombra com os chegado
E é claro sempre queimando um depois de vários
Galego, Romario, Falcão e Basquete
Uri, Kamikaze sem esqueçer do Flash
Respeito prevalece, pra nois ta bom assim
Colar com pilantra nois nem ta afim
Então liga as preta que hoje a noite ta massa
Incendiando funk muito vinho na taça
Pras gata é de graça, pras feia nem pagando
Se é tudo nosso mermo, então, vamo que vamo
Vê só quem vem chegando é o bomb e o pot
Representando bem minhas ilha, é a norte
A parceria forte com a sul, com a oeste
É gangster, rap, AL, Nordeste
Rolando varios beck, curtindo com as princesa
Fumaça na cachola, na mesa varias breja
Ei, boca traz a seda, e o dichavador
Na hora de bolar pode deixar com o Invasor!

Um vinho na taca, um beck da massa
Curtindo um rap do lado umas gata
Você ta em maceió, essa é nossas ilha
Só louco de responsa, 33 é família
Um vinho na taca, um beck da massa
Curtindo um rap do lado umas gata
Você ta em maceió, essa é nossas ilha
Só louco de responsa, 33 é família

Felype Boka – Negão da Bicicleta (feat. Toninho ZS)

MNegão da bicicleta é o alvo da flecha
De vez em quando a flecha vem e acerta
Negão da bicicleta, pedaladas léguas
Faz o que resta, conhece o que não presta
Negão da bicicleta que trabalha e dá duro
Negão da bicicleta rouba e perde tudo
Súdito é meu título
Botei currículo pra não ser corrupto
Emprego digno ou bandido súbito
Está comigo a decisão
Mocinho ou ladrão em busca dos pote premiado
E nessa decisão já foram quanto irmão de embalo?

De bigú com negão da bicicleta
Vamo nessa, que eu tô com pressa
Olha o visu do negão da bicicleta
Tá no caráter, heim? É favela (2x)

Felype Boka no cantinho
Chegando na humilde sem pantinho
É o que nos permite viver
A malícia rola e o que sobra
Quando poca a corda é sempre pro mais fraco
Sobre um camelo de duas rodas
Play se apavora quando o favela cola
Não que eu seja terrorista
Nem integrante mafioso da Yakuza
Mas quando é periferia acusa
Saia justa, nos lígio dos pesado
Cruzeiro é Tabuleiro do Martins
E pode ir seguindo até o vergel
Mato é chapéu
Apronta, mete bronca pro papel
Todo dia nasce o sucessor da malandragem
Negão da bicileta habita em toda a grota
Para a salvação os cara que boicota
Ninguém se importa se coça
Quando ver as nota de 50

Deixa qualquer um com boa aparência
Nunca quis ser biquete, admirei 157
Quando pivete nas quebra em mobilete
Balando as g com a gilette
Tá complicado, distante de ser um doce
Essa opção de assinar o 12 ou 33
A cena é ser coadjuvante irmão
Essa é minha vez

Tá na sequela
E o que tem demais correr por ela?
Negão e sua bike, cada dia um strike
Desviando de quem sepre o quer mal
Contatos a milhão, interior e capital
Ninguém entende, ser visto como mais um indigente
Carente da saúde, do corpo e da mente
Só de ver os boy contente, saco a contradição
Nasceu em berço de ouro, diferente do negão
Que sempre pedalou, não tem habilitação
Que se não for pra pista não vai ter nenhum pão
Quanto mais um carrão que teu pai vai te dar
Pra você estudar, passar no vestibular
É diferente
No final tudo é humano
E pra ter essas moda cada um tem os seu plano

Estudar o que é que é isso?
Traficar e roubar esse é meu compromisso
Deixa um garotão desse moscar no sinal
Que eu tô cheio de terror pra fazer um funeral

O governo é aquilo
Deixa o povo esquecido
Desfruta do melhor e o negão é proibido
Agora aguenta
É pedalada em pedalada
Desviando das bala, construindo a nova saga
De quem as vezes é caça, as vezes é caçador
Daquele que sorri, mas também sabe o que é dor
Tipo Xarope, que se foi pela inveja

Uma salve topado aos negão da bicicleta

Cês tão ligado que os cara só quer uma brecha
É pra jogar a culpa no negão da bicicleta (2x)

Criado pela oposição
Exterminado pela opressão
Hoje tem milhares no mundão
Negão da bicicleta é o alvo da sociedade
E a flecha na cara do sistema

Felype Boka e Toninho ZS (Feat. Mister Som) - Santo Forte

O meu santo é forte, véi
Ele até ressucitou, ele até ressucitou, ele até ressucitou
Foi plá plá plá plá plá na cara de quem desacreditou
Plá plá plá plá plá na cara de quem desacreditou (2x)

Periculoso, som cabuloso, quebrando as tranca do meu calabouço
Saindo, fugindo, a corda no pescoço
Problema colosso, não vejo saída
Querem arrancar o meu nome do livro da vida
Cobrando as fita, querendo poder
FHC
FMI
Mais THC para mim
Fogo na bomba saindo das sombras
Nós se destaca, sem desacatar quem soma
Apenas nós some com quem desacata
Vários morteiro, artilheiro, os três mosqueteiros
Caindo com seu Dartagnan
Quando morderam a maçã
Venderam a alma para o Tio San
Que iluminare, quem iluminou o salão
Essa porra é um puteiro
Nada aqui muda
O tempo não para, Cazuza
Quem chega de fora usa e abusa
Filha da puta, ainda me acusa
Diz que é do povo a culpa
Que vota errado na urna
O jogo de quem manipula
Filha da puta

O meu santo é forte, véi
Ele até ressucitou, ele até ressucitou, ele até ressucitou
Foi plá plá plá plá plá na cara de quem desacreditou
Plá plá plá plá plá na cara de quem desacreditou (2x)

Toninho ZS pegou o microfone
E agora o terror é paranormal
Denunciando o sistema e os patife
Por isso para uns parar é normal
Não que consiga afinal
Por cima, por baixo
Na frente, por trás
De um lado e do outro
Boca fechada e banhado nas águas de sal
Foda-se o som do ano
Os cara ainda quer se matar
Não quer se ligar
Junto nós somos mais fortes
Não vai faltar atitude pra revidar
Dica da esquina, um soldado tipo Aquiles
Tentam acertar o calcanhar tipo aquilo
E os boy doce no céu da boca
De boca aberta pro céu achando que a vida é um doce
Eu não preciso postar foto pra você ver
A rua conhece a minha trajetória
Pelo menos cara da minha quebrada
Não faz mais balinha com os livro de história
Infelizmente a treta resolve na pistola
É fraco na caneta, mas sabe jogar bola
B.O. tira de letra, nunca foi a escola
Uh!
Nasce um leão

O meu santo é forte, véi
Ele até ressucitou, ele até ressucitou, ele até ressucitou
Foi plá plá plá plá plá na cara de quem desacreditou
Plá plá plá plá plá na cara de quem desacreditou (2x)

Túlio vem preta que fazer mandinga pra mim
Prepara o dramin, ligaram pra mim
F33 doentin põe peso no grave pra mim
Reza pra eu não descobrir seu vacilo, reza pra eu não descobrir
Fui batizado nas águas do Nilo
Alma lavada pra eu não suncumbir
Vem com o machado e com três patuá
O corpo fechado nem espaço há
Pode tentar, nasci blindado
Tá muito fácil nem para suar
O próprio cão já tentou me zoar
Meu próprio chão já tentou me tragar
Tava sem fé, na sua festa
Que o meu santo veio estragar
Tá repreendido, falsas promessas, tamo perdido
Falsos profetas, povo rendido, vendas nos olhos, Brasil vendido
Vários capeta tomando partido
O alma sebosa de terno enrustido
Meu santo é forte, trama comigo
Meu santo é forte, trama comigo

O meu santo é forte, véi
Ele até ressucitou, ele até ressucitou, ele até ressucitou
Foi plá plá plá plá plá na cara de quem desacreditou
Plá plá plá plá plá na cara de quem desacreditou (2x)

Invasor – É a Norte

Irmão vou te falar, a Norte é um bom lugar
Seja bem vindo na humilde a minhas parada
Princesa eu vou falar, a Norte é um bom lugar
Pra viver, conhecer, namorar, trabalhar, fazer fumaça
(2x)

Maceió lado Norte, onde o sol brilha mais forte
Onde só quem se destaca, é quem faz valer os corre
Quem é rochedo na atitude, na ideia
Que corre pelo certo e não paga de comédia

E pra quem pensa que a ZN é dos boy
Tem vários guerreiros que tão no jogo por nós
As aparências engana, vai vendo a fita moral
Parece que tá tudo em ordem, mas o clima tá mil grau

Rolou operação aqui na orla essa semana
Os ganço da PRM tudo à paisana
Há dias na campana, ganhando os irmão
Derrubando o serviço e coletando informação

É ano de eleição e o que se mais comenta
É que inexplicavelmente a criminalidade aumenta
Se pá coincidência, fruto do acaso
ou consequência negativa, obra do descaso

De regata, cordão de prata, cap aba reta,
Bermuda da Adidas, na cinta um três janela
No corre das moeda, ligeiro nos pilantra
Mas um louco da Norte, fortalecendo a banca

E os de menor de arma branca, enquadrando os boyzinho
Na saída dos colégio, na porta do cursinho
Pra rodar dois tempinho, mas na fé ele se joga
Como já citou o rap, se sai que o crime é foda

Irmão vou te falar, a Norte é um bom lugar
Seja bem-vindo na humilde a minhas parada
Princesa eu vou falar, a Norte é um bom lugar
Pra viver, conhecer, namorar, trabalhar, fazer fumaça

Os gringo vem pra curtir, comer puta, usar droga
Tem esquema vem pra Norte que é onde tudo rola
Tem doce, tem coca, tem de tudo moral
Pra turista é dois por um, já convertido em real

Verão tá vindo, que lindo
Mó solzão, várias gatas
Chegou o tempo do cash
É alta temporada

Várias praia lotada, os tiozão dando os trampo
As piriguete dando o bote e os a favor faturando
Pra levar pra quebrada um qualquer pra gastar
Pra investir em algo honesto, fortalecer o lar

Se pá, comprar um motor pra agilizar as correria
Pra levar a preta em casa e pra arrastar as vadia
Me diz quem não queria começar uma pacífica família
Feliz, com saúde e dindim

Enfim, tirar uma lomba no Caribe Brasileiro
Fumar um da importada, contar muito dinheiro
E dividir com os parceiro, e parte em cinco ai
Coletividade gera lucro em dobro rapaz

Ganancioso não, ambicioso sim
Faz parte do jogo, todo mundo quer dindim
Mil procê, mil pra mim, Família 33 original old boy
style made in QG
Os mano é nordestinamente alagoano
Não adianta não, que nós não vai morgar o plano

Irmão vou te falar, a Norte é um bom lugar
Seja bem-vindo na humilde a minhas parada
Princesa eu vou falar, a Norte é um bom lugar
Pra viver, conhecer, namorar, trabalhar, fazer fumaça
(2x)

[SAMPLE]
Um salve pra todas as quebrada da minha ZN querida
Favela do Jaraguá, Poço, aí rapaziada do PCP, é tudo nosso!
Aí rapaziada da Rua do Dragão, Rua da Jamaica, Ponta da Terra, Pajuçara, Jatiúca
Aí rapaziada da Praça da Bíblia, tamo junto pesadão heim?
Rapaziada da Mangabeiras, da Cruz das Almas, tá ligado?
Aí rapaziada da Sinuca, rapaziada do Figueira, tá ligado aquele salve?
A rapaziada do Complexo, tudo nosso tá ligado? Daquele jeito
Aí rapaziada da Guaxuma, Ipioca, da Vila Emater, da Bomba
Da Grota do Rafael, do Morro do Ari, da Grota do Cigano, tá ligado?
Da Grota do Arroz, todas as quebrada aí
Se eu esquecia alguma quebrada mil desculpa
Mas é a Norte, tá ligado?
Nasci na Zona Sul
Morei na Zona Oeste
Mas a Norte que me adotou
Só agradece periferia alagoana [...]

Invasor – Lei dos Corre III

Essa é a lei dos corre
Do gueto às área nobres
De palmo em palmo é morte
Só vejo os pacote
Frojado ou homem forte
A poiva come igual
Seja lá nas fazenda ou aqui no litoral
O clima é de mil grau
E herói não veste farda
Aqui o Robin Hood é quem espelha as molecada
Portando as quadrada
Com cordão de prata
No bolso várias onça
E na nave as safada
O clima hoje tá massa e vou me jogar pra Disco
Na pista a mil por hora Léo 33 vulgo Invasor
Botando o tambor, ladrão nunca se sabe
Sábado a noite acontece altas crocodilagem
Sempre tem um pilantra querendo conspirar
Policial covarde querendo te espancar
Bota as puta pra chupar
Mete fogo no morrão
Fecha o vidro, liga o ar e aumenta esse som

Essa é a lei dos corre
Só fica quem é forte
Ladrão não quer ibope
Só quer pegar os malote
Os boy fica em choque que as mulher tudo quer dar
Os irmão só quer a paz e a polícia quer matar (2x)

Um a zero pros home
Quebraram o Tayrone
Fora os irmãozinho que o juiz mandou de bonde
Presídio Federal veneno de mil grau
Ninguém se recupera o sistema aqui é mau
Falido, precário, tem altos réu primário
De cadeia vencida que tá lá trancafiado
Vai sair revoltado bem pior do que entrou
Va meter o terror e agora doutor?
Por que não ajudou com escola, trabalho?
Agora tá amarrado no porta mala do carro
Botou os irmão no blindado, privou eles de visita
Tu vai ver como é bom ficar bem longe da família
Sem ter nenhuma escola, um hospital que funcione
Aqui não tem valor o peso do seu sobrenome
Se pá tradicional, não sei das quanta e tal
Aqui é os dos Santo e da Silva que dá o aval

Essa é a lei dos corre
Só fica quem é forte
Ladrão não quer ibope
Só quer pegar os malote
Os boy fica em choque que as mulher tudo quer dar
Os irmão só quer a paz e a polícia quer matar (2x)

Essa é a lei dos corre
Cabra de peia morre
Nem a puta da víuva do safado se comove
É que elas gostam de bandido
Curtir adrenalina
É o satanás de saia que acaba com a sua vida
É a popular periga
Vadia cocozeira
Te arrasta de quebrada pra depois ver s doidera
Mas nós não dá bobeira
Só anda no sapato
Sozinho altas vezes, nunca mal acompanhado
Encara o marolado é sempre bom andar ligeiro
Nunca se sabe quando vai se bater com os fuleiro
Dá PV ao Cruzeiro a cena é sempre a mesma
Só muda os personagens, pode ter certeza
Agora não se trata apenas de sobrevivência
O pobre quer poder, status, boa aparência
Quer sair dos barraco, poder morar nos prédio
Essa é a lei dos corre bem vindo ao mundo moderno

Essa é a lei dos corre
Só fica quem é forte
Ladrão não quer ibope
Só quer pegar os malote
Os boy fica em choque que as mulher tudo quer dar
Os irmão só quer a paz e a polícia quer matar (2x)

MC Tribo - Acorda aí Loucão

Não desisti, tô aqui, tô firmão
E assim vou resistir, sempre na contramão
Do sistema irmão, que eu sei que não se alegra
De que um preto como eu, sobreviva nessa guerra

A guerra da justiça, a guerra do descaso
Angústia na perifa em ver meu povo aprisionado
Foda né? Mas não dá pra parar
É sem lamento e o momento é pra gente lutar

Sem vacilação, a causa é legítima
Não vou vender meu voto pra esses fío da rapariga
Política nojenta, que não me representa
Poder pro povo preto pra mudar logo essa cena

Seja de Hornete, Shineray ou de busão
Vamo lá buscar o que é nosso negão, né não?
Ocupando os espaços, firmando os passos,
Reafirmando os laços

Enquanto se brinca de ser o pobre
É favela que chora ao som do BOPE
Se não é, não inventa, é só um toque
É real quando bate, deixa em choque

Alagoas é terra onde o preto sofre
Na conta sinistra das mortes
O governo milícia que visa
O extermínio do povo pobre
É aí que eu quero chegar
Na verdade já cheguei faz um tempo
Já não sei se adianta falar
Ou se é jogar palavras ao vento

Quem chora daqui, também chora de lá
O inimigo sempre foi algoz
De uma margem do rio à outra
Da nascente até a foz

Acorda aí loucão
Cê ainda não entendeu amigo?
O mundo que gira não é em torno do umbigo
Preste atenção

Levanta a cabeça e enxerga
Vacila não
Isso não é game
É guerra

Estar no topo não é muito bem a minha vibe
Pois estando lá, me distancio da base
Pés no chão de terra e cinza nas canelas
Favela com orgulho, de prontidão somos por ela

Dificuldades que você não imagina
Passar realidades com as quais você não ouse sonhar
Os contrastes que o tempo não consegue apagar
Quase nada aqui mudou, desde África

Sequestrados
Escravizados
Alienados
Somos julgados

Sabemos muito bem que aqui
No rap AL
O buraco é mais embaixo

Eu sei que isso aqui um dia vai mudar
Não importa quanto dure, cê vai ver
Favela não se cansa de lutar
Favela é osso duro de roer (2x)

Nego Zika – Usolivre

Os maloqueiro gosta da rua
Hoje os maloca não tem hora pra voltar
Nós é da noite, quem dorme perde
E tudo que eu não tive eu vou aproveitar

É só mais um preto jogado na selva com data de validade
Daquele que a própria família temia não chegar na maior idade
Descartável pro sitema
Vai! Me conta uma novidade
Diz qual é o sei problema
Eu te mostro a realidade
Imagina o tamanho da tua vitória quando tu descobrir irmão
Que eu faço parte dos preto que já venceu sem precisar usar os calibre
Tem que ter disposição
É só nós contra o mundão
Não confio em ninguém, não temo ninguém
Tá cheio de Judas querendo o perdão

Se não corre com nós é contra nós
A favela tem uma só voz
Juntos a gente tá fortalecido
Separado vai virar inimigo

Limitado nosso livre arbítrio
Essa porra tá bom pra ninguém
Se quem mata é nós, quem morre é nós
Nosso sangue virou lucro de alguém
O playboy me ver nos kit
Cercado de amigo e me acha focado
Deve ser porque pra ter respeito
Eu não precisei de um carro importado
Caminhada não é pergaminho
Tem que saber qual é a sua hora
Então viva la vida, curta la vida
E que se foda o zé povinho

Eu sou cria da favela, porra
E por ela eu fui criado
Imagina o jeito que eu aprendi que o certo É certo e o errado é cobrado
Acendo o cigarro, quero dar uns trago
Vivendo o presente, vagando o passado
O vulgo dos muro me lembra o motivo do qual eu não sou finado
Sou filho daquele que tinha um futuro e escolheu a cachaça, eh
Mas fica suave que quem me criou, também tá tentando entender essa raça
Em meio a desgraça eu fui obrigado a casar num momento difícil
A carteira assinada garante o pó
Consequência ameniza o risco

Quanto vale o poder do desejo
Jesus foi traído com um beijo
Mas se a fita é comigo
No terceiro dia certeza que eu não ressucito

Minha mente zonas de conflito
Logo eu que evito os atrito
Eu não devo a esses filha da puta
São eles que querem uma treta comigo
Se correr pelo errado é sete palmos
Nem sempre quem morre é culpado
[Verso não identificado]
Nesse lugar ser preto é pecado
Eles tem carta branca pra matar preto
Essa porra tá bom pra quem?
Se quem mata é nós, quem morre é nós
Nosso sangue é lucro de alguém

Quantas vezes jogou no meu peito o peso, a responsa de ser favelado
Um vacilo e vão dizer que eu tava na hora no lugar errado
Na calada da noite por trás do barraco se esconde a

malícia, eu sei
Com sangue nos olhos
Querendo meu sangue pra alimentar essa mídia rei
E eu só corro pelo certo e os filha da puta quer ver
meu atraso
Foi uma luta pra conquistar
Mas pra perder é a coisa mais fácil
A rasteira que vem do inimigo
Aliado se faz de amigo
Minha cor, minha tatuagem, não sou padrão
Codinome bandido, vai
Bate palma e grita mito
Parabéns pra você que é o preto opressor
Eu quero um prestígio de um jogador
E ter a importância de um professor
De onde eu venho é comum a ilusão
De querer pagar de bandidão
Achando que a vida vale menos
Que as numerada com sifrão

Neurônio Sub-consciente – Vale do Reginaldo

Só vindo aqui pra ver n$c
Só vindo aqui pra ver os louco é sangue bom
Só vindo aqui pra ver irmão pode descer
Só vindo aqui pra ver tenho um chazinho do bom
Só vindo aqui pra ver aqui tudo é a mil
Só vindo aqui pra ver a policia embaçar
Só vindo aqui pra ver alagoas brasil
Só vindo aqui pra ver eu amo esse lugar

Madruga na função, ó só como a lua tá bela,
Maceió é o pico reginaldo é a favela,
Não desacredite nela, todos só, moscou, fudeu .
Calmaê afavor paciência fi de Deus, o culpado não sou
eu,
Os contra vem de viatura,
Fé no pai, que o amuleto da sorte tá na cintura
Passo o radio pros irmãos, com o fundão carro nas ilhas
Daqueles despreparados espanca até pai de família,
Adrenalina olha a cobrança, é ou não é, quem é não
corre,
O tempo nos ensinou que nos junto, nos é forte,
Sem guerra a gente resolve, de boa sossegadinho,
Procurou com um afavor, procurou com nos tudinho,
Meus versos sai com carinho, pra quem me recebeu bem
Reginaldo por vocês, só capaz de tudo também,
Meu povo tá mal cuidado, mas luta, nunca desiste,
Esgoto á céu aberto, barraco de madeirite,
Resiste,persiste firme, no crime, tomou de assalto
Aqui a necessidade falou e gritou mais alto,
A quebrada é sem asfalto, deixa a poeira subir,
Que nos é acostumado e tem muito orgulho daqui
A tia procurando lenha,o filho noiou o bujão,o marido
alcoolizado,
Só ela contra o mundão, que pra nos só foi veneno,
Nunca tive nada mesmo, de menor aqui é louco,
Moscou é daquele jeito,
Sou suspeito, os power ranges procura minha moradia,
Diz que eu tenho que parar, que meu som é apologia
Será que é apologia real das nossas vidas?
Não tem posto de saúde, não tem quadra esportiva,
Tem louco andando de cima, que não tá de brincadeira,
Trabalhava no sinal, hoje trampa na biqueira
Forçado á várias doideiras, nos é nos, assim que é,
Sente que a cobrança vem, ninguém tá nessa por que
quer
Tô de boa no rolé, lá vem eles de camburão,
Se ficar é espancado,
Ainda levam teu cordão, te pôs de cara no chão,
De monte olha os covardes, e se correr na frente deles,
Atiram só pra ver o baque,
E a nossa comunidade a beira de um precipício,
Ó só perversidade,
Que louco, ficou horrível, e o individuo que fez isso,
É daqui o meliano,
Cuide só da sua vida, que você vive mil anos,
Não sei, não vi quem foi, cabana subiu atoa
E nem um canto tem convívio, pra esses tipos de pessoa,
Os coroa é gente boa, de boa, merece paz
Posso até sair daqui, mais esquecer daqui jamais
Lembrei de uns anos atrás, cheguei aqui descabelado,
A rapa me acolheu, sempre teve do meu lado
É o vale do reginaldo, pra que guerra namoral ?
Vários garotão rochedo, do começo ao final,
Essa é as minhas áreas, tão cedo não vou sair,
Mesmo com essas tretas todas, irmãozinho gosto daqui
Sou por você, vocês por mim, nos faz o dia das crianças,
Melhor são joão da terra, é o que rola lá no danta,
Os contra não me alcança, os pilantra não atravessa,
Abaixo do viaduto, se moscar pra nos já era,
Cada um nas suas terra, é o vale do reginaldo,
No plantão siqueira junior, nois te odeia, vei viado,
A morte do favelado, ele sorrir, diz que fudeu,
Não jugais os que tão vivo, quanto mais os que morreu,
Se fosse um parente seu ai você ia ver que louco,
Acende vela, se diverte, com a desgraça dos outros,
Não te desejo pipoco, não veja como ameaça,
Quando Deus for te julgar, só te desejo pena máxima
Tiro na quebrada, favela pra que confronto ?

Nos se unisse, nos mostrava, que era o reginaldo e pronto .

Só vindo aqui pra ver n$c
Só vindo aqui pra ver os louco é sangue bom
Só vindo aqui pra ver irmão pode descer
Só vindo aqui pra ver tenho um chazinho do bom
Só vindo aqui pra ver aqui tudo é a mil
Só vindo aqui pra ver a policia embaçar
Só vindo aqui pra ver alagoas brasil
Só vindo aqui pra ver eu amo esse lugar

Neurônio Sub-consciente – Vale do Reginaldo

Só vindo aqui pra ver n$c
Só vindo aqui pra ver os louco é sangue bom
Só vindo aqui pra ver irmão pode descer
Só vindo aqui pra ver tenho um chazinho do bom
Só vindo aqui pra ver aqui tudo é a mil
Só vindo aqui pra ver a policia embaçar
Só vindo aqui pra ver alagoas brasil
Só vindo aqui pra ver eu amo esse lugar

Madruga na função, ó só como a lua tá bela,
Maceió é o pico reginaldo é a favela,
Não desacredite nela, todos só, moscou, fudeu .
Calmaê afavor paciência fi de Deus, o culpado não sou eu,
Os contra vem de viatura,
Fé no pai, que o amuleto da sorte tá na cintura
Passo o radio pros irmãos, com o fundão carro nas ilhas
Daqueles despreparados espanca até pai de família,
Adrenalina olha a cobrança, é ou não é, quem é não corre,
O tempo nos ensinou que nos junto, nos é forte,
Sem guerra a gente resolve, de boa sossegadinho,
Procurou com um afavor, procurou com nos tudinho,
Meus versos sai com carinho, pra quem me recebeu bem
Reginaldo por vocês, só capaz de tudo também,
Meu povo tá mal cuidado, mas luta, nunca desiste,
Esgoto á céu aberto, barraco de madeirite,
Resiste,persiste firme, no crime, tomou de assalto
Aqui a necessidade falou e gritou mais alto,
A quebrada é sem asfalto, deixa a poeira subir,
Que nos é acostumado e tem muito orgulho daqui
A tia procurando lenha,o filho noiou o bujão,o marido alcoolizado,
Só ela contra o mundão, que pra nos só foi veneno,
Nunca tive nada mesmo, de menor aqui é louco,
Moscou é daquele jeito,
Sou suspeito, os power ranges procura minha moradia,
Diz que eu tenho que parar, que meu som é apologia
Será que é apologia real das nossas vidas?
Não tem posto de saúde, não tem quadra esportiva,
Tem louco andando de cima, que não tá de brincadeira,
Trabalhava no sinal, hoje trampa na biqueira
Forçado á várias doideiras, nos é nos, assim que é,
Sente que a cobrança vem, ninguém tá nessa por que quer
Tô de boa no rolé, lá vem eles de camburão,
Se ficar é espancado,
Ainda levam teu cordão, te pôs de cara no chão,
De monte olha os covardes, e se correr na frente deles,
Atiram só pra ver o baque,
E a nossa comunidade a beira de um precipício,
Ó só perversidade,
Que louco, ficou horrível, e o individuo que fez isso,
É daqui o meliano,
Cuide só da sua vida, que você vive mil anos,
Não sei, não vi quem foi, cabana subiu atoa
E nem um canto tem convívio, pra esses tipos de pessoa,
Os coroa é gente boa, de boa, merece paz
Posso até sair daqui, mais esquecer daqui jamais
Lembrei de uns anos atrás, cheguei aqui descabelado,
A rapa me acolheu, sempre teve do meu lado
É o vale do reginaldo, pra que guerra namoral ?
Vários garotão rochedo, do começo ao final,
Essa é as minhas áreas, tão cedo não vou sair,
Mesmo com essas tretas todas, irmãozinho gosto daqui
Sou por você, vocês por mim, nos faz o dia das crianças,
Melhor são joão da terra, é o que rola lá no danta,
Os contra não me alcança, os pilantra não atravessa,
Abaixo do viaduto, se moscar pra nos já era,
Cada um nas suas terra, é o vale do reginaldo,
No plantão siqueira junior, nois te odeia, vei viado,
A morte do favelado, ele sorrir, diz que fudeu,
Não jugais os que tão vivo, quanto mais os que morreu,
Se fosse um parente seu ai você ia ver que louco,
Acende vela, se diverte, com a desgraça dos outros,
Não te desejo pipoco, não veja como ameaça,
Quando Deus for te julgar, só te desejo pena máxima
Tiro na quebrada, favela pra que confronto ?

Nos se unisse, nos mostrava, que era o reginaldo e pronto .

Só vindo aqui pra ver n$c
Só vindo aqui pra ver os louco é sangue bom
Só vindo aqui pra ver irmão pode descer
Só vindo aqui pra ver tenho um chazinho do bom
Só vindo aqui pra ver aqui tudo é a mil
Só vindo aqui pra ver a policia embaçar
Só vindo aqui pra ver alagoas brasil
Só vindo aqui pra ver eu amo esse lugar

Poder Paralelo – Vida do Crime (feat. Jerry Loko)

Vida do crime/ mundo sem volta?
Cadeia, caixão ou cadeira de rodas!
Muitos que se empolgam/ entram de "cabeça"
Status, poder, ganância e avareza /
Sem rango na mesa/ se torna opção
Pra nós não compensa/ só trás ilusão
No corre do cifrão/ o que vale é o lucro
Inveja, jogo sujo e o sonho de consumo...

Submundo - subúrbio/ entre o lixo e o luxo
Da favela oriundo/ sem trabalho e nem estudo
Os menor indo pra grupo/ rótulo de vagabundo
Miséria devasta tudo/ várias famílias de luto
Como almejar futuro, em meio a tantos absurdos?
Por motivos banais/ mais um foi pro sepulcro!
Enquanto o governo corrupto/ desvia dinheiro público
Aqui muitos estão com pouco/ poucos estão com muito
Embaixo dos viadutos/ alvos da fome e do frio
Realidade cruel/ esse é o retrato do Brasil
Clima tenso, hostio/ jovens portando fuzil
Facções organizadas/ foram o que mais se expandiu
Gerando a guerra civil/ disputando pra valer
Até quem não deve aqui teme/ sofrem sem ter nada haver
Ninguém ouve e ninguém vê
Lei do gueto é PROCEDER
Certas coisas comprometem só de você saber!
Mas nosso povo vai vencer/ sem precisar se corromper
O que tá faltando é a união/ pra fazer acontecer
Esporte, cultura e lazer/ rimas que resgatam você
Se tu lutas, tu conquistas! / nossa sigla é o R-A-P (erriapê).

Vida do crime não é solução
Portar os calibres monstrão
Pega a visão
É matar ou morrer!

Nada mais importa/ É o campo minado
É faca no crânio/ Sangue no ralo
Bota na porta/ Irmãos algemados
Vítimas de fofoca/ Tem corpo queimado
E o descaso aumenta/ O roubo é escancarado
E a "justiça" é vergonha/ Não impede o verme a voltar pro cargo
Gira tambor / Sobe mais uma alma
Toca tambor/ Desce outra alma
(desce outra alma!)
Quem atirou tinha balaclava
Quem morreu tinha 14 anos
Quem atirou mora a duas quadras
Quem morreu matou o filho do ganso
O sangue é pago com sangue/ Muitas vezes matam os parentes
O sangue é pago com sangue / A polícia mata inocente
Eles não sentem fome/ Mas sentem medo (mas sentem medo!)
Meus soldados já não sentem medo
E morrem mais cedo!
Contos nos dedos que largaram o crime lá no "Biu"
Vejo no beco quanto chega pega o oitão
E almeija o fuzil
Entrei e sai/ Saí pra vê-lo crescer
Envolvi tudo de mim
Até minha mãe e meu bebê
O crime é foda! / E a periferia sangra enquanto eles lucram
De que vale ter "fama" ? / Se seu nome só roda no plantão ou na boca das "puta"
Dos arrombados/ Dos federais
(dos federais!)
De que vale ter dinheiro ?
Se não pode ter PAZ !

Vida do crime não é solução
Portar os calibres monstrão
Pega a visão
É matar ou morrer!